

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO.  
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO.  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS.

**RÁDIO: ORALIDADE MEDIATIZADA E LETRAMENTO**  
**(UMA PERSPECTIVA SÓCIO-HISTÓRICA)**  
DOUGLAS DA SILVA TAVARES

Recife  
2009

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO.  
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO.  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS.

**RÁDIO: ORALIDADE MEDIATIZADA E LETRAMENTO**  
**(UMA PERSPECTIVA SÓCIO-HISTÓRICA)**  
DOUGLAS DA SILVA TAVARES

Trabalho apresentado ao programa de pós-graduação em letras da Universidade federal de Pernambuco como um dos pré-requisitos para a obtenção do grau de mestre em Linguística, outorgado pela referida instituição federal de ensino, pesquisa e extensão.

Recife  
2009

**Tavares, Douglas da Silva**

**Rádio: oralidade mediatizada e letramento (uma perspectiva sócio - histórica) / Douglas da Silva Tavares. – Recife: O Autor, 2009.**

**141 folhas. : il., fig.**

**Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CAC. Letras, 2009.**

**Acompanha CD de áudio.**

**Inclui bibliografia e anexos.**

**1. Lingüística histórica. 2. Radiodifusão. 3. Oralidade mediatizada. 4. Oralidade. 5. Escrita. 6. Letramento. I. Título.**

**801  
417**

**CDU (2.ed.)  
CDD (22.ed.)**

**UFPE  
CAC2009-29**

**DOUGLAS DA SILVA TAVARES**

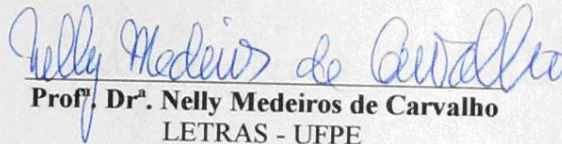
**Rádio: Oralidade Mediatizada e Letramento (Um Perspectiva Sócio-Histórica)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco como requisito para a obtenção do Grau de Mestre em Linguística.

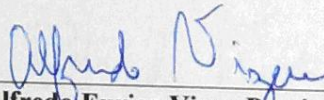
**BANCA EXAMINADORA:**



**Prof. Dr. Marlos de Barros Pessoa**  
Orientador – LETRAS - UFPE



**Prof. Dr. Nelly Medeiros de Carvalho**  
LETRAS - UFPE



**Prof. Dr. Alfredo Eurico Vizeu Pereira Júnior**  
COMUNICAÇÃO - UFPE

Recife – PE  
2009

*A Severina Josefa da Silva Tavares  
in memoriam, pelos seus  
ensinamentos sobre o que é ser e ter  
caráter e honradez; uma herança a  
que nenhum bem material se  
compara.*

Agradeço, antes e acima de tudo, ao professor Dr. Marlos de Barros Pessoa pela sua confiança, ensinamentos e incentivo durante esta minha jornada no mestrado da UFPE.

Também, agradeço à professora Dr. Nelly Medeiros de Carvalho pela atenção, incentivo e conselhos nos momentos em que tive a honra e o privilégio de conversar com a mesma.

A todos, não foram poucos, os amigos e amigas que muito me ajudaram na coleta de material histórico impresso e sonoro.

## Resumo

*O presente trabalho tem como objetivo estudar as influências linguísticas do meio de comunicação rádio na sociedade recifense da primeira metade do século XX. Com vistas a alcançar os objetivos almejados, voltamos as nossas atenções para o meio rádio e sua linguagem no período de tempo compreendido entre a década de 20 e finais dos anos 50 do século passado.*

*Visando alcançar o melhor resultado possível, realizamos uma discussão sobre as concepções e ideias relativas à oralidade mediatizada, diferenças e similitudes entre as modalidades oral e escrita, como também sobre o conceito de letramento. Todas as teorias e dados históricos foram estudados de acordo com a metodologia da história social da linguagem a qual é, resumidamente, uma forma de abordar fenômenos históricos considerando não apenas datas, nomes e acontecimentos isolados, mas também todo um contexto como: mudanças sociais; decisões políticas; modelos econômicos e, ainda, avanços tecnológicos.*

*Ao fim do presente estudo, concluímos que a linguagem do rádio tem, como um de seus constituintes, a convencionalmente chamada oralidade mediatizada. Desde o início da sua origem, a oralidade mediatizada tem sido um tipo de forma linguística de estreitas relações com a linguagem escrita. Fazendo, dessa forma, do rádio, um dos mais eficientes e efetivos atores sociais que divulgaram aspectos cognitivos da linguagem escrita, ou seja, tornando as pessoas conhecedoras de aspectos relativos ao fenômeno do letramento.*

**PALAVRAS-CHAVES:** *Linguística histórica; Radiodifusão; Oralidade mediatizada; Oralidade; Escrita; Letramento.*



## ABSTRACT

*This paper aims to study and also to reflect about the linguistic influences the means of communication radio caused in Recife's society in the first half of twentieth century. In order to achieve the presented objective of ours, we focused the phenomenon of radio as a mass communication and as a language alike, from the beginning of the twenties to the end of the fifties of the last century.*

*Aiming the best outcome possible throughout the present work, we discussed the conceptions and ideas related to mediated orality, differences and similarities between oral and written languages and literacy. All of the conceptions, ideas and historical data were mentioned and/or studied according to the social history of language method which is, in sum, a way of studying any historical phenomenon considering not only dates, names and the happenings themselves but also the surrounding events like social changes, political decisions, economical patterns as well as technological developments.*

*At the end of this study, we concluded that radio language has as one of its constituents the so called mediated orality. Since the very beginning of its existence, that mediated orality had been a kind of linguistic feature quite tied up to written language, making, this way, radio one of the most efficient and recurrent social agents that spread out the cognitive aspects of written language, that is to say, making people aware of some aspects related to phenomenon of literacy.*

**KEY WORDS:** *Historical Linguistics; Broadcasting; Mediated orality; Oral; Written; Literacy.*

## SUMÁRIO

Introdução.....	01
1. A história das ondas do rádio, o rádio no curso da história.....	06
1.1 - O início 1919 a 1930.....	06
1.2 A década de trinta - o rádio, a publicidade e o estado novo.....	08
1.2.1 O rádio Pernambucano-Agamenon e a PRA- 8.....	14
1.3 A década de 40 - A construção de um modelo.....	16
1.3.1 O fim do Estado Novo e o Rádio.....	18
1.3.2 1948 o ano em que Pernambuco começa a falar para o mundo.....	19
1.4 Os anos cinqüenta: Apogeu e queda.....	20
2. A oralidade mediatizada: voz, corpo e escrita em performance.....	24
2.1 Rádio: Arte e educação.....	24
2.2 Rádio: A tribo e o povão.....	25
2.3 Rádio: Escrita e oralidade.....	27
2.4 Rádio: Meio eletrônico, escrita e oralidade.....	30
3. Do falar e do escrever: conceptual, medial e semi-oralidade.....	36
3.1 O medial e o concepcional no oral e na escrita.....	37
3.2 As passagens.....	41
3.3 As passagens e a semi-oralidade ou texto oral de impronta escrita.....	42
3.4 Oralidade e escrita: constituições e particularidades.....	45
3.4.1 A situação: o governo do contexto.....	46
3.4.2 A situação e a dêixis.....	47
3.4.3 A perdurabilidade: o tempo da oralidade e o tempo da escrita.....	47
4. Tradição oral, tradição escrita e letramento.....	50
4.1 O homem oral: o texto e a memória.....	51
4.2 O homem letrado: o texto e a história.....	54
4.2.1 Escrita, homem e mudança na Grécia.....	58
4.3 Letramento: A escrita em e com a sociedade.....	61
5. Sintonizando as teorias.....	72
6. A linguagem do Rádio: História, escrita e oralidade – Da palestra ao espetáculo.....	76
6.1 O rádio dos concertos e das palestras: a leitura em voz alta e de longo alcance.....	78
6.2 O rádio das diversas formas: Além do longo alcance, a sedução.....	83
7. A oralidade mediatizada radiofônica e a sociedade: O caso do letramento.....	101
Considerações Finais.....	107
Bibliografia.....	111
Anexo.....	116

## **Introdução.**

O meio de comunicação de massa eletrônico rádio tem sido instrumento de estudos e divagações desde os primeiros anos de sua existência. Contudo, poucos foram os trabalhos consistentes e de base científica no início da existência deste meio. Já nos últimos anos, este quadro tem mudado significativamente com estudos englobando diferentes campos das ciências humanas.

Assim, vêm surgindo trabalhos no campo da antropologia, da sociologia, da comunicação social, da ciência política, da historiografia, da linguística, entre outros. Em todos os estudos que abordam o rádio em uma perspectiva histórica, é quase uma unanimidade o fato de que este meio eletrônico teve uma grande importância e influência que chegou mesmo a ir muito além de ser (o rádio) mera forma de entretenimento e informação.

O presente trabalho visa, como objetivo principal, trazer mais uma contribuição para o entendimento do impacto do veículo de comunicação radiofônico em seu meio social. Para tanto, estudaremos o rádio na cidade do Recife em um período de tempo que vai da década de vinte à década de sessenta do século passado. Assim, será usada como corpus, uma série de documentos históricos impressos, retirados de publicações locais e nacionais. Ainda, teremos como parte do mesmo corpus, um conjunto de gravações do período de tempo delimitado no presente trabalho.

Daí, como uma pesquisa do campo da linguística, partimos da hipótese de que o rádio, enquanto fenômeno social, teve uma significativa influência em termos de linguagem em nossa sociedade. Sobre este tema, alguns estudiosos apontam ter sido um processo de padronização o efeito linguístico do rádio em sociedade. Contudo, não nos alinhamos completamente a esta corrente. Em nossa hipótese, consideramos que o rádio não foi com sua linguagem apenas padrão, uma vez que é do conhecimento geral o fato de terem sido adotadas diferentes variedades da língua portuguesa na programação radiofônica. Levando, assim, a serem tecidas muitas críticas, da parte de puristas da língua portuguesa daqueles idos, ao que se considerava “deseducação” e até falta de padrão linguístico em tal programação. Que houve uma divulgação de um padrão de língua na programação do rádio dos anos 20 aos anos 60 do século passado, é fato incontestável. Porém, acreditamos que este não é o único, nem o principal fenômeno de natureza linguística decorrente da presença do rádio em nossa sociedade.

Diante do exposto, levantamos duas perguntas as quais servirão de guia no decorrer de nosso trabalho. A primeira é: o que e como foi a evolução da linguagem do

rádio no período de tempo compreendido entre os anos vinte e os anos sessenta do século XX? Já a segunda pergunta é: sob o ponto de vista lingüístico, qual o efeito mais representativo deste rádio na sociedade recifense de então? A fim de podermos responder aos nossos questionamentos de forma satisfatória, seguiremos algumas diretrizes.

A primeira das diretrizes a ser seguida é de natureza metodológica. Assim, seremos orientados em nosso trabalho de pesquisa pelas concepções de Peter Burke e Roy Porter (1994) para os quais uma história da linguagem humana tem que estar associada a uma visão que leve em conta o fato de uma língua qualquer apresentar tanto aspectos sociais quanto suas facetas culturais. Isto faremos, com o intuito de evitar um grande problema existente em muitos dos trabalhos de história das línguas, uma vez que nos diferentes estudos:

There remains a gap between linguistics, sociology (including social anthropology) and history, a gap which can and should be filled by the social history of language. (Burke in Burke & Porter 1994:01)

Desta feita, uma história social da linguagem para ser efetivada tem que levar em consideração uma união de teorias e concepções de diferentes campos das ciências humanas, pois só desta maneira poderá dar conta do estudo de um fenômeno lingüístico qualquer, uma vez que a língua representa o elo do homem com tudo ao seu redor e com todos os fenômenos que este homem cria ou é paciente. Para tanto, os autores vão mais longe quando eles acrescentam que as diferentes realidades sociais devem também ser abordadas nos estudos lingüísticos em uma perspectiva histórica, principalmente os avanços científicos e tecnológicos, pois:

These developments have a particular moral (or message) for the social historian. They are reminder that although languages are partially autonomous, they cannot be understood without references to the society in which they are spoken, and that 'society' includes not only the different social groups and their ways of life but the basic political, economic and technological structures as well. (Burke in Burke & Porter 1994: 15)

Consequentemente, iremos operar, no decorrer de nosso trabalho, uma junção de concepções tanto da lingüística como da comunicação social, da História geral e de outras áreas do conhecimento humano. Todas estas visões estarão em aplicação no estudo de fenômenos ligados a aspectos sociais, políticos, econômicos e tecnológicos do período de tempo delimitado em nosso estudo. Tudo com vistas a garantir uma abordagem o mais fiel possível às concepções de uma história social da linguagem.

A segunda diretriz é concernente ao período de tempo delimitado em nosso trabalho. Iremos estudar o rádio e sua linguagem, como também os reflexos lingüísticos deste meio eletrônico, com ênfase na cidade do Recife no período de tempo compreendido entre os anos vinte e o início da década de sessenta. Isto se dará pelas seguintes razões: primeiro, por entendermos haver a necessidade de uma contribuição da lingüística para com o entendimento do rádio e sua linguagem na referida época; e segundo, pelo fato de, a partir da década de sessenta, termos a presença da televisão. Tal fato demandou um novo papel para o rádio e demanda uma outra abordagem para os estudos deste rádio, uma vez ser necessário entender a televisão neste novo contexto. Coisa que não é muito possível em uma dissertação de mestrado.

A terceira diretriz está relacionada com a aplicação dos termos *língua do rádio* ou *linguagem do rádio*. Este termo estando mais ligado a uma capacidade mais universal de comunicação ou interação, como a linguagem dos surdos mudos; enquanto aquele está para um sistema simbólico histórica e culturalmente demarcado, como a língua portuguesa. Em consequência, temos o termo língua como uma das faculdades de todos aqueles possuidores da capacidade de produzir uma linguagem. Em outras palavras, temos a linguagem humana como uma capacidade do ser humano em geral e a língua portuguesa como uma das faculdades possíveis dentro do universo maior da linguagem humana. Desta feita, por ser algo mais que um sistema simbólico histórica e culturalmente demarcado (com os diferentes sons, ruídos e até mesmo o silêncio) preferimos chamar a tudo que é transmitido pelo meio radiofônico de linguagem do rádio, com a oralidade mediatizada enquanto um de seus fenômenos formadores.

A última das diretrizes diz respeito a como será organizado o texto de nossa pesquisa. No primeiro capítulo, faremos uma abordagem histórica do meio de comunicação rádio, isto com uma visão que o compreenda como um instrumento não só de comunicação, mas também como um meio empresarial e de poder. Assim, trataremos das mudanças políticas e econômicas da sociedade de então para podermos melhor entender as mudanças estruturais e de estética da linguagem radiofônica, bem como os direcionamentos dados ao rádio e suas evoluções como um todo.

No segundo capítulo, iremos discutir as concepções teóricas a respeito da linguagem do rádio. Para tanto, faremos um levantamento histórico das diferentes ideias e percepções sobre o que constitui ou representa a linguagem radiofônica. Nesta passagem de nosso trabalho, iremos fazer referências a trabalhos de pensadores como Brecht, Mário de Andrade, McLuhan, Havelock, Zumthor, entre outros. Neste capítulo,

também trataremos daquilo que convencionalmente ficou conhecido como **oralidade mediatizada**. A qual é um constituinte da linguagem típica dos meios de comunicação de massa eletrônicos, incluindo-se o rádio.

O terceiro capítulo será dedicado a uma discussão em torno dos fenômenos da **oralidade** e da **escrita**. Tal reflexão far-se-á necessária, uma vez que teremos de operar uma compreensão a respeito das naturezas constitutivas tanto da modalidade oral quanto da modalidade escrita. Para isso, buscaremos embasamento teórico em autores das escolas tanto européia quanto brasileira, os quais compreendem as duas modalidades em uma perspectiva não dicotômica e conseqüentemente diferente das abordagens tradicionalmente usadas.

No quarto capítulo, a fim de termos uma melhor noção sobre as possíveis conseqüências oriundas da presença da escrita em um meio social, faremos uma reflexão em torno do que podemos entender enquanto características inerentes a uma sociedade possuidora de uma cultura letrada e características inerentes a uma sociedade de base oral. Também, passaremos a discutir o conceito de letramento e quais as nuances sociais deste letramento. Neste capítulo, teremos como eixos principais duas concepções: a primeira é de que não há superioridade cognitiva entre indivíduos de uma sociedade letrada em relação a indivíduos oriundos de uma sociedade de tradição oral; a segunda diz respeito ao fato de não haver necessariamente semelhança entre os conceitos de alfabetização e letramento.

No quinto capítulo, faremos uma retomada e interligação entre as discussões históricas e teóricas realizadas nos capítulos anteriores, ou seja, dos fatos históricos do período de tempo delimitado em nosso estudo, da noção sobre a linguagem do rádio e da oralidade mediatizada, da relação oralidade e escrita, como também da escrita em sociedade e letramento. Esta conexão fará com que possamos melhor entender as análises, presentes nos capítulos seguintes, do material formador de nosso corpus.

No sexto capítulo, usaremos documentos históricos da época em forma de material impresso e sonoro e as concepções teóricas anteriormente discutidas, a fim de analisar a evolução da linguagem do rádio. O estudo da evolução da linguagem radiofônica em Recife será dividido em dois grandes períodos. O primeiro vai do início da década de vinte do século passado até meados da década seguinte. O segundo período vai da metade da década de trinta até o início da década de sessenta. Neste capítulo, será possível encontrar resposta para o primeiro dos nossos questionamentos, o qual é: o que e como foi a evolução daquilo convencionalmente chamado oralidade

mediatizada no período compreendido entre as décadas de vinte e sessenta do século XX?

No sétimo capítulo, faremos, com base em documentos históricos impressos, um estudo de como circulou e funcionou a linguagem do rádio em nossa sociedade no período de tempo delimitado na presente pesquisa. Nesta passagem de nosso trabalho, iremos observar como a linguagem do rádio agiu e qual a influência mais significativa desta linguagem no seu meio social. Buscando, assim, resposta para o nosso segundo questionamento.

Ao fim do presente estudo, esperamos ter respostas satisfatórias para cada um dos questionamentos. Fazendo assim, estaremos, de fato, contribuindo para o entendimento do meio de comunicação de massa eletrônico rádio, a sua linguagem e alguns aspectos linguísticos da sociedade recifense das seis primeiras décadas do século XX.

## 1. A história das ondas do rádio, o rádio no curso da história.

### 1.1 - O início 1919 a 1930.

Quando pretendemos fazer uma discussão sobre a história do rádio no Brasil, um dos fatos com os quais nos debatemos é a questão da primazia. Em outras palavras, sempre nos deparamos com autores ora atestando ser tal estado o pioneiro nas transmissões radiofônicas, ora outros estudiosos fazem-nos crer ser um outro estado que detêm o título de primeiro em transmissões por rádio em nosso país, para nós isso não é fato relevante. O que pretendemos deixar bem claro neste ponto é o fato de que embora abordemos o rádio em termos de Brasil, nosso foco principal será o estado de Pernambuco, haja vista o fato de que nosso estudo repousa sobre um corpus cuja maior parte é relativa ao fenômeno rádio em nosso estado e desta feita tomaremos como datas primordialmente as relativas ao rádio pernambucano, sem com isso querer advogar primazia para o caso pernambucano. Contudo, não deixaremos de nos remeter aos eventos históricos deste rádio em todo o país uma vez que, como veremos adiante, as atividades de produção e transmissão radiofônicas em nosso estado estavam intrinsecamente atreladas a um projeto nacional.

Assim, podemos afirmar que data, oficialmente, a 1919 o surgimento da radiofonia em Pernambuco.<sup>1</sup> Isto se deu com a fundação do Rádio Clube de Pernambuco. Em seus primeiros momentos, este veículo (o rádio) era uma tarefa de amantes da nova tecnologia de então, amantes estes que contribuíam com o empréstimo de seus discos para a irradiação das “peças musicais”, participação com as suas palestras que versavam sobre os mais variados temas. Estas pessoas chegavam até a contribuir financeiramente com as emissoras por via de certo tipo de mensalidade o que fazia destas pessoas uma espécie de sócios, daí a maioria destas rádios serem nomeadas como clubes ou sociedades. Um importante relato sobre este período do rádio em Pernambuco, e que julgamos importante sua transcrição na íntegra, foi dado pelo jornalista e escritor Mário Melo em um de seus textos na coluna, que o mesmo

---

<sup>1</sup> Mais precisamente 10 de outubro de 1919, com a criação de um clube de rádio em cerimônia na sede do Diário de Pernambuco. (ver Maranhão 1991 e Mário Filho 1983)



mantinha no Jornal Pequeno, intitulada “Ontem, Hoje e Amanhã” presente em nosso anexo. Texto 1<sup>2</sup>.

Como fica claro no relato do cronista Mário Melo, a programação radiofônica era produzida de forma amadora, com diversos intelectuais da época contribuindo com suas “palestras”, a leitura de suas obras literárias ou mesmo a performance de peças musicais ao piano.

Por um período da década de vinte e o fim da década de 40 (precisamente 1948), a Rádio Clube de Pernambuco foi o único veículo de comunicação eletrônica em nosso estado. Durante estas quase três décadas, a PRA- 8 deteve grande importância tanto no cenário artístico, político e cultural pernambucano.

Contudo, já naquela época, as transmissões da Rádio Clube não eram as únicas a serem ouvidas pelos admiradores da radiofonia em nosso estado. Já na primeira metade da década de vinte do século passado, havia uma intensa atividade de rádio ouvintes tanto que demandou uma medida por parte da municipalidade para disciplinar a instalação de antenas para recepção de transmissões em Recife, como atesta a matéria publicada no Jornal Pequeno de 10 de setembro de 1925 (Texto 2 em nosso anexo).

Em um outro texto também do Jornal Pequeno, temos mais uma prova da intensa atividade de rádio-ouvintes ou rádio-amantes, como assim eram chamados à época, pois em anúncios de casas especializadas em aparelhos de rádio-recepção (Textos 3 e 4) podemos perceber esta “febre” do rádio em nossa cidade e da atividade de ouvir emissoras de fora do nosso estado.

Este era o cenário da radiofonia em nosso estado. Embora alguns estudiosos afirmem que em seus primeiros momentos a atividade de rádio era de poucos abnegados, e que esta nova tecnologia era quase um exotismo, podemos perceber pelos documentos históricos a já popularização deste veículo.<sup>3</sup> O rádio Clube de Pernambuco (pois era assim chamada) passou toda a década de vinte do século passado sendo um grande e importante evento de nossa sociedade, algo como um marco de nossa inserção na modernidade que então se afigurava para aquela época. Prova deste evento de afirmação social é um trecho do Jornal do Recife no ano de 1924 (Texto 5) quando do anúncio da programação noturna da Rádio Clube.

---

<sup>2</sup> Para orientação do leitor, é necessário saber que os números dos textos não dizem respeito às páginas dos mesmos no anexo, mas sim à numeração constante na parte superior de cada texto citado.

<sup>3</sup> Claro que não estava em nível do que se pôde assistir em meados da década de trinta e por todas as décadas de quarenta e cinquenta.

Ainda como prova do amadorismo deste rádio, basta citar o fato de não haver um corpo de profissionais da emissora, esta ainda não funcionava como uma empresa; ela era tão somente uma ação de admiradores, voluntários os quais dividiam os seus tempos livres com as transmissões. Isto pode ser constatado em matéria do Jornal do Recife de 1925 (Texto 6), no qual fica claro o fato de haver um revezamento entre os voluntários, pois a cada semana um destes colaboradores era o responsável pela programação como consta no texto em questão. E isto não se resumia ao que dizia respeito à programação. Na parte técnica a coisa não era diferente, basta relatarmos o fato de ter sido um garoto de quinze anos uns dos responsáveis pela técnica da Rádio Clube no ano de 1925, como fica evidente em relato do texto 7 em nosso anexo.

E assim, em forma de completo amadorismo, muito voluntarismo e sentimento de inserção em uma modernidade, o rádio pernambucano, ou melhor, o Rádio Clube de Pernambuco atravessou a década de vinte, ficando para a década seguinte o momento de transição deste amadorismo para uma empresa bem sucedida e respeitada.

## **1.2 A década de trinta: o rádio, a publicidade e o estado novo.**

Para entendermos os processos de transformação pelos quais passaram o rádio brasileiro em geral e o pernambucano em particular, temos que continuar um pouco com os nossos olhos voltados para a década de vinte. Assim poderemos adentrar na década de trinta e no que ela representou para o rádio como também por um outro viés; o que o rádio representou para esta década no Brasil e em especial em Pernambuco.

Depois de dois decênios de predominância de uma elite formada parte por uma oligarquia cafeeira, parte por uma outra oligarquia da pecuária leiteira, o Brasil chega à década de 20 prestes a presenciar uma mudança no quadro político nacional. Esta mudança deu-se em função de alguns fatores que merecem ser aqui elencados.

Primeiro, temos em âmbito de políticas econômicas um desgaste de um modelo que tinha como meta principal salvaguardar os ganhos da oligarquia produtora de café do eixo centro-sul, mais notadamente do eixo Rio, Minas, São Paulo. Esta salvaguarda, de acordo com Rodrigues (1997), era levada a efeito com uma prática de regular o preço do café no mercado interno a partir da compra por parte do governo federal de montantes significativos da produção cafeeira. Este montante era guardado em armazéns que em muitos casos destruíam parte significativa dos seus estoques como forma de não deixar o preço do café cair a patamares muito baixos.

Contudo, esta política, embora garantisse por quase toda a década de 20 os preços do café em patamares altos, por ser feita com dinheiro de impostos federais, gerava insatisfações, assim:

As medidas de proteção ao café geraram contínuos protestos de produtores e debates no congresso nacional sobre a necessidade de amparo a outros produtos agrícolas de exportação, como a borracha, o cacau e o mate. Embora todos os cafeicultores brasileiros se beneficiassem com a alta do produto, em decorrência da política de valorização, sob o ponto de vista dos produtores de outros estados, os paulistas eram beneficiados pelo governo federal; os Constrangimentos se repetiam entre os próprios cafeicultores paulistas, pois era constante o conflito de interesses entre grandes e pequenos produtores, comissários e banqueiros, assim como as críticas ao instituto do café. Além disso, no âmbito do próprio estado de São Paulo, a predominância do café afetava culturas como a do algodão – em 1921 responsável por cerca de 70% do consumo de indústria têxtil de São Paulo – e a do açúcar. (Rodrigues 1997: 26)

Esta insatisfação tornou-se ainda mais aguda quando dos últimos anos daquela década, pois com a concorrência externa, o preço do café brasileiro foi perdendo força, culminando com a quebra da bolsa de Nova Iorque. Estes fatos fizeram com que a oligarquia cafeeira perdesse sua força e conseqüentemente parte significativa de sua influência nos destinos da nação.

Ainda, a década de 20 assiste, no Brasil, ao início de um processo de industrialização e substituição de capitais. Este processo caracterizou-se pela mudança de uma incipiente indústria de origem britânica pela americana e também a mudança de capitais internacionais aqui investidos, passando agora a ser de origem norte americano. Nesta fase assiste-se a uma invasão (para os padrões da época) de produtos oriundos dos EUA.

Em Pernambuco, o quadro de mudanças também existiu. A diferença foi que em nosso estado as causas tinham motivações econômicas um pouco diversas das do eixo centro-sul do Brasil. Enquanto em nível nacional predominava uma elite de base primordialmente cafeeira, em Pernambuco o domínio era de uma elite açucareira. Contudo, esta elite vinha sofrendo um processo que segundo Souza Barros (1985) era de estratificação da mesma. Isto se caracterizou por uma mudança nos meios de produção do açúcar, uma vez que o tradicional engenho vinha, desde o final do século XIX, sendo substituído pelas usinas centrais. Isto fez com que muitas das famílias pernambucanas que outrora dominavam a produção e comercialização do açúcar, passassem, agora, a ser meras fornecedoras de cana para as usinas centrais. Isto obviamente criou uma diferenciação entre os produtores de cana e os produtores de

açúcar, uma vez que para o segundo grupo ficava maior parte dos lucros em detrimento do primeiro. Assim:

Realmente, apenas cerca de quinhentas famílias participavam diretamente na faixa de produção industrial, da apropriação da terra, dos meios de produção e da comercialização desse produto básico da economia. O resto era a grande massa amorfa de trabalhadores e aproximadamente 2.000 senhores-de-engenho transformados em fornecedores de cana. As condições de trabalho eram péssimas e ficavam os trabalhadores sujeitos a estágios operacionais de plantio, colheita e moagem, com os períodos de entre-safras, gerando a descrença e a falta de trabalho para uma grande parte do pessoal engajado. (Souza Barros 1985: 36)

Em adição a isto, temos o fato de não haver uma geração de capitais que funcionasse como impulsionador de uma diversificação da atividade econômica em nosso estado. Muito pelo contrário, o que se assistia era que grupos ou famílias enriquecidas com o comércio passavam a investir ainda mais neste modelo de produção, ou seja, das usinas centrais, tornando ainda mais crônico o quadro até então delineado. Isto não estimulava um desenvolvimento industrial de nosso estado, mas sim, criava um quadro de estagnação econômica e de uma quase impossível mudança no quadro de nossa classe dominante, principalmente no âmbito político. Assim:

Este era o panorama do princípio da década e que fazia acumular os ódios, incentivar as reações contra a situação dominante. Se, no âmbito nacional, o fazendeiro de café significava o domínio da república através da escolha do mais alto cargo da nação (o seu presidente), na esfera da política partidária do nosso Estado, os governadores eram sempre usineiros. (Souza Barros 1985: 41)

Foi a reação de uma pequena burguesia comercial e de uma pequena e incipiente burguesia industrial, somada à demonstração de reivindicação de um proletariado (este influenciado por ideais de base européia) que começou a gerar uma mudança no contexto político e econômico de nosso estado.

Desta feita, enquanto em nível nacional a crise se dava por motivo de falência de uma economia de base cafeeira, em Pernambuco, esta crise foi causada por um modelo econômico que redundava em exclusão da classe trabalhadora, limitação da diversificação da atividade produtora e certa marginalização de grupos outrora dominantes em nosso estado.

Ainda, um outro importante aspecto do cenário político da década de vinte que merece ser citado neste espaço diz respeito ao quadro da política internacional. Quando começa os anos 20, o mundo ainda se recuperava, ou pelo menos tentava, daquilo que se

convencionou chamar primeira guerra mundial. De acordo com Moura (1991), já despontava timidamente no quadro internacional, entre tantas outras, a ideologia nazista. Esta, além do comunismo, apresentava-se como uma das principais concepções ou forças a fazer contraponto com o capitalismo.

Tal fato despertou a atenção e a preocupação dos diferentes grupos e governos capitalistas em todo o mundo. Entre estes, estavam os norte americanos que vinham já a um bom tempo implementando práticas de controle sobre, principalmente, as nações da América Latina. Uma vez os nazistas terem posto em prática uma série de acordos, o governo americano passou a ação, pois:

O diagnóstico de Washington sobre a América Latina era o seguinte: as Américas Central e do Sul constituíam parte importante dos planos de dominação mundial dos nazistas; além disso, constituíam um campo de colonização potencial, em virtude dos alemães que viviam nessas regiões; esses países tinham sido importantes para o rearmamento alemão, visto que forneceram matérias primas vitais, por intermédio do comércio compensado. Ainda mais: muitos desses países centro e sul-americanos tinham suas forças armadas instruídas por missões alemãs e eram alvo de uma propaganda sistemática que procurava criar um antagonismo entre esses países e os Estados Unidos. (Moura 1991: 20)

Claro que os fatos referidos pelo autor não dizem respeito apenas a acontecimentos da década de 20. Contudo, e assim veremos em momento posterior, estes movimentos tiveram origem nos anos vinte.

Para fazer frente à investida alemã, o governo americano programa, já desde o início da década de 20, uma série de ações nos diferentes campos, tal como no comercial, com maior presença de seus produtos nos mercados latinos incluindo-se, obviamente, o Brasil; no campo ideológico, com farta propaganda onde se procurava passar o “american way of life” através do cinema e da música e ainda uma forte ajuda à imprensa, via publicidade paga de diferentes produtos<sup>4</sup>. E, é claro, no campo político propriamente dito. Estas ações surtem efeitos; o primeiro deles diz respeito à mudança da língua estrangeira de maior presença entre nós, já no início da década de vinte, pois a língua e a cultura estrangeira preponderantes em nosso território deixam de ser originárias da França e passam a ser as de origem americana.

Assim, podemos resumir o quadro político econômico e social do Brasil e de Pernambuco na década de 20: o Brasil e Pernambuco viviam um momento de mudanças no campo econômico com a substituição de uma velha oligarquia por uma incipiente burguesia comercial e industrial; no campo político verifica-se a ascensão desta

---

<sup>4</sup> Ver Moura (1991: 35)

burguesia comercial e industrial aos quadros de comando das administrações federal e estadual. E por fim, o início da presença de uma política imperialista norte-americana nacional e localmente, fruto de uma disputa por mercados com os alemães em escala global.

Estes fatos fazem com que entremos na década de trinta com tudo pronto para uma reviravolta nos mais diversos aspectos da nossa vida. Como nosso trabalho tem por foco principal o meio de comunicação rádio, é sobre este que iremos analisar as mudanças desta década. A primeira diz respeito ao financiamento das atividades radiofônicas com o uso de aportes publicitários. É nos anos trinta quando o rádio pernambucano passa a ter uma maior e melhor presença de publicidade de empresas comerciais e mesmo industriais em sua programação.

Esta publicidade, a nosso ver, é fruto de duas construções históricas já discutidas acima: A primeira diz respeito ao processo de industrialização originado deste a década anterior. Esta industrialização demandou a formação de uma classe com hábitos de consumo que destoavam em muito dos costumes locais.<sup>5</sup> E o veículo a se assemelhar mais apropriado para esta indústria criar os hábitos de consumo (de seus produtos, é claro!) foi o rádio; a segunda construção histórica é relativa a um aspecto de natureza geopolítica. A presença americana cada vez mais forte entre nós, desde a década anterior e fruto de uma disputa por mercados fornecedores e consumidores, levou o governo daquele país a fazer uso de um aparato de dominação cultural, o chamado “*Soft Power*”, o qual tinha como armas para a sua propagação os mais diversos instrumentos que iam da música, cinema, imprensa até, e principalmente, o caçula de todos; o rádio.

Estes fenômenos passam a ser muito visíveis tanto que muitos dos programas passam a ser não mais uma cortesia de um fornecedor de discos ou irradiados com os agradecimentos a tal comerciante que contribuiu com uma pequena quantia em dinheiro. Os patrocinadores de agora são os financiadores de grandes espetáculos, de temporadas de algum artista ou grupo famoso, chegando até mesmo a contratar as próprias atrações e a criar os programas cujos nomes eram os mesmos das marcas dos anunciantes (veja-se texto 8) , em muitos dos casos.

A outra mudança operada no rádio em consequência das transformações da década de trinta tem sua origem em fatos políticos. É já no ano de 1930 que chega ao poder federal, mesmo que de forma provisória, o então governador do estado do Rio

---

<sup>5</sup> Ver Saroldi (1984)

Grande do Sul, Getúlio Dorneles Vargas. Este fato representa um grande marco para toda a vida social, política e econômica do Brasil.

Por toda a década de trinta, desde a chegada de Vargas ao poder de forma provisória, em substituição a Washington Luís, passando pelo período constitucional e pelo Estado Novo, foi dada especial atenção aos meios de comunicação de massa em geral e para o rádio em especial. O período de Getúlio Vargas no poder representou para o rádio brasileiro como um todo um momento de profundas transformações, de mudanças de um modelo amador e voluntário para uma fase de profissionalismo e forte uso deste veículo por parte do governo Federal e dos Interventores nomeados por Vargas em cada unidade da federação brasileira. Contudo, podemos acrescentar o fato de não ser uma exclusividade de Vargas e seus seguidores o uso do rádio para propaganda ideológica. Como bem nos aponta Ortriwano (1985):

Logo no início desses anos 30, o rádio também já veiculava propaganda política, e em determinados episódios, como a revolução constitucionalista de 1932, em São Paulo, conclamou o povo em favor da causa política, com César Ladeira ganhando fama nacional como locutor oficial da revolução, através da rádio Record, que, aliás, foi a pioneira em múltiplos sentidos. Primeira líder de audiência, introduziu a programação política, ao trazer os políticos aos seus microfones – para “palestras instrutivas”, como dizia seu proprietário, Paulo Machado de Carvalho. Depois, organizaria a cadeia de emissoras paulistas na propaganda da revolução constitucionalista e, em 1934, torna-se agente da reviravolta que se operaria na programação das emissoras brasileiras logo a seguir. (Ortriwano 1985:17).

Porém, é fato que o senhor Getúlio Vargas e seus aliados souberam como poucos na América Latina fazer uso do então novo meio de comunicação de massa. Além de Vargas, Perón foi outro governante que lançou mão dos recursos radiofônicos na sua prática política, ou o que ficou conhecido como “Populismo”. Para melhor ilustrar a representatividade do rádio para estes governantes, vale a pena citar o fato de logo que chega ao poder, Vargas cria o DOP em 1931, transformado em DIP no ano de 1939. Outra demonstração da preocupação de Getúlio com o uso do rádio é a criação do programa “A Voz do Brasil” em 1932. E ainda nas palavras de Jambeiro et al:

...é no Estado Novo, sem dúvida, que a simbiose do rádio com a política vai ter sua maior expressão. Para forjar uma ideologia estado-novista aceitável pela população, o governo investe significativamente na área da radiodifusão, através de patrocínio dos programas mais populares e dos artistas, já então, transformados em ídolos. (Jambeiro et al 2004: 65)

Devemos acrescentar às observações acima descritas, o fato de não ter sido apenas o patrocínio de artistas famosos e de programas, pois uma outra tática usada pelo governo varguista foi a encampação de emissoras, como no caso da Rádio Nacional do

Rio de Janeiro<sup>6</sup> e ainda o financiamento de emissoras que se mostravam simpáticas, ou ao menos não contrárias ao governo que então estava a se instalar no país.

### 1.2.1 O rádio Pernambucano: Agamenon e a PRA- 8.

É do conhecimento de todos os interessados pela história do Brasil em geral, e de Pernambuco em particular, o fato de ter sido, no Estado Novo, primeiramente nomeado para a interventoria em Pernambuco o senhor Carlos de Lima Cavalcanti. Porém, com a sua pública discordância aos rumos tomados pelo governo Vargas, Lima Cavalcanti é substituído pelo professor Agamenon Magalhães. Este segue À risca a cartilha ditada pelo poder federal em todos os pontos, inclusive no tocante à propaganda do regime.

É justamente no ponto da propaganda onde Agamenon, ou “china gordo” como era também conhecido, teve uma atuação muito mais aplicada. As suas ações passavam pelos mais diferentes campos onde pudesse haver uma possibilidade de comunicação com a população, comunicação esta sempre voltada para enaltecer o que havia de melhor no regime, é claro. Assim, foi operada uma forte ação sobre os periódicos de circulação em nosso estado naquela época, o governo começou a intervir de forma muito mais regulatória nas festas populares, como no caso da Liga carnavalesca. E, sobretudo, foi o rádio, ou melhor, a Rádio Clube de Pernambuco, dos meios de comunicação de massa, aquele que recebeu especial atenção.

De acordo com Maranhão Filho (1991), a Rádio Clube permaneceu numa certa neutralidade durante os períodos conturbados de 1930 e 1932 os quais representaram os momentos de chegada de Vargas no poder e a chamada Revolução Constitucionalista, respectivamente. Com esta posição política da Clube, o governo interventor criou uma considerável simpatia pela emissora de Cruz Cabugá levando Agamenon a investir na PRA- 8 em troca de espaços para a divulgação das ações de seu governo.

Embora concordemos em parte com as afirmações do pesquisador anteriormente citado, preferimos levantar mais alguns pontos que a nosso ver tornam os fatos um pouco mais claros de entendimento. Que a PRA- 8 e muitos de seus dirigentes desde logo tomaram uma posição de certa neutralidade diante dos acontecimentos políticos é fato incontestado. Contudo, não podemos ignorar que outras empresas tiveram

---

<sup>6</sup> Ver Saroldi (1984)



postura parecida e mesmo assim foram encampadas.<sup>7</sup> O que de fato ocorreu foi um ajuste de interesses, já que por um lado o interventor em nosso estado tinha como orientação usar o então novo meio de comunicação eletrônica em sua plenitude, e por outro os dirigentes da Rádio Clube de Pernambuco estavam precisando de investimentos de maior monta para continuar a fazer frente às necessidades técnicas e de produção artística para a época. Assim, o governo de Agamenon decidiu pela opção que com o passar do tempo se mostrou acertada. Em vez de assumir a rádio e consequentemente destituir os seus dirigentes, o que redundaria na necessidade de buscar gente capacitada para tais postos (coisa que não era fácil naquela época em nossa região), o governo interventor preferiu comprar a “colaboração” da nossa única emissora naqueles idos. Assim ficou estabelecido uma contribuição anual do governo em favor da PRA- 8 em troca de espaços na programação, ou melhor, de completo alinhamento aos ditames da época no concernente ao papel do rádio na conjuntura política de então. Como prova deste acerto temos o texto 9 em nosso anexo.

Afora as peculiaridades políticas, o concreto é que esta ajuda oficial representou um grande salto para a radiofonia em nosso estado, pois foi com este aporte financeiro que a Rádio Clube conseguiu se preparar para as demandas em termos de técnica, produção e mercado que viriam a surgir por todo o resto da década de trinta do século vinte. É certo que a empresa Rádio Clube de Pernambuco s.a. não ficou restrita a este recurso financeiro, porém foi a contrapartida do governo que deu uma maior capacidade para aquilo que Maranhão Filho (1991) chamou de “vôos mais altos”, só que com as asas de uma ideologia estado-novista.

Em resumo, a década de trinta com todas as suas transformações, muitas das quais fruto de eventos originados na década anterior, representou uma fase de consolidação para a radiofonia pernambucana enquanto empresa. Consolidação esta por ter sido o rádio um dos, ou mesmo o mais importante dos, meios de propaganda tanto de uma ideologia de consumo, quanto de uma ideologia de dominação cultural e até mesmo de um regime político que estava a se consolidar entre nós. Esta importância deu ao rádio brasileiro em geral, e pernambucano em particular, a possibilidade de se capitalizar e consequentemente alcançar a excelência técnica e artística que o caracterizaria nas duas décadas seguintes.

---

<sup>7</sup> Veja-se o caso da empresa Diário da Noite, proprietária da Rádio Nacional, que foi assumida pelo governo Vargas com a alegação de que este tipo de negócio deveria ser apenas de Brasileiros, quando a legislação então vigente falava apenas de meios eletrônicos.

### 1.3 A década de 40 - A construção de um modelo.

Quando a década de quarenta chega, no plano mundial aquilo que se convencionou chamar de Segunda Guerra estava em andamento. No plano nacional, já estão bem consolidados os modelos político e econômico que vinham se desenhando desde os anos vinte.

Quanto ao rádio, este já está, de certa forma, firmado como uma empresa que tem sua renda oriunda parte dos anúncios, parte dos “financiamentos” oficiais. Restava agora pôr em prática um processo de consolidação deste meio no tocante à sua estética de produção e à sua linguagem.

Este processo de consolidação da linguagem radiofônica deu-se, entre nós, de maneira tal que deixa claro haver uma nítida orientação de buscar uma homogeneização com os padrões estéticos e mesmo de linguagem das emissoras do Rio de Janeiro, a então capital federal. Prova disto reside no fato de que profissionais do rádio pernambucano que ocupavam posições chave viajavam para o Rio de Janeiro com a missão de “estudar” o que se fazia em termos de rádio no Rio. Um exemplo de uma destas viagens está expresso na notícia do Jornal pequeno do mês de Setembro de 1939, constante em nosso anexo (Texto 10).

O curioso desta notícia não é o fato do Nelson Ferreira, o diretor artístico da PRA- 8 naquela época, deixar bem claro o principal motivo de sua viagem, quando o mesmo diz estar indo à Capital Federal em missão da Rádio Clube. O que mais chama atenção é o fato de não ser muito necessário, naqueles idos, uma viagem ao Rio para saber o que se fazia no rádio carioca, uma vez que havia publicações impressas as quais versavam sobre o rádio, podia ser feita a audição dos principais programas do Rio, profissionais daquele estado visitavam nossa cidade, entre outras medidas que deixavam os interessados a par das novidades de então.

O que podemos inferir das declarações do Maestro Nelson Ferreira é o fato de o mesmo ter ido à Capital Federal para receber orientações acerca do como fazer rádio diante do contexto político e das demandas comerciais daqueles idos. Assim, a década de quarenta vai se delineando como um período no qual o rádio pernambucano busca consolidar sua linguagem com as novelas, os programas humorísticos, os esportes, o rádio teatro e o rádio notícia de acordo com as necessidades comerciais e

principalmente políticas da época. Porém, tendo como modelo o que se fazia na então capital federal, o Estado do Rio de Janeiro.

É no tocante ao modelo a ser seguido que devemos abrir um tópico a parte na história do rádio pernambucano neste período dos anos quarenta. Como já discutido neste mesmo capítulo, o rádio foi percebido como um forte instrumento de propaganda política e comercial desde cedo. Assim, a partir dos seus primeiros momentos, o regime estado-novista criou instrumentos para controle da imprensa em geral, e do rádio em particular. Como nas palavras de Haussen:

Desde o início de seu governo, Getúlio Vargas atribuiu grande importância ao rádio. A criação do DOP, em 1931, até sua transformação em DIP, em 1939, demonstram isso. (Haussen 2001: 40)

Mas a importância dada a este veículo e o seu uso não podia ser percebido apenas através dos órgãos de controle da produção e difusão como o DIP. Foram irradiados nesta época programas oficiais como o “Hora do Brasil” - que depois seria chamado “A Voz do Brasil”- “A Fala do Presidente”, o qual era irradiado em épocas comemorativas como natal, dia do trabalho, etc. Este controle sobre o rádio no período do Estado Novo foi de tal intensidade que chegou a influir na linguagem e na estética da sua programação, na forma de se produzir este ou aquele programa, e até mesmo na escolha da palavra adequada. Um bom exemplo deste forte controle está na resposta dada pela direção da Rádio Clube ao cronista Mário Melo (Texto 11 em nosso anexo) quando este critica o uso da língua portuguesa em uma peça publicitária das “Lojas Paulista” e de outra peça, por considerar (Mário Melo) dois casos nos quais havia falta de concordância nominal.

É nesta resposta assinada pelo senhor Sebastião Stanisláu que podemos ver o quanto se influía na produção de rádio naqueles anos. Os textos a serem irradiados passavam por uma avaliação da propriedade ideológica e da adequação lingüística em termos de norma padrão. Notamos também na resposta dada ao cronista Mário Melo, o fato de haver uma preocupação idêntica por parte dos responsáveis pela produção do Rádio Clube. Em outras palavras, havia uma clara orientação em seguir um modelo pré-estabelecido no Distrito Federal.

Em 21 de Dezembro de 1943, acontece um dos episódios que viria a ter seus reflexos na década seguinte. Este seria a morte do então diretor superintendente da Rádio Clube de Pernambuco, Oscar Moreira Pinto. O falecimento daquele que foi um dos artífices da consolidação da atividade radiofônica em nosso estado representou não

só o início do fim de uma era de importantes realizações para o Rádio Clube, como também significou a porta de entrada de um grupo que muito representaria, embora de forma negativa, para a radiofonia pernambucana. Os motivos destas afirmações, iremos discutir mais adiante. Por ora, precisamos nos deter em um outro fato histórico de relevo.

### 1.3.1 O fim do Estado Novo e o Rádio.

Com o fim da Segunda Guerra, as condicionantes para a existência do sistema político instalado por Getúlio Vargas e seus seguidores perde sua razão de existir. Os motivos apontados para esta queda do Varguismo são variados, porém o de maior relevância apontado pelos historiadores diz respeito à volta dos combatentes da FEB ao Brasil (Haussen 2001, Jambeyro et al 2004), pois estes trouxeram, em seu retorno, idéias de democracia para o nosso país, influenciando a sociedade como um todo.

Embora não ignoremos esta hipótese, preferimos nos alinhar com uma outra corrente para a qual o principal motivo para a saída de Vargas do poder central do Brasil estava ligado muito mais a uma nova orientação em termos de geopolítica internacional. Pois, uma vez derrotados definitivamente os governos totalitários, (ou ao menos assim assumidos pela propaganda capitalista) começa a tomar corpo em escala mundial uma política de base mais liberal. Esta pregava uma intervenção cada vez menor do estado nos destinos dos povos.<sup>8</sup>

Uma vez sendo um governo de forte orientação intervencionista, Vargas sofre pressões as mais variadas para sair do poder. Estas pressões ocorrem por diversas vias, incluindo aí a ação do empresário Assis Chateaubriand o qual usa do seu já enorme complexo de comunicação para levar a efeito uma campanha difamatória contra Getúlio e seus seguidores, mas esta campanha não foi tão somente praticada pelos veículos do senhor Chateaubriand, outros veículos entraram nesta empreitada. Entre nós, um dos mais destacados foi o Jornal Pequeno. Esta campanha contra Vargas foi marcada pelos mais diferentes tipos de calúnias, levando o então presidente a se afastar do poder, em 29 de Outubro de 1945.

Este afastamento de Vargas teve dois reflexos bem distintos para o rádio pernambucano. O primeiro significou para a Rádio Clube a perda do apoio político para resistir às investidas do grupo Diários Associados no tocante à aquisição da primeira por

---

<sup>8</sup> Embora contraditoriamente os governos Americano e Europeus praticassem o oposto. Haja vista o plano Marshall.

parte do segundo. O outro reflexo diz respeito à oportunidade para um empresário fundar aquilo que significaria um marco para a atividade radiofônica em Pernambuco, a Rádio Jornal do Comércio.

### **1.3.2 1948: o ano em que Pernambuco começa a falar para o mundo.**

Desde o final do ano de 1945 que já se comentava em Recife da possibilidade da criação de uma outra emissora de rádio em nossa cidade. Esta já era por demais desejada, principalmente por aqueles que trabalhavam no meio, fato que podemos comprovar pela notícia publicada no Jornal Pequeno daquele ano presente em nosso anexo (Texto 12).

Este desejo de uma segunda emissora entre nós só veio tornar-se concreto no ano de 1948. Depois de muitas idas e vindas, fruto daquilo que Maranhão Filho (1991) classificou como preciosismo e perfeccionismo do empresário F. Pessoa de Queiroz, foi levada ao ar no mês de Julho daquele ano de 48, o Rádio Jornal do Comércio.<sup>9</sup>

Emissora ligada a um já tradicional jornal impresso da capital pernambucana, a Rádio Jornal desde a sua inauguração demonstrou ter um bom suporte financeiro para contratar muitos profissionais de peso para o seu *cast*. Basta lembrar que no dia de sua inauguração, foi produzida uma grande programação que contou com orquestras, cantores, Rádio teatro, entre outras atrações. Ainda no dia de sua inauguração, contou com a presença do então presidente Eurico Gaspar Dutra. Tudo no Rádio Jornal do Comércio era grandioso, a começar pelas suas suntuosas instalações, um prédio de oito andares que contava com espaço para hospedar artistas de outras praças (mais notadamente do eixo Rio - São Paulo). Neste quesito vale aqui citar o depoimento de Maranhão Filho:

...O preciosismo do jornalista F. Pessoa de Queirós não admitia improvisações nem arranjos. Tudo teria que ser, cuidadosamente planejado, desde o mármore cinza que revestia as paredes internas e externas do edifício dos estúdios até os parafusos sobressalentes para os equipamentos importados, que vieram também da Inglaterra, num volume recorde de equipamentos trazidos ao Brasil, por uma só empresa em um só pedido.

(Maranhão Filho 1991: 61)

---

<sup>9</sup> Um fato que para nós é bastante curioso, e nada além de curioso, é a semelhança da data da inauguração da Rádio Jornal do Comércio com a data da comemoração da independência americana.

O surgimento da Rádio Jornal em Pernambuco veio consolidar de uma vez por todas um modelo de rádio que já vinha sendo feito a um bom tempo em outras regiões do Brasil, o “Rádio Espetáculo”. Este era o rádio de grandes produções, grandes coberturas, ou seja, programação variada que ia da cobertura esportiva aos grandes espetáculos musicais. Não estamos aqui advogando o fato da primazia da Rádio Jornal em produção artística para rádio em Pernambuco, contudo é inegável o fato de ter sido com esta emissora e seu então poderio econômico que esta produção artística para rádio tomou dimensões até então inimagináveis para a radiofonia pernambucana, tornando-se aquilo que muitos chamaram de a “Broadway nordestina”, um rádio que se esforçava ao máximo para ser em todos os aspectos um espetáculo. E foi com este marco que o rádio de Pernambuco entra na década de cinquenta.

#### **1.4 Os anos cinquenta: Apogeu e queda.**

A década de cinquenta começou com o rádio pernambucano vivenciando uma intensa concorrência entre a Rádio Clube de um lado, com os seus recursos limitados, porém com uma boa dose de criatividade, e a Jornal do Comércio do outro, com toda a sua suntuosidade e força econômica que contava inclusive com o apoio das classes produtoras rurais de nosso estado. Contudo, ambas, cada uma ao seu modo, a fazer o rádio espetáculo que havia sido consolidado na década anterior.

Este cenário iria passar por uma considerável mudança quando em 1º de abril de 1951 foi inaugurada a emissora da cadeia associada pertencente ao empresário Assis Chateaubriand, a Rádio Tamandaré. Esta emissora foi fruto de um antigo interesse do senhor Chateaubriand em possuir uma emissora de rádio em Pernambuco.

Desde 1943, depois da morte de Oscar Moreira Pinto, que Assis Chateaubriand e seu grupo vinham tentando um prefixo em nosso estado. Neste mesmo ano foi tentada a compra da Rádio Clube o que causou uma reação da elite política pernambucana consumando-se na encampação da Clube pelo governo de Agamenon Magalhães. O grupo associados não se deu por vencido e iniciou uma longa batalha política e judicial com muitas idas e vindas. Nos primeiros meses de 1951, não desejoso de esperar pela decisão final da justiça sobre a questão da clube, o empresário Assis Chateaubriand faz valer sua influência e consegue uma concessão de rádio em ondas tropicais em Pernambuco. Em pouco tempo e à base de um pouco de improviso, estava sendo inaugurada a Rádio Tamandaré.

Tal fato representou, por pelo menos três anos, um expressivo incremento na atividade radiofônica em nosso estado. Com o surgimento da Tamandaré, a concorrência aumentou consideravelmente, colocando de um lado a Clube, a prima pobre do grupo, com suas limitações financeiras, mas uma boa dose de criatividade. A Rádio Jornal no outro lado, com sua grandiosidade em tudo que fazia. E na outra extremidade deste triângulo, a Tamandaré com todo o aparato da cadeia de emissoras associadas.

Esta competição teve dois reflexos mais visíveis. O primeiro diz respeito a uma maior popularização do rádio em termos de sua linguagem, principalmente por parte das rádios Clube e Tamandaré. O segundo e crucial para o desenrolar dos fatos no decorrer de toda a década de cinquenta foi o fato de ter, esta concorrência, inflacionado o mercado tanto em termos de salários dos principais profissionais, quanto no tocante aos custos de operação, pois, cada vez mais se tentava suplantar o concorrente com transmissões de espetáculos e eventos grandiosos.

Vem desta época um processo de implantação de certa interiorização do rádio com a criação por parte do empresário F. Pessoa de Queirós das Difusoras de Caruaru, Limoeiro, Garanhuns e Pesqueira. Que de acordo com Maranhão Filho:

... inauguradas uma após a outra, com bons auditórios e muita utilização de mão de obra local que supria, mais tarde, as necessidades da matriz. A penetração no interior deu boa resposta. (Maranhão Filho 1991: 83)

Outro fato de fundamental importância para a radiofonia em Pernambuco foi ocorrido em 1953. Neste ano a justiça profere decisão final sobre a questão da desapropriação da Rádio Clube dos domínios do governo do estado. Esta decisão é favorável ao grupo associados. Sendo pouco tempo depois feita a posse do grupo de Assis Chateaubriand na PRA- 8.

Contudo, esta apropriação da Clube pelo grupo de emissoras associadas veio representar um duro golpe para o rádio pernambucano. O fato concreto era que as emissoras associadas já não estavam no melhor de sua saúde financeira. Fato causado, entre outros condicionantes, pelo encarecimento da atividade de rádio, os investimentos desproporcionais em estrutura técnica e física em toda a rede e agora o interesse de Assis Chateaubriand pela televisão. Assim, opera-se uma absurda fusão da Clube com a Tamandaré que com o passar do tempo mostrou-se extremamente daninha para ambas as emissoras.

Esta fusão não só se mostrou negativa para as emissoras como também para os profissionais, pois segundo relato de Maranhão Filho (1991), na prática nós voltamos a ter em Recife apenas duas emissoras e isto significou uma piora nas relações trabalhistas. Desta forma cria-se um círculo vicioso, os bons profissionais fazem um verdadeiro êxodo do rádio <sup>10</sup>, a programação cai de qualidade devido à ausência destes, o nível de faturamento cai, o que piora ainda mais as questões trabalhista e salarial.

Já no ano de 1955, surge a Rádio Olinda a qual, no relato de Maranhão Filho (op.cit.), mesmo tendo o nome da antiga Capital de nosso estado, mantinha as suas instalações em um prédio da Atual Avenida Guararapes. Esta emissora mantinha uma programação acanhada para os padrões de rádio espetáculo que estava consolidado entre nós desde os primeiros anos da década anterior. Sua programação era feita basicamente de programas noticiosos, esportes e música. Eram poucos os programas da Olinda feitos dentro dos padrões dos grandes espetáculos. Isto já nos demonstra o fato desta emissora estar enquadrada na atual realidade econômica e de recursos humanos do rádio pernambucano.

Em 1958, surge a Rádio Continental, emissora que tinha, ou pelo menos buscou, manter uma programação segmentada, com foco nos esportes. Caso esta emissora tivesse sido criada em meados dos anos 90 do século XX, muito provavelmente teria obtido êxito de audiência e principalmente comercial. Mas estávamos no final da década de cinquenta, vivíamos um contexto extremamente desfavorável para a atividade radiofônica no Brasil e em particular em nosso estado. Claro foi que a Continental sucumbiu junto com o momento no qual vivia.

E assim chegamos ao fim de uma década e também fim de uma era, aquilo que se convencionou chamar “era de ouro do rádio”. O fator que levou este meio eletrônico a passar pelo menos trinta anos em um quase estado de letargia foi para muitos estudiosos a televisão, pois segundo uma quase unanimidade, quando surge o meio televisivo entre nós, foi extraído do rádio quase tudo de recurso financeiro a recurso humano, passando por programação, estética, linguagem, etc. Deixando o rádio esvaziado, sem mais nada a pôr no ar a não ser os discos e o telefone. Contudo, preferimos nos alinhar à tese daqueles poucos que apontam a televisão como a grande vilã deste ocaso do rádio, mas não só esta. Uma grande prova disto é o fato de que nem todos os donos de emissoras de rádio no Brasil fundaram emissoras de televisão e

---

<sup>10</sup> Mas não necessariamente para a TV.



também nem todos os profissionais do que chamamos rádio espetáculo aceitaram trabalhar no mais novo meio de comunicação eletrônico.

Existiram, sim, outros fatores como o absurdo encarecimento da operação de rádio (fruto de uma acirrada concorrência já discutimos anteriormente), o êxodo dos profissionais de rádio para outros campos profissionais mais rentáveis (o que não era necessariamente a televisão), o despreparo e incipiência do mercado publicitário para saber lidar com as verbas de então e enxergar em ambos os meios (rádio e televisão) possibilidades de anunciar seus produtos – isto causou uma quase total concentração dos principais anunciantes na mídia eletrônica TV – e por fim, claro, a atenção dos empresários e da sociedade para a novidade que além do som tinha a imagem, uma caixinha ainda mais mágica, pois agora se podia não só deleitar o ouvido, mas também os olhos.

Todos os fatores levaram ao fim de um modelo de rádio que levou aproximadamente quatro décadas para ser construído. O rádio grandioso, de linguagem eclética, que divertia com uma enorme gama de atrações as quais iam da música ao drama, passando pela notícia, os esportes e o humor. Tudo em forma de acontecimento social singular, único e grandiloquente. Este rádio estava sepultado na lembrança dos que viveram sua época e nos poucos registros de sua existência. Contudo permanece e continua a se desenvolver aquilo que este rádio colocou entre nós, a sua linguagem, um misto de formal e popular, de oral e escrito, algo que criou modelos em diversos setores de nossa sociedade. Esta era uma linguagem própria de meios de comunicação de massa eletrônicos, meios que ora destoam em tempo, ora em espaço e ora em tempo e espaço dos seus interlocutores. Esta é a linguagem que mais tarde passou a ser chamada de **Oralidade Mediatizada**. E sobre a qual iremos voltar a nossa atenção a partir deste ponto.

## **2. A oralidade mediatizada: voz, corpo e escrita em performance.**

Desde os primeiros momentos de sua existência, o rádio tem despertado a atenção de pensadores dos mais deferentes campos. As abordagens têm variado bastante, a depender da orientação teórica e mesmo científica da pessoa a estudar este veículo. Contudo, um dos aspectos do rádio que mais tem chamado a atenção dos estudiosos é o que diz respeito à sua linguagem. De filósofos a escritores, engenheiros a historiadores, muito tem sido discutido sobre a natureza da linguagem radiofônica.

No decorrer de um processo histórico, ora tem sido levantada a hipótese de ser a linguagem do rádio uma evolução em direção a um padrão de pureza gramatical, ora se admite ser, esta linguagem, aquilo que de mais autêntico existe em termos de linguagem do povo. Já em um meio termo entre estes dois extremos encontramos uma concepção que vê no rádio uma valorização da linguagem popular só que com uma forte influência de situações padrão.

Em resumo a todas estas concepções, o que fica de coincidência é o fato de, independentemente da teoria levantada, ser a linguagem do veículo rádio entendida como algo situado entre um escrever, um falar e um ouvir. Três ações que se desenvolvem em dois pontos, o do transmissor e o do receptor, e que causou mudanças profundas e indelévels na raça humana.

### **2.1 Rádio: Arte e educação.**

Situado no campo daqueles que acreditaram no rádio enquanto um veículo capaz de ser um instrumento cuja finalidade primeira, e senão única, era a de promover um acréscimo do nível de erudição dos povos está o alemão Bertolt Brecht. De suas reflexões expostas em textos que foram elaborados entre os anos de 1927 e 1932<sup>11</sup>, dois pontos nos chamam maior atenção. O primeiro deles diz respeito a sua antevisão da necessidade do veículo de comunicação rádio em buscar uma interação com os ouvintes, interação esta que se caracterizaria com o ato de “ouvir os ouvintes”, em outras palavras, de dar voz a todos aqueles que desejassem algo mais que uma escuta primordialmente passiva. Assim, pontua Brecht:

O rádio seria o mais fabuloso meio de comunicação imaginável na vida pública, um fantástico sistema de canalização. Isto é, seria se não somente fosse capaz de emitir,

---

<sup>11</sup> De acordo com Valci Zuculoto (Meditich org 2005)

como também de receber; portanto, se conseguisse não apenas se fazer escutar pelo ouvinte, mas também pôr-se em comunicação com ele.

(Brecht in Meditsch org. 2005: 42)

Esta é a já óbvia noção hodierna da necessidade do rádio de abrir espaços para as pessoas colocarem suas vozes no ar. Necessidade originada muito mais na característica do próprio veículo.

Outro ponto levantado por Brecht diz respeito à relação do meio radiofônico com a palavra. Esta relação está intimamente ligada a uma forma de educação. Porém, a educação pensada pelo filósofo alemão para o rádio era uma que levava em consideração a participação do ouvinte-educando na construção do saber. A informação do rádio, nesta visão, objetiva a uma formação. Contudo, uma formação não deve ser levada a efeito de qualquer forma, só em quantidade, mas, e acima de tudo, em qualidade, qualidade esta em forma de arte. Pois:

Missão formal da radiodifusão é dar a essas tentativas instrutivas um caráter interessante, isto é, fazer interessantes os interesses. Pode inclusive dar uma forma artística a uma parte, especialmente a destinada à juventude. Apoiariam este desejo do rádio de dar forma artística ao instrutivo, aspirações da arte moderna que querem dar, à arte, um caráter didático.

(Brecht in Meditsch org. 2005: 43)

Em resumo, a concepção de Bertolt Brecht sobre o rádio girava em torno de um valor de arte para a educação. O então novo meio eletrônico deveria ser um veículo de promoção de alguma forma de erudição, de padrão para e com os ouvintes. Ou seja, Brecht acreditava no rádio enquanto meio cuja única função possível o de uma educação erudita, e desta forma sua linguagem, seria situada apenas e tão somente no padrão lingüístico. Posições como estas suscitavam discursos diametralmente contrários, defendendo uma noção para a qual o rádio não representava uma tradição erudita, mas sim aquilo que esta erudição nascida de uma cultura de escrita havia posto no esquecimento coletivo.

## **2.2 Rádio: A tribo e o povão.**

Outro pensador sobre o rádio foi o canadense Marshall McLuhan. Partindo de sua visão sobre os meios de comunicação enquanto tecnologias com suas múltiplas influências onde estas tecnologias são aplicadas, o filósofo canadense estabelece suas

idéias para o rádio. Estas se alinham com a noção de que a linguagem do rádio é constituída por um retorno a tradições pré-escrita, ou seja, McLuhan (1995) considera o rádio, enquanto tecnologia elétrica, a mais perfeita extensão de nosso sistema nervoso central e sua mensagem é a união de uma tecnologia elétrica com as línguas vernáculas, as línguas que em sua maioria não fazem parte da cultura letrada.

Este veículo fez renascer uma concepção de mundo não linear, diferentemente da tecnologia escrita que é linear e homogênea, trazendo de volta uma relação entre as pessoas que, principalmente no contexto Europeu, retoma as tramas de ralação tribal, daí McLuhan chamar o rádio de “O Tambor Tribal”. E ele acrescenta:

...A cultura letrada incentivou um individualismo extremo e o rádio atuou num sentido inverso ao fazer reviver a experiência ancestral das tramas de parentesco do profundo envolvimento tribal (...) A tecnologia de Gutenberg produzira uma nova espécie de entidade nacional visual no século XVI, e que gradualmente se mesclou à produção e a expansão industrial. O telégrafo e o rádio neutralizaram o nacionalismo, mas fizeram reaparecer arcaicos fantasmas tribais de tremendo poder. (McLuhan 1995: 339)

Embora pareça contraditório, esta visão não nega a escrita para o rádio, antes a imagina como parte integrante do mesmo. Contudo, no rádio a escrita não é mais visual, linear. Esta escrita participa da linguagem radiofônica, mas por ser um meio sem o auxílio do olho, o que se opera é uma situação de produção e recepção imediata, sem a intermediação de um suporte como na palavra impressa. Pois:

O rádio afeta as pessoas, digamos como que pessoalmente, oferecendo um mundo de comunicação não expressa entre o escritor-locutor e o ouvinte. Este é o aspecto mais imediato do rádio. Uma experiência particular. As profundidades subliminares do rádio estão carregadas daqueles ecos ressoantes das trombetas tribais e dos tambores antigos. Isto é inerente à própria natureza deste meio, com seu poder de transformar a psique e a sociedade numa única câmara de eco. A dimensão ressonadora do rádio tem passado despercebida aos roteiristas e redatores, com poucas exceções. A famosa emissão de Orson Welles sobre a invasão marciana não passou de uma pequena mostra do escopo todo-inclusivo e todo-envolvente da imagem auditiva do rádio. Foi Hitler quem deu ao rádio o real tratamento wellesiano. (McLuhan 1995: 336)

Em resumo, o rádio constituiria o extremo oposto da imprensa uma vez que o meio eletrônico apresentava as características de ser implosiva (uma vez que levava a uma jornada ao interior do indivíduo), era não linear (e assim quebrava a lógica das sociedades letradas), e por fim, era coletivista (o contrário da tecnologia impressa que na visão McLuhiana é individualista).

Outro a pensar o rádio e sua linguagem como algo que se situa no campo da anti-norma lingüística imposta por uma cultura letrada foi o brasileiro Mário de Andrade, pois para este, a linguagem do rádio seria constituída em sua quase totalidade por uma linguagem popular. Popular este em oposição às noções de sua época sobre o que era erudito, ou seja, o rádio por sua necessidade de atingir o máximo de pessoas, muitas delas com pouco nível de escolaridade, tinha assim de ser um veículo de negação a tudo, ou pelo menos grande parte daquilo que lembrasse a escola e a vida acadêmica, pois estas não seriam de alcance da maioria da nossa população de então. Assim:

A linguagem radiofônica tinha que se manifestar necessariamente anticulta, como de fato se manifesta. O rádio, como a oratória e o teatro, mas sem possuir destes o poderoso elemento plástico, é um instrumento de convencer. Dizem-no instrumento de educar. Prefiro dizer que ele se utiliza, como atitude educacional, só do elemento de convicção. (Andrade in Medistch org. 2005: 116)

Desta forma o rádio teria muito pouco a ver com educação, norma padrão e escrita. Seria, o rádio, um veículo de muitas e variadas linguagens:

Menos da culta, pois que desta ele apenas normalmente se utiliza daquelas com palavras e poucas normas em que ela coincide com todas as outras linguagens, dentro desta abstração que é a língua. (Andrade in Medistch org. 2005: 117)

Desta feita, podemos afirmar que foram sendo construídas duas visões diametralmente opostas em relação a uma compreensão sobre o veículo rádio e sua linguagem. De um lado uma concepção que associava rádio a padrão lingüístico, educação formal e erudição. Condenando, se não em sua totalidade, ao menos em grande parte, tudo aquilo que representasse o não padrão usado pelo rádio. Já por outro lado, havia uma corrente que condenava o rádio enquanto busca deste padrão, desta erudição, para privilegiar o uso do popular, do não erudito, pois os defensores desta visão acreditavam que a natureza do veículo radiofônico não permitia nada que não fosse popular, e não produzia nada que não fosse anti-lógica escrita.

### **2.3 Rádio: Escrita e oralidade.**

No bojo desta discussão, surge uma terceira visão sobre a natureza do veículo rádio e sua linguagem. Esta concepção está mais para uma conciliação entre as duas anteriores, pois se concebe a linguagem do rádio enquanto de um retorno e revalorização de uma cultura do oral em contraposição a uma cultura escrita. Porém, este oral revalorizado pelo rádio não seria o mesmo de uma oralidade pré-escrita. Dentre os pensadores que se filiam a esta linha temos Havelock (1988) e Vagle (1991).

Havelock (1988) estabelece que a linguagem dos meios eletrônicos, aí incluso o rádio, não nos fizeram retroceder a um tipo de cultura pré-letrada, ou seja, estas tecnologias não operaram uma revivência de uma oralidade desprovida de qualquer noção e influência da escrita, mas sim:

O que aconteceu não foi um retorno a um passado primitivo, mas um casamento forçado, ou um recasamento, entre as fontes da palavra escrita e falada, um tipo de casamento que reforçou as energias latentes de ambas as partes. Os *media* acústicos, quer na rádio quer na televisão, quer no disco gravado ou cassete, não podem de modo algum transportar a única, ou a principal, carga de comunicação no mundo moderno. De facto, vieram reforçar o enunciado de que a tecnologia que fez reviver o uso do ouvido também reforçou o poder da vista e da palavra escrita, tal como é vista e lida. (Havelock 1988: 48)

Daí, nós podemos tirar uma visão de serem equivocadas tanto a concepção que credita ao rádio uma ligação quase que exclusiva com a escrita, a erudição e consequentemente o padrão lingüístico, quanto o extremo oposto o qual nega ao rádio qualquer tipo de associação com elementos de uma cultura letrada, por acreditar ser totalmente descabido o casamento do rádio com a escrita, uma vez que se o rádio é oralidade, não há espaço em sua linguagem para nada da cultura escrita.

Também alinhada a esta terceira concepção está Vagle (1991). Embora não apresente uma conclusão definitiva, esta estudiosa lança, em seu trabalho intitulado “Radio language – spoken or written?”, algumas reflexões interessantes sobre a relação da língua escrita com a língua falada na constituição da linguagem radiofônica. Logo no início de seu trabalho, Vagle levanta os seguintes questionamentos que servirão como ponto de partida para sua análise:

The points of departure for this study are the following questions: What characterizes radio language; how and why does it vary; and what is particular to this specific mode of discourse? (Vagle 1991: 119)

Ainda no espaço das considerações iniciais, a autora levanta a hipótese de ser a linguagem radiofônica uma construção que transita entre o oral e o escrito ao afirmar que:

I hypothesize that variation in radio language can be described as variation along a continuum from spoken to written language. (Vagle 1991: 119)

O trabalho de Vagle é constituído de análises da programação de uma rádio local, a NRK. Partindo de uma abordagem com base na pragmática americana, a autora faz um levantamento quantitativo dos diferentes gêneros textuais presentes na programação da emissora NRK. Estes gêneros são, para a autora, resultados da relação

entre uso lingüístico e situação. Assim, ela estabelece que na situação de interação no rádio haverá uma produção textual específica para cada situação ou formas de interação instituídas durante a programação.

Desta reflexão, Vagle chega à constatação de que a escrita governa parte significativa das interações, das produções e dos tipos textuais presentes na programação de uma emissora de rádio qualquer, pois:

When comparing the production for the broadcasting language to the conditions which all other language production is subject to, one finds the most important contrast when it comes to the role relationship between participants and the manner and the speed of production, which influences the degree of discourse planning. The time and the opportunity to pre-plan linguistically (e.g. in the form of a manuscript or key words) and to edit are characteristic of the production of broadcast language. (Vagle 1991: 121)

Isto quer dizer que as produções lingüísticas do rádio, embora sejam de concretização oral, tem parte de seus pontos de partida na escrita. Ou seja, para Vagle, a linguagem dos meios eletrônicos em geral, e do rádio em particular, difere das outras produções lingüísticas por apresentar um planejamento cuja parte significativa está em forma escrita, e algo que podemos caracterizar como edição, ou seja, re-elaboração.

No decorrer das suas reflexões, a autora descarta a hipótese de tomar a linguagem do rádio simplesmente pela perspectiva de ser esta algo que está em relação com a escrita e a fala. Pois para a autora, esta visão é incompleta. Melhor é afirmar ser a linguagem radiofônica um fenômeno que é constituído ora por elementos tidos como característicos da oralidade, ora por elementos tidos como característicos da escrita.<sup>12</sup>

Embora, como já afirmamos, Vagle não traga uma conclusão definitiva para a sua pesquisa, a mesma lança importantes reflexões sobre a constituição da linguagem do rádio. Pontuando que a língua radiofônica é algo que vai além de uma mera relação de linguagem escrita com linguagem oral, mas sim, uma forma lingüística com elementos das duas modalidades que se alternam. Neste trabalho, a pesquisadora afirma não ser possível detalhar o que de fato é a linguagem radiofônica, pois chamá-la de híbrida é, para a autora, algo ambíguo. Contudo, o mais importante, tanto na visão de Havelock quanto na de Vagle, é que no tocante à linguagem do rádio não há a possibilidade de descartar a escrita e a oralidade de sua construção e da sua realização.

---

<sup>12</sup> Vale a pena aqui pontuar que para Vagle não há fenômenos típicos só da fala, nem fenômenos típicos só da escrita, pois como afirma a autora: “I do not believe it is possible to find linguistic features which are found *only* in spoken language or *only* in written language” (Vagle 1991: 122)

A terceira via de análise da linguagem do rádio é a que se assemelha mais plausível. Entretanto, o que os autores defensores desta terceira visão não explicam, ou ao menos tentam explicar, é como esta união das duas modalidades é operada, nem em que bases elas se dão. Ainda nas palavras de Vagle:

Radio language consists, for the most part, of written language transformed into spoken language. Therefore there are two activities which are reflected in the linguistic output: writing, i.e. when the manuscript is produced; and speaking, when the words are actually uttered. (In addition, there are the possible consequences of editing, but this is not a question which I have gone into any detail here) (Vagle 1991: 129)

Estas questões relativas à transformação e à edição dos manuscritos produzidos no e para o rádio não foram discutidas nem por Havelock nem por Vagle pelo simples fato de que os dois autores não pararam para analisar o veículo em si, ou seja, o rádio. Pois, sendo este um meio, em outras palavras, uma forma de mídia de comunicação eletrônica, claro está que existem fatores ligados à natureza desta mídia que irão governar seu funcionamento, e tudo que for produzido nesta ou para esta mídia. Estas produções, incluindo a sua linguagem, terão que ser, por motivos óbvios, adequadas aos referidos fatores. Isto tornará as produções e também a suas linguagens típicas desta mídia, transformando-as em produções e linguagem eletrônicas, ou ainda, como já ficaram conhecidas pelo termo **“Mediatizada”**.

#### **2.4 Rádio: Meio eletrônico, escrita e oralidade.**

Partindo de seus estudos sobre a poesia medieval, Paul Zumthor desenvolveu uma série de reflexões sobre a tradição oral presente nos textos poéticos da Europa daquela época, e também da relação da oralidade medieval com a escrita e seu surgimento naquela sociedade. Estas reflexões levaram-no a discutir, embora que de maneira não muito aprofundada, a oralidade presente nos meios eletrônicos de comunicação e entretenimento como o disco, o telefone, a televisão e claro o rádio.<sup>13</sup>

Em trabalho de 1985, Zumthor levanta, inicialmente, uma questão que diz respeito à relação do homem ocidental contemporâneo com o mundo. Para Zumthor, alguns autores afirmam que esta relação tem, com o passar do tempo, sido influenciada, ou mediada, por uma estética originada de uma concepção de escrita, em detrimento a tudo aquilo relacionado com uma mediação oriunda de uma expressão oral,

---

<sup>13</sup> Com maior tempo dedicado ao rádio.



principalmente no tocante à arte e à língua. A fim de melhor explicar este ponto, o autor levanta um questionamento sobre se estes fatos são apenas de natureza histórica e superficial ou se esta relação tem a ver com uma mudança mais profunda nos aspectos cognitivos do ser humano. Para responder a tal questionamento, Zumthor discute Mcluhan, pois:

Já em 1962, o canadense Marshall Mcluhan estudou a questão; em seu conhecido livro *A galáxia de Gutenberg*, abriu caminho a reflexões sociológicas e filosóficas que logo atraíram, e continuam atraindo, inúmeros pesquisadores. O princípio que os orienta é bem conhecido: Uma mensagem não se reduz a seu conteúdo manifesto, mas comporta outro, latente, que emana da própria natureza do *médium* que a transmite. Assim, a introdução e a posterior difusão da escrita em determinada sociedade corresponde a uma mutação de ordem simultaneamente mental, econômica e institucional. (Zumthor 1985: 01)

Zumthor continua e afirma que Mcluhan estabelece ser o universo do Homem de cultura oral aquele no qual este homem está em contato direto com os ciclos da natureza, a interiorização das experiências se dá com ausência de um processo de conceptualização, a percepção de tempo é operada de tal forma que faz o homem acreditar que este tempo está em constante processo de retorno, e por fim, as relações sociais do homem da cultura oral acabam sendo condicionadas pelas relações grupais, ou seja, este homem é mais coletivista.

Por sua vez, o homem ao fazer uso da escrita, desenvolve certa separação entre pensamento e ação, também desenvolve capacidade de abstração a qual “enfraquece a língua”; impera aí uma noção de tempo linear, ou seja, sem as voltas do tempo da cultura oral, e mais, há o surgimento do individualismo, do racionalismo e da burocracia.

Zumthor vai de encontro a esta dicotomia Mcluhiana, pois para o medievalista, estudos recentes concluíram que esta separação entre uma cultura oral e cultura letrada não é o que se dá na prática, pois as culturas letradas e orais podem coexistir em um mesmo espaço e em uma mesma época. Partindo destas reflexões, Zumthor acredita ser possível estabelecer uma “tipologia geral de ‘situações de oralidades’”<sup>14</sup>, estas situações são, na visão do autor, bastante variadas e a distinção entre elas não é muito fácil de concretizar, contudo é possível destacar genericamente quatro das “situações de oralidade” quais são:

- oralidade *primária*, sem contato com qualquer forma de escrita;

---

<sup>14</sup>Ver Zumthor(1985: 05).

- oralidade *mista*, que coexiste com a escrita num contexto sociológico onde a influência desta é parcial, externa e de efeito lento;
- oralidade *secundária*, que de fato se recompõe a partir da escrita (a voz pronuncia o que fora anteriormente escrito ou pensado em termos de escrita) num contexto onde a palavra escrita ganha procedência, tanto em atos como em imaginação, sobre a autoridade da voz;
- oralidade *mediatizada*, a que atualmente conhecemos pelo **rádio**<sup>15</sup>, por discos e por outros meios de comunicação de massa. (Zumthor 1985: 05)

Assim, estas situações de oralidade só podem acontecer quando da coexistência da escrita com a oralidade. A única exceção feita, e em termos, diz respeito à oralidade primária quando esta ocorre em comunidades sem nenhum contato com a escrita, uma vez que, para o estudioso genebrino, esta situação é praticamente impossível no mundo contemporâneo. Todavia, e reforçando a idéia anteriormente expressa, as quatro formas de oralidade existem em decorrência do fato das culturas oral e escrita conviverem nas atuais sociedades humanas tornando nebulosa a separação entre as duas culturas nestas sociedades.

Contudo, mesmo diante da intrínseca relação da oralidade com a escrita no mundo hodierno, é possível estabelecer uma distinção entre textos, e nomeá-los enquanto orais ou escritos, pois os primeiros são, na visão de Zumthor, feitos para um consumo visual, solitário e silencioso e os segundos para um consumo auditivo coletivo e não silencioso. Desta feita, os textos da primeira categoria têm sua realização em forma de objetos como folha de papel, livros, etc. enquanto as produções da segunda categoria são concretizadas de forma não material propriamente dita, mas como uma “ação vocal”.

Partindo do pressuposto de que uma obra passa a existir, de fato, a partir do momento de sua comunicação, ou “performance”, Zumthor lança algumas reflexões a respeito dos textos da segunda categoria, ou seja, daquelas produções que se realizam de forma a constituir uma ação vocal. Nestes textos, há um elemento a representar algo fundamental para o sentido a ser transmitido, este elemento é a voz. Para Zumthor, a voz é muito mais que a própria língua, antes a língua necessita da voz, pois é através da segunda que a primeira se realiza, em outros termos, a língua só é concretizada quando do concurso da voz, é esta voz que enriquece e por vezes faz o próprio significado da língua. Ainda:

---

<sup>15</sup> Grifo nosso.

A voz é uma coisa: suas qualidades podem ser descritas e medidas – tom, timbre, amplitude, altura, registro. Várias civilizações atribuíram valor simbólico a cada uma dessas qualidades, e nas relações pessoais cotidianas julgamos alguém por sua voz e (às vezes com má fé) estendemos esse julgamento ao valor do que é dito (Zumthor 1985: 07)

Para os antigos, esta voz com sua força criadora de sentidos podia também representar, ou ser extensão de um corpo que falava, comunicava um algo poético para uma platéia em potencial, criando um cenário de erotização e mesmo de conquista do outro que ouvia; da platéia. Em muitos casos, a voz era aquilo que de fato interessava, deixando em segundo plano as palavras.

Hodiernamente, esta realização poética pode, na maioria das vezes, acontecer de forma *mediatizada*. Uma vez ser a concretização de um texto possível a partir do momento da sua performance, ou seja, do instante no qual este texto chega a sua platéia, a forma mediatizada cria uma separação entre o produtor e as diversas concretizações com uso da voz. Isto faz com que os meios eletrônicos guardem algumas semelhanças com a escrita, pois na comunicação eletrônica existem as seguintes características:

- 1º. Ausência física daquele que fala o texto;
- 2º. Possibilidade de supressão da semelhança entre o tempo da enunciação e o tempo da recepção. Como ainda uma repetição infinita da performance;
- 3º. Possibilidade de edição que permita suprimir lacunas deixadas pela distância entre enunciação e recepção.

Mas os meios de comunicação de massa eletrônicos <sup>16</sup> também guardam uma diferença da escrita já que estes meios (com exceção da televisão e o cinema) são feitos para ser ouvidos e não lidos. Daí, Zumthor estabelece que o grande feito dos meios eletrônicos de comunicação de massa reside no fato destes realizarem uma espécie de “vingança por parte da voz”. Embora reconheça que a revalorização da voz nas sociedades contemporâneas não se opere apenas em decorrência dos meios eletrônicos, Zumthor afirma que em relação à dicotomia fala e escrita o que ficou de fora não foi nem a lógica da oralidade nem a lógica da escrita. Os meios de comunicação eletrônicos continuam a fazer uso dos elementos característicos de uma tradição escrita como: distância física e temporal estabelecida entre os interlocutores; possibilidade de maior planejamento e de repetição do conteúdo transmitido. Ao mesmo momento, operam

---

<sup>16</sup> Zumthor trabalhou neste ponto com os meios eletrônicos em geral, colocando à parte a televisão e o cinema. Óbvio que em 1985 não existia a Internet como hoje a concebemos. Por isso, iremos usar os conceitos de Zumthor aplicando-os doravante para os meios eletrônicos sonoros, com maior ênfase no rádio.

uma revalorização da oralidade com o que de mais importante lhe caracteriza que é a voz. A este uso dos meios eletrônicos, caracterizado por guardar oralidade e escrita em seu bojo é o que podemos chamar *Oralidade Mediatizada*.

Silva (1999) aborda a noção de *oralidade mediatizada* estabelecida por Zumthor ao estudar o spot radiofônico. Para ela, além de uma ausência do corpo in loco, porém colocado na voz no ato da performance radiofônica, o que mais marca e serve como caracterização da linguagem do rádio é o fenômeno da junção da palavra escrita com a palavra oralizada, da união de uma lógica letrada com a lógica oral. Isto porque de acordo com Silva, uma tecnologia de comunicação de massa quando surge, assim o faz apoiada, parcial ou totalmente, em uma tecnologia já estabelecida. Isto aconteceu com as linguagens das media eletrônicos. Assim:

No caso da radiofônica, busca-se na escrita parâmetros para a sua organização. Mas por se tratar de um veículo que não tem o aparato imagético, o rádio desenvolve uma sintaxe cuja lógica resulta de uma mescla da lógica da escritura com as dos textos orais elaborados e memorizados pelas comunidades baseadas na voz sem o intermédio da escrita. (Silva 1999: 46)

Embora Silva tenha dado mais atenção aos aspectos semióticos da linguagem radiofônica em grande parte de seus trabalhos, podemos encontrar passagens nas quais a relação dos elementos corporais, imagéticos e rítmicos da linguagem do rádio são mesclados ainda a uma lógica de escritura. Pois para Silva (2003: 09)<sup>17</sup>, especialmente em culturas latino americanas como a do Brasil, esta mistura de voz-ritmo e escritura tem sido operada, em um processo histórico, pela presença da cultura negra (principalmente). Esta cultura deixou em nosso padrão de escritura traços de seus ritmos, de sua prosódia e de sua semântica. Este fato dá à linguagem do rádio em geral, e do rádio brasileiro em particular, enormes potencialidades lingüísticas, pois:

Esse vislumbre erótico do corpo e da voz, ou do corpo-voz, que sinaliza como potencialidades de singularizar a produção artística brasileira (estreitando a distância entre objeto e signo) traz à tona as características de uma cultura cujo influxo oralizante é constantemente reelaborado seja na escritura do impresso, seja nas mídias eletrônicas. O ritmo presente no corpo e nas enunciações orais, tão explorado pelas comunidades de oralidade primária a partir de sua linguagem versificada e ritmada com objetivos de memorização, surge para a mídia radiofônica como potencialidade a ser explorada tanto pelo texto a ser oralizado como pela voz na ativação de seu encantamento oral, persuasão e sedução da escuta do ouvinte. (Silva 2003: 09)

Em resumo, esta noção sobre a *Oralidade Mediatizada* entende a linguagem do rádio não como uma negação da cultura letrada em privilégio da oralidade, nem como uma linguagem que deve ser tão somente uma reprodução de uma noção padronizante

---

<sup>17</sup> Neste ponto a autora se baseia em estudos de Amálio Pinheiro (1984).

oriunda de uma tradição letrada. Antes, a *oralidade mediatizada* constitui-se em uma revalorização do oral com sua sonoridade, sua ausência do corpo do enunciador no espaço físico do destinatário da mensagem, a colocação simbólica deste corpo na voz. Porém, esta oralidade está, agora, em estrita relação, ou mesmo casamento, com a lógica da escrita, com a tradição de escrita. Ou seja, o que é concebido como *oralidade mediatizada* é a junção, ou meio caminho, entre a escrita e o oral, estaria esta *oralidade mediatizada*, de fato, reproduzindo o que acontece nos mais diferentes momentos de interação humana concretizados nas sociedades hodiernas: a não separação definitiva entre tradição escrita e tradição oral.

Como podemos concluir a partir da noção de *oralidade mediatizada*, oralidade e escrita são elementos que constituem, harmonicamente, a linguagem do rádio. Escreve-se para ler e fala-se com os recursos da oralidade aliados aos aspectos oriundos da escrita. Sendo assim, ficam-nos as seguintes perguntas: o que de fato são o oral e o escrito? E quais processos inerentes à relação destes dois fenômenos lingüísticos? Para que possamos encontrar respostas a estas indagações, é preciso olhar mais de perto o falar e o escrever em seus meios e suas concepções dentro dos aspectos constitutivos das línguas humanas.

### 3. Do falar e do escrever: conceptual, medial e semi-oralidade.<sup>18</sup>

Fala e escrita têm sido ponto central de reflexões lingüísticas desde períodos remotos da história da humanidade. Já com o advento da escrita, ainda no período clássico, chegou-se a estabelecer que esta nada mais era que uma mera representação, ou no máximo, uma tentativa de representação da fala. Esta noção tinha a escrita como um subproduto, uma deriva da língua falada. Neste caso, as letras guardavam uma relação de um para um, ou seja, para cada sinal gráfico haveria a sua realização sonora na fala. Com o passar do tempo, esta noção mostrou-se completamente insuficiente para responder às variadas perguntas que surgiam sobre as características inerentes tanto da oralidade como da escrita. Uma das perguntas que esta concepção não respondia era de como uma mesma letra conseguia representar mais de um som da fala quando se pergava a relação de para cada letra um som. Este era o caso da letra **A** nas palavras inglesas **TABLE**, **CAT** e **PASTA**. Daí passou-se a buscar novas abordagens para a questão da relação fala e escrita nas diversas línguas humanas, abordagens estas que passaram a ter um caráter mais científico que as anteriores concepções de origem clássica.

Foi no decorrer das décadas de 60 e 70 que tomou forma uma noção cuja origem estava mais ligada a estudos da lingüística, alguns de base antropológica outros de origem na sociolingüística. Os trabalhos resultantes desta corrente passaram a estabelecer características para a fala e para a escrita que iam muito além da relação de representação de um para um de elementos escritos para com os elementos falados. Contudo, esta relação dava-se em termos de uma dicotomia a qual colocava fala e escrita em campos diametralmente opostos, a ponto de se estabelecer a natureza da primeira inteiramente contrária à natureza da segunda, ou seja, tudo que fosse característico de uma teria de ter um extremo oposto na outra. Assim, para a fala era estabelecido que se tratava de algo extremamente dependente de um contexto situacional, esta não era planejada e conseqüentemente era redundante, e além do mais, a fala não concebia o fenômeno da perdurabilidade, em outras palavras, o que era dito se perdia no momento subsequente. Por outro lado, a escrita representava um fenômeno não dependente de um contexto situacional, era totalmente planejada e em conseqüência, linear e de duração perpétua.

---

<sup>18</sup> Doravante, usaremos os termos **plano conceptual** e **plano concepcional** para fazer referência ao mesmo fenômeno.

Esta concepção tinha como origem uma orientação que valorizava, ou mesmo só reconhecia, a escrita como elemento de estudo da lingüística. Para esta noção, a oralidade não podia ser centro de estudos lingüísticos, uma vez que o que se falava escapava aos preceitos dos estudos científicos até então desenvolvidos. Foi na Europa do início da década de 80 que começou a tomar forma uma nova maneira de abordar os fenômenos da oralidade e da escrita. Esta então nova concepção passou a valorizar, ou re-valorizar, a língua oral. Desta re-valorização, surgem estudos que apontam para o fato de não haver um profundo e enorme abismo separando de um lado a oralidade e de outro a escrita. Antes, o que se estabelece é haver aquilo que Pessoa (2003) chama de “fusão técnica” da oralidade e da escrita. Daí, nós podemos estabelecer em um primeiro momento que tanto a oralidade como a escrita apresentam duas grandes características. A primeira diz respeito aos meios nos quais oralidade e escrita são concretizados, já a segunda característica está ligada a aspectos referentes tanto à produção como da recepção de produções oralizadas ou escritas. Passemos então a descrever de forma mais geral os meios e as concepções do oral e da escrita.

### **3.1 O medial e o concepcional no oral e na escrita.**

Como já pontuamos, foi a partir da década de 80 que começou a tomar forma na Europa uma concepção sobre a relação oralidade e escrita que define ambos os fenômenos lingüísticos como constituídos por fatores, ora de natureza física, ora de natureza psíquica e sem uma série de características intrínsecas e exclusivas a cada uma das modalidades da língua que façam tanto o oral como o escrito coisas completamente díspares uma da outra.

Assim, esta definição estabelece que tanto o oral quanto o escrito não estão em posições dicotômicas, sem relações e em recíproca anulação. Tanto um quanto o outro estão, para esta perspectiva, em um processo lingüístico caracterizado por dois *media* e duas concepções. Disto resulta o que Oesterreicher (1996) estabelece como a necessidade de se verificar uma distinção entre os canais da realização, ou seja, o plano *medial*, o dos meios ou canais utilizados no processo de interação e conseqüente uso da língua e no qual estariam as realizações fônicas e as realizações gráficas. E em um outro plano, o *concepcional*, ou seja, das perspectivas cognitivas da realização de uma construção lingüística, o qual é constituído pelo oral e pelo escrito.

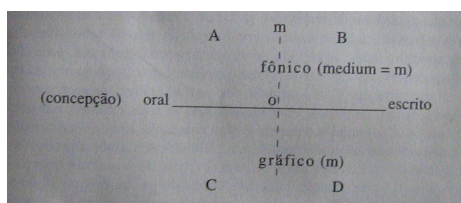
Ainda Oesterreicher (1996) estabelece que o plano *medial* coloca os canais gráficos e fônicos em relação de dicotomia, o que quer dizer que uma realização lingüística, ou um determinado texto apenas se dá em um dos meios, quer seja o gráfico quer seja o fônico e nunca em um meio híbrido, aquilo que poderíamos chamar de plano medial fonográfico.<sup>19</sup>

Já para o plano concepcional, diferentemente do que coloca para o plano medial, Oesterreicher afirma que as perspectivas cognitivas não são excludentes, mas sim estão em um *continuu*, podendo até serem encontradas realizações lingüísticas que cognitivamente apontem para uma fusão entre as concepções do oral e do escrito, assim:

La relevancia de esta doble distinción – a la del medio: fónico VS gráfico y de la concepción: hablado VS escrito – resulta muy clara también en la terminología utilizada por Giovanni Nencioni: es así como, empleando esta terminología, podemos calificar de *parlato parlato* una conversación entre amigos en un bar, de *parlato escrito* una carta privada en estilo coloquial, de *escrito parlato* la lectura del texto de una conferencia, y de *escrito escrito* un texto jurídico. (Oesterreicher in Kotschi et al. 1996: 318)

Partindo desta afirmação, temos que sob o ponto de vista dos aspectos cognitivos, ou das características influenciadoras da produção, recepção, seleção lexical, temática, referencial, coesiva entre outras, ou seja, das características inerentes tanto de uma concepção de escrita quanto de uma concepção de oralidade, a certeza de ser possível, em determinadas situações discursivas, uma mistura de elementos conceituais tanto do oral quanto do escrito.

Com base nestas idéias, e desenvolvendo uma discussão sobre as mesmas, Pessoa (2003) apresenta um meio de melhor refletir sobre os elementos *médium* e *concepção*. Este meio dá-se a partir da visualização dos planos mediais e conceptuais em um gráfico como o exposto abaixo:



(Pessoa 2003: 185)

Este gráfico, como nós podemos perceber, é formado por uma linha cheia na horizontal a qual demonstra a relação entre o oral e o escrito que se dá em um *continuum*, o que para Pessoa (op. cit.) é impossível estabelecer uma separação rígida de onde termina

<sup>19</sup> Esta é uma concepção que a nosso ver merece alguma discussão, pois na televisão é comum, principalmente em comerciais, a aparição de textos em caracteres do nosso alfabeto, ou seja, o gráfico, e no mesmo momento, este texto é lido, o que significa termos neste momento, também, o fônico. Em resumo, percebemos, neste *médium* a realização gráfica e a realização fônica concomitantes.



uma concepção e começa a outra. Esta mesma linha deixa em sua parte superior o plano medial das realizações fônicas, e em sua parte inferior o plano das realizações gráficas. Ainda de acordo com esta sistematização:

A linha pontilhada *m*, que representa o *medium* se movimenta em concomitância com o eixo concepcional, mostrando as diversas combinações possíveis e como *médium* e *concepção* se inter-relacionam nos diversos tipos de textos produzidos; a linha *m* se encontra na altura do ponto 0 (zero) para indicar apenas sua posição de repouso, perpassando os dois planos mediais, para indicar que serve para os representar. Dessa forma, *m* pode se manifestar na parte superior ou inferior (fônico ou gráfico, respectivamente) combinada com a concepção à esquerda ou à direita, se se trata de oral ou escrita respectivamente. (Pessoa 2003: 186)

Daí, podemos estabelecer que no quadrante A estão realizações fônicas e que são concebidas enquanto tais; como exemplo destas podemos citar uma conversa familiar sobre o que vestir para ir a uma festa. No quadrante B, estão os textos que são realizados fonicamente e cognitivamente percebidos como escritos; neste caso temos a leitura de uma lei em voz alta para certo público ou mesmo uma apresentação de trabalho acadêmico onde há como ponto de partida alguma produção escrita. No quadrante C estão os textos realizados graficamente, porém concebidos como orais; neste caso temos os textos da literatura dita regionalista. Por último, temos o quadrante D onde se situam os textos realizados graficamente e cognitivamente percebidos como escritos; aqui podemos elencar uma tese de doutorado.

Ainda, Pessoa (2003) estabelece a existência de textos os quais têm sua realização no plano medial fônico, porém são planejados a partir de uma concepção de escrita, ou mesmo foram primeiro realizados em um meio gráfico antes de serem postos em prática, performatizados (para usar aqui um termo de Zumthor 1993) ou oralizados. Em outras palavras, estes textos são de tal natureza que não é fácil estabelecer com clareza a sua classificação, pois como já pontuamos, estas produções em um primeiro momento são escritos, ou seja, realizados em um meio gráfico, e obviamente com uma concepção de escrita. Em um segundo momento, o da leitura, estas produções são realizadas em um meio fônico, só que em alguns casos, como o rádio (que iremos analisar em momento posterior) são aplicadas “técnicas” inerentes à concepção oral. Embora haja produções cuja característica seja de fusão das concepções oral e escrita, fato concreto é que as sociedades que fazem uso da tecnologia da escrita guardam aparatos cognitivos formadores de uma divisão entre uma e outra concepção.

Contudo, esta divisão não se deu de forma imediata. Foi necessário um longo processo histórico para que a concepção de escrita alcançasse o desenvolvimento que

hoje apresenta, tendo, embora não totalmente, um afastamento da oralidade, mas estabelecendo de qualquer forma um distanciamento a ponto de quebrar com a relação de uma letra para cada som, relação esta estabelecida no período clássico. Estas técnicas de produção da escrita foram desenvolvidas em consequência de o texto escrito passar a ser veiculado em lugares e épocas diferentes do de sua origem. Isto é discutido por Oesterreicher (1996: 318) quando este denomina “*inmediatez comunicativa y distancia comunicativa*” sendo que, para ambos os termos, nós podemos atribuir como seus parâmetros:

... ‘privacidad de la comunicación’, ‘conocimiento mutuo de los interlocutores y saber compartido’, ‘participación emocional’, ‘integración del discurso en el contexto situativo y accional’, ‘tipo de referencialización’, ‘posición local y distancia temporal de los interlocutores’, ‘cooperación’, ‘dialoguicidad’, ‘espontaneidad’, ‘fijación y determinación del tema’, etc. (Oesterreicher in Kotschi et al 1996: 318-319)

Oesterreicher ainda pontua que estes parâmetros são escalares, e que as diferentes condições de comunicação apresentam certas necessidades de produção discursivas como diferentes graus de planejamento, elaboração sintática, semântica, etc. Tudo redundando em regras pragmáticas da produção textual.

Ainda sobre as noções de proximidade e distância comunicativa, Pessoa (2003), como também Oesterreicher (1994) e Oesterreicher (1996) trabalham com os termos “*agregação*” e “*integração*” a fim de melhor explicar os termos distância e proximidade comunicativas. Desta forma, quando estivermos analisando as duas modalidades da língua por uma perspectiva dos usos que podemos fazer de cada uma, ou seja, a partir de daquilo que os referido autores chamaram de “*abordagem externa do problema*” podemos fazer uso de um termo adequado. Em outras palavras, os textos que estão, mesmo que teoricamente, no extremo concepcional do oral são classificados como de “proximidade comunicativa” ou ainda no termo original “*Sprache der Nahe*”, pois estes são concebidos em uma situação pragmática na qual, ao menos em tese<sup>20</sup>, os interlocutores estão em um mesmo contexto espaço-temporal. Por sua vez, as produções que se encontram no extremo do continuum concepcional da escrita podem ser entendidas como de distância comunicativa, ou ainda “*Sprache der Distanz*”. Aqui, temos textos que são concebidos em uma situação de comunicação, interação ou ação na qual os interlocutores, mais uma vez em tese, não compartilham o mesmo contexto espaço-temporal.

<sup>20</sup> Em tese porque hodiernamente já há produções orais nas quais a concomitância espaço temporal tende a ser suprimida, veja-se a tecnologia **SKYPE**.

Tanto os fenômenos da distância quanto da proximidade comunicativa, que são de natureza externa, podem influenciar as produções textuais de ambas as modalidades da língua em seus aspectos internos. A depender de um determinado texto oral ou escrito ser mais de distância ou proximidade comunicativa, este texto poderá apresentar mais ou menos elementos em sua constituição interna ou estrutural que o fará apresentar aspectos de natureza lexical ou sintático específicos. Desta feita, quanto mais o texto for classificado como de distância comunicativa, tanto mais ele apresentará elementos característicos de um processo de “*integração*”. Por outro lado, as produções classificadas como de proximidade comunicativa têm em sua estrutura elementos caracterizadores de um fenômeno de “*agregação*”. Partindo desta noção, Pessoa (2003) estabelece que um texto possa ser mais de integração (distância) ou de agregação (proximidade) a depender da quantidade de “técnicas” de uma ou de outra concepção de fala ou de escrita usadas na elaboração deste referido texto. Daí, nós podemos inferir que uma produção tanto de oralidade quanto de escrita pode facilmente apresentar elementos mistos em sua constituição, ou seja, uma produção concepcionalmente de oralidade pode ter elementos que a priori são típicos da concepção de escrita, e vice versa. Isto nos leva a uma outra questão, o da constituição dos textos e a relação entre as duas concepções neste processo. Tal questão será discutida no tópico a seguir.

### **3.2 As passagens.**

Diante desta relação entre o oral e o escrito, podemos buscar fazer uma reflexão sobre o fenômeno das passagens dos textos de uma concepção a outra. Historicamente, o processo que leva textos a serem realizados de forma tal que os direciona a uma transição entre diferentes planos, quer medial quer concepcional, tem suas origens com o advento, e mais notadamente, com a popularização da escrita na Europa medieval. Desde o momento no qual a humanidade começou a lidar de forma mais cotidiana com a escrita, que se tem observado o quanto tanto textos escritos têm sido transpostos para a oralidade, como textos orais têm sido colocados em forma escrita. A este processo dá-se o nome de passagem. Pessoa (2003), com base em estudos de Schlieben-Lange, estabelece dois tipos de passagens com suas respectivas subdivisões: O primeiro diz respeito ao evento de transpor da oralidade para a escrita, o qual seria intitulado de A. Este é subdividido em A1 e A2. Desta perspectiva podemos dizer que A1 refere-se a uma passagem medial, no qual uma pessoa dita, ou seja, produz um texto no plano

medial fônico para que alguém o transcreva, levando, assim, este texto do plano medial fônico para o gráfico. Por sua vez, A2 está ligado a uma passagem concepcional, pois o mesmo texto que antes fora oralizado, agora no plano gráfico, terá que assimilar regras inerentes à escrita como, por exemplo, os elementos anafóricos de tempo e espaço adequados para uma produção de distância comunicativa.

O segundo tipo de passagem é o que diz respeito à transformação da escrita para a oralidade, fenômeno doravante classificado pela letra B. também com sua subclassificação em B1; o da passagem medial. Este é concretizado quando um texto originariamente do plano medial da escrita é lido em voz alta, passando, desta feita, para o plano medial fônico. Ainda, temos B2 o qual está relacionado com a passagem concepcional oriunda desta mesma leitura de um texto escrito em voz alta. Esta passagem concepcional de B2 é possível uma vez que no momento da oralização, ou seja, da leitura em voz alta, são colocados elementos supra-segmentais não contidos na escrita.

Diante do aqui exposto e com base nas concepções de Pessoa (2003:194), podemos dar uma maior sistematização ao conceito das passagens. Assim, fica estabelecido que estas passagens são concretizadas em dois grandes movimentos. O movimento A e o movimento B, com dois tipos específicos de passagem para cada movimento concretizador. Em outras palavras, temos o primeiro movimento A (Movimento do oral para a escrita) com A1 (passagem medial) e A2 (passagem concepcional) conseqüências deste referido movimento. Por sua vez, o segundo movimento B (da escrita para a oralidade) com B1 (passagem medial) e B2 (passagem concepcional).

### **3.3 As passagens e a semi-oralidade ou texto oral de impronta escrita.**

Como já pontuamos no tópico anterior, o processo das passagens (principalmente o caracterizado pelo movimento A) deu-se inicialmente em um momento histórico no qual a escrita era uma tecnologia<sup>21</sup> ainda nova e de acesso apenas a um pequeno número de pessoas na Europa. Neste período, era comum os textos serem oralizados por alguém a uma outra pessoa, a fim de que esta colocasse o dito no papel. Contudo, este mesmo texto, uma vez que na Europa medieval não havia o advento da leitura silenciosa, era concebido para uma leitura em voz alta. Assim, os textos escritos

---

<sup>21</sup> Usaremos aqui o termo cunhado por McLuhan (1986).

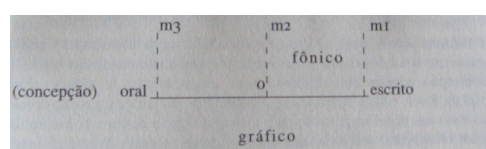
passavam de uma concepção de oralidade para uma concepção de escrita sem que houvesse uma total passagem de uma perspectiva para a outra, ou seja, continuavam a existir nestes textos escritos medievais traços muito fortes da concepção oral. Modernamente, esta passagem incompleta dá-se por fatores outros como o baixo grau de domínio sobre a escrita daqueles que por ventura estejam produzindo algum texto escrito, uma vez que estes, em consequência de sua pouca familiaridade com o padrão, tenderão a deixar marcas do oral no texto escrito. É a este fenômeno lingüístico que Pessoa (2003) chama de semi-oralidade.

No tocante ao fenômeno da passagem do escrito para o oral, o que pressupõe um movimento em sentido contrário ao que foi descrito acima, pode-se simplesmente executar um texto escrito por via da oralização. Contudo esta execução implica em algumas transformações caracterizadas por:

... Transmitir aos que ouvem certas características típicas da oralidade, que se concretizam através de entonações e gestos, vinculando dessa forma leitor e ouvinte numa tentativa de interação que é diferente daquela situação do leitor solitário com o texto diante dos olhos. (Pessoa 2003: 198)<sup>22</sup>

Ou ainda, no processo de passagem do escrito para o oral, temos um texto do concepcional escrito que se tenta passar como de concepcional oral, porém no médium gráfico. Este não atinge a passagem de forma completa, conseguindo-se apenas uma aproximação à concepção do oral.<sup>23</sup>

Aqui interessa-nos o processo de oralização dos textos escritos. Neste, há vários estágios e situações de realização que vão desde uma leitura de certo texto em voz alta, até a execução de uma palestra ou de um debate acadêmico onde não há um texto escrito com sua presença material ou medial. Todas estas realizações estão no plano fônico, porém permanece a concepção de escrita. Com base nesta variedade de realizações de um texto escrito no plano fônico, Pessoa estabelece três parâmetros que podem ser demonstrados no seguinte gráfico:



(Pessoa 2003: 201)

Assim, m1 está no quadrante B onde se situam o plano medial fônico e o plano concepcional da escrita. Neste estágio, encontram-se textos escritos que são lidos em

<sup>22</sup> Nesta passagem podemos ter em termos mais lingüísticos uma noção sobre o fenômeno estudado por Zumthor (1985), Silva (1999) e Silva (2003) da presença do corpo na voz.

<sup>23</sup> Pessoa (2003: 200)

voz alta. Por sua vez, m2 encontra-se no plano medial fônico, mas no que diz respeito ao concepcional, m2 está em um ponto de deslocamento para o plano do oral. Neste estágio (m2) estão uma declamação, uma aula previamente preparada ou mesmo um sermão. Por último, temos m3. que:

... representaria *concepção* oral e realização oral no extremo esquerdo da escala concepcional, porém ainda com algum resíduo de sua origem, pelo menos no plano do vocabulário, dada a motivação inicial da produção textual, que se inspirou num texto escrito. Aqui é difícil de isolar completamente o oral do escrito, porque um certo vocabulário originado da concepção do escrito pode num dado momento ganhar popularização e passar a pertencer à esfera da espontaneidade. (Pessoa 2003: 200-201)

Em outras palavras, os três estágios acima descritos representam situações de produção lingüísticas nas quais as passagens, a nosso ver, não se dão de forma completa, pois nos dois primeiros (m1 e m2) estão no plano concepcional do escrito, sendo realizados no meio fônico com traços de natureza do concepcional de escrita conforme já discutido. O terceiro e último estágio (m3) está no plano fônico e concepcional de oralidade, porém carregado de elementos (principalmente de vocabulário) do plano concepcional do escrito. Isto nos dá a noção de serem estas realizações, em seus três estágios, casos de semi-oralidade.

Contudo, no tocante ao conceito da semi-oralidade, preferimos não adotá-lo com esta nomenclatura, pois este pode deixar margem para uma referência imediata à existência de um fenômeno da semi-escrita no mesmo processo. Para melhor compreendermos o ponto discutido neste parágrafo, tomemos como exemplo a leitura de um texto escrito para uma platéia de analfabetos. Neste processo, há a possibilidade desta passagem ser incompleta, ou seja, o texto escrito ao ser oralizado guardar elementos concepcionais da escrita, mesmo sendo realizado em um plano medial fônico. Ao verificarmos este fenômeno podemos classificá-lo de semi-oral, é claro. Porém, esta classificação poderia ser também nomeada como semi-escrita, uma vez que a leitura em voz alta, como exemplificada, guarda elementos da escrita em um evento de oralização. Assim e para evitarmos a possibilidade da criação de uma dupla nomenclatura para um mesmo evento lingüístico (e tão somente com o objetivo de evitar esta dupla nomenclatura) adotaremos para o evento das passagens incompletas os termos cunhados por Oesterreicher (1996) e Oesterreicher (1994): **Texto escrito de impronta oral** (quando da passagem do oral para a escrita ou A); e **texto oral de impronta escrita** (quando da passagem da escrita para o oral ou B). Esta perspectiva ser-nos-á de

fundamental importância para a discussão que desenvolveremos em momento posterior deste trabalho.

Desta feita, podemos fazer um resumo do discutido neste tópico de nosso trabalho. Escrita e oralidade estão, em muitos momentos das diferentes interações humanas, em constante intercruzamento. Nestes intercruzamentos acontecem as passagens, em outras palavras, o caso de uma construção escrita ser transposta para a oralidade ou um outro caso de uma construção oral ser colocada na escrita. Em qualquer uma destas duas passagens, pode ser verificado o fato de não ser concretizada uma passagem total, de uma construção quando passar de um plano medial a outro mudar completamente seus caracteres concepcionais originários. Quando esta passagem incompleta acontecer poderemos classificá-la de duas formas: A primeira sendo texto escrito de impronta oral, quando for uma passagem incompleta do oral para a escrita; a segunda será texto oral de impronta escrita, no momento de uma passagem incompleta da escrita para o oral. Todavia, fica-nos uma pergunta: a partir de que elementos podemos identificar que um determinado texto que se realiza em um dos planos mediais está com traços concepcionais de uma outra modalidade? Para responder a esta pergunta, é necessário um olhar mais detalhado sobre as naturezas constitutivas da escrita e da oralidade; o que faremos no tópico seguinte.

### **3.4 Oralidade e escrita: constituições e particularidades.**

Seguindo a linha de pensamento que defende a não existência de um fosso a separar as modalidades oralidade e escrita, Pessoa (2003) defende a existência de três fatores constitutivos para as duas, quais são: A situação, ou contexto imediato, a dêixis e a perdurabilidade. Tanto o oral quanto a escrita apresentam estes três elementos, provando mais uma vez a não separação definitiva e dicotômica entre uma modalidade da língua e outra. Contudo, mesmo com os fatores situação, dêixis e perdurabilidade presentes na constituição de textos em ambas as modalidades, oralidade e escrita, cada um deles vai assumindo características peculiares a depender de uma série de condicionantes, tornando a oralidade e a escrita, ao mesmo tempo, iguais em muitos pontos e possuidoras de peculiaridades inerentes tanto a uma como a outra. Passemos a analisar cada um dos três fatores de forma mais detalhada.

### 3.4.1 A situação: o governo do contexto.

Quando fala de situação, Pessoa (2003) assume uma postura em busca de uma abordagem pragmática na análise de línguas. Nesta visão, a situação diz respeito ao espaço físico e temporal no qual uma interação qualquer pode se desenvolver. É neste espaço onde os interlocutores vão assumindo e ao mesmo tempo alternando seus papéis, um diante do outro. Assim, em termos lingüísticos, podemos notar uma alternância de posições entre aquele que fala e aquele que escuta, gerando uma troca da aplicação dos pronomes pessoais do caso reto entre ambos. Desta feita, o “eu” e o “tu” são aplicados a um ou outro participante da interação, a depender do momento desta. Em adição ao jogo dos papéis, temos a ação do “aqui” e do “agora” a determinar esta relação. Em outras palavras, dependendo do momento e do lugar nos quais os discursos são produzidos, falante e ouvinte fazem uso de uma gama de elementos lingüísticos específicos.

Em decorrência do até aqui exposto no presente tópico, temos a afirmação de Pessoa (op. cit) que credita à oralidade uma maior influência da situação em comparação ao governo desta situação para com as produções escritas, pois é na oralidade onde a realização se dá no momento mesmo da fala, ou seja, a elaboração, transmissão e recepção do discurso se dão de maneira praticamente simultânea. Por outro lado, a escrita não tem sua realização simultânea, fazendo desta menos governada pela situação ou contexto de interação do que aquela. E Pessoa (op. cit.) acrescenta:

Enquanto na oralidade os indivíduos estão inseridos na mesma situação, o papel deste componente e o contexto imediato da interação conduzem a construção do significado e da referência, resultando a compreensão, por sua vez, sobremaneira das relações aí estabelecidas e dos significados aí construídos. Na escrita, dada a ausência de um interlocutor, a referência é construída intertextualmente, devendo para isso serem tecidas relações coesivas e anafóricas responsáveis pela progressão temática e pela coerência textual. (Pessoa 2003: 191)

Deste fato resulta que o texto escrito apresenta um conjunto de elementos coesivos e referenciais que apontam para uma situação de distância comunicativa estabelecida entre os interlocutores, distância esta que aponta para duas situações ou contextos imediatos distintos vivenciados pelos participantes, cada um a seu turno. Ao contrário da oralidade, pois esta apresenta elementos que apontam para uma situação de proximidade comunicativa, ou seja, de uma semelhança no tocante ao contexto imediato vivenciado pelos participantes da interação. Os elementos coesivos apresentados em textos escritos e textos orais que apontam para uma situação de distância ou



proximidade comunicativa respectivamente se refletem mais notadamente nos elementos que apontam para as relações temporais, sociais ou mesmo discursivas estabelecidas no decorrer do texto. Estas relações são caracterizadas por elementos que, cada um ao seu turno, apontam, ou indicam, que tipo de relação está sendo estabelecida em um determinado momento da interação. Estes elementos são os dêiticos.

### **3.4.2 A situação e a dêixis.**

É principalmente da situação que emerge o uso dos dêiticos nos diferentes textos quer orais ou escritos. No caso das construções orais, os usos dos elementos dêiticos são influenciados pela condição de proximidade comunicativa, em outras palavras, a situação desempenha um papel mais intenso, uma vez que os interlocutores estão, por via de regra, frente a frente. Daí, resulta o fato de na oralidade os dêiticos pessoais, espaciais e temporais apresentarem uma identificação mais clara e mais imediata com o momento mesmo da interação falante ouvinte.

Por outro lado, na escrita estes elementos dêiticos não estão tão diretamente identificados com a situação, mesmo porque na escrita, como já discutimos, não existe uma situação, mas sim duas ou mais situações, pois os textos escritos são caracterizados pela condição de distância comunicativa. Conseqüentemente, os mesmos elementos dêiticos como os pessoais, ou seja, os pronomes; os dêiticos espaciais caracterizados principalmente pelos advérbios de lugar e os dêiticos temporais não estão tão intimamente ligados às situações, ou aos contextos imediatos vivenciados pelos interlocutores, que no caso da escrita são o escritor e o provável leitor.

### **3.4.3 A perdurabilidade: o tempo da oralidade e o tempo da escrita.**

O conceito de perdurabilidade é mais um que podemos aplicar tanto à escrita quanto à oralidade. Contudo, e mais uma vez, este conceito guarda características peculiares quando aplicado tanto a esta quanto àquela. Em primeiro lugar, faz-se necessário estabelecer que o entendimento sobre o termo perdurabilidade não está ligado tão somente à duração, ou perpetuação de uma determinada produção lingüística no tempo. Também entendemos por perdurabilidade a relação de um determinado texto com o tempo cronológico ou histórico. No que diz respeito à oralidade, podemos afirmar que um discurso nesta modalidade tende a apresentar uma perpetuação no

tempo não tão duradoura e perfeita quanto os textos da tradição escrita. Contudo, diversos estudos apontam para uma capacidade de perpetuação de textos orais em sociedades sem o domínio da tecnologia da escrita. Ainda, no tocante ao fenômeno da perdurabilidade na oralidade temos que o tempo desta está, em sua maior parte, girando em torno do tempo presente, do tempo de sua produção, ou seja, uma vez que os textos orais são caracterizados pela proximidade comunicativa e em consequência sofrem uma maior influência da situação, os discursos orais tendem a se apresentar com maior frequência ligados e funcionando em termos do momento de seu surgimento que os textos escritos.<sup>24</sup>

Por sua vez, a escrita apresenta uma maior frequência e possibilidade de construir uma independência deste tempo. Em outras palavras, o texto escrito tem uma capacidade de perpetuar seu discurso de forma mais duradoura e perfeita. Na escrita, o significado de seus textos podem ser reproduzidos em diferentes épocas, como também nestes textos há a possibilidade de uma maior e melhor remissão ao passado e ao futuro. Neste quesito, Pessoa acrescenta:

Dessa maneira, oferecendo a possibilidade de afastamento da realidade onde a oralidade é produzida, os sistemas escritos têm um funcionamento e um significado diferentes do que ocorre naquela modalidade e sua produção exige portanto outras habilidades que somente à custa de um esforço intelectual superior é possível alcançar. (Pessoa 2003: 192)

O que entendemos por “esforço intelectual superior” nesta passagem não está relacionada à noção de superioridade da tradição escrita em relação com a tradição oral, mas sim com a atividade de buscar elementos ainda mais abstratos a fim de lidar com os diferentes tempos possíveis e presentes nas construções escritas. Daí, Pessoa (op. cit.) afirmar ser necessário o domínio de técnicas tanto de oralidade quanto de escrita para lidar com as características inerentes ao fenômeno da perdurabilidade na escrita.

Em resumo ao discutido no presente capítulo, podemos entender oralidade e escrita como duas modalidades que podem ser realizadas em dois meios, o fônico para a oralidade e o gráfico no caso da escrita. Destas diferentes realizações surge um conjunto de elementos de natureza cognitiva condicionantes das diferentes produções tanto em uma modalidade como outra. Estas condicionantes são caracterizadas pelas concepções. Assim, tanto a escrita quanto a fala apresentam dois planos, o medial e o conceptual que

---

<sup>24</sup> Isto não exclui a possibilidade de um texto oral estar girando em torno de um tempo passado, nem de um texto escrito em relação a um tempo presente. O que apontamos nesta passagem é a frequência com a qual presente e passado atuam em ambas as modalidades.

fazem de cada uma das modalidades possuidoras de características próprias sem, contudo, deixar de apresentar momentos e pontos nos quais as duas se interceptam, as duas estão com alguns de seus elementos constitutivos presentes no momento da realização de um determinado texto. Chegando a ponto de termos textos os quais podemos classificar ora como textos orais de impronta escrita, ora como textos escritos de impronta oral. Esta perspectiva teórica quebra com a antiga visão dicotômica sobre a oralidade e a escrita, uma vez que admite para ambas uma possibilidade de relação, e de co-presença em determinados processos, situações ou contextos de interação social. Esta perspectiva rejeita haver um processo de exclusão entre as duas modalidades e acaba com a noção para a qual tudo que disser respeito à escrita, tem que necessariamente excluir a oralidade, e vice versa.

Até este ponto, quando discutimos os conceitos tanto de oralidade quanto de escrita, assim o fizemos de uma perspectiva que em linhas gerais aborda a questão por um viés mais a tomar as duas modalidades por si mesmas, e os efeitos que uma pode ter sobre a outra. Contudo, e principalmente no caso da escrita, fica-nos faltando discutir o que e como as sociedades humanas fazem destas modalidades. Em outras palavras, está ausente uma reflexão sobre como uma sociedade se organiza a partir de uma tradição oral e quais as possíveis transformações sofridas por esta mesma sociedade a partir do advento e do desenvolvimento de uma tradição escrita. Este é o tema central de nosso próximo capítulo.

#### 4. Tradição oral, tradição escrita e letramento.

Assim como ocorreu no tocante à relação oralidade e escrita, os estudos sobre as sociedades com ou sem o domínio do fenômeno da escrita também apresentam diferentes concepções nas suas abordagens. A primeira das abordagens procura observar a presença da escrita nas sociedades de forma geral, partindo dos efeitos psicológicos e culturais que essa escrita desencadeia. A segunda concepção procura observar a escrita em cada contexto particular, ou seja, como cada sociedade ou grupamento humano a adota e reage diante desta.

Ainda, no tocante às visões sobre a oralidade e a escrita em sociedade, podemos notar que existem diferentes entendimentos sobre estas sociedades, a depender da presença ou não de um fenômeno de escrita em seu meio. O primeiro, e o mais criticado, coloca as sociedades de tradição oral em uma posição de incapacidade para desenvolver processos tecnológicos e até mesmo sem a capacidade de construir pensamentos abstratos e raciocínios lógicos de um lado, e de outro as sociedades letradas, ou seja, aquelas que têm o domínio da escrita como as possuidoras de uma forma de organização e intelecto superiores. O segundo entendimento caminha por uma concepção que coloca as culturas orais como passos iniciais para uma evolução a um estágio de escrita. E por fim, uma terceira via admite, tanto para as culturas orais quanto para as culturas possuidoras de uma escrita, capacidade de organização, domínio de tecnologias e habilidades para desenvolver raciocínios lógicos.

Assim, temos que admitir a não existência de uma definição e de uma abordagem consensuais que coloquem de forma completa e exata o que constitui uma sociedade de tradição oral e uma sociedade de tradição escrita ou letrada. Primeiro, devido ao fato de que existem diversas compreensões sobre o que é, de fato, a escrita. Cada uma das diferentes teorias, antes de responder, acaba levantando ainda mais questionamentos, como: É a escrita uma tecnologia? É a escrita um fenômeno? Em caso de ser um fenômeno, de que natureza ele é? O que a escrita representa? Etc.

Diante do aqui exposto, fica claro que se faz necessário, quando da busca de um entendimento da natureza ou naturezas das culturas orais e das culturas letradas, uma libertação da visão grafocêntrica que se estabeleceu principalmente no mundo ocidental a partir de finais da idade média. Esta visão entende o mundo apenas pelo ângulo de uma organização social de base letrada. Em outras palavras, somente há o

entendimento de uma sociedade humana enquanto tal se essa apresenta um estado burocrático e com registros escritos de sua vida.

É claro que a escrita operou uma profunda transformação nas sociedades nas quais ela foi aplicada, e disso não há o que discordar. Contudo, não podemos achar que só e somente onde há escrita é que se faz possível o advento de uma organização social. Desta percepção, fica-nos a alternativa de um alinhamento à terceira concepção expressa acima, a de que existe tanto para as culturas orais quanto para as culturas possuidoras de uma escrita, capacidade de organização, domínio de tecnologias e habilidades para desenvolver raciocínios lógicos. Com o acréscimo de haver uma necessidade de entendimento de cada cultura enquanto tal.

Este ponto de vista é de muita valia até, e principalmente, para que possamos entender a natureza social da escrita. Dito de outra forma, a nosso ver existe uma maneira um pouco mais adequada de compreendermos melhor o fenômeno da escrita em sociedade, e essa forma é partindo de uma compreensão das culturas de tradição oral, suas respectivas formas de se organizar, suas formas de pensar e de entender o mundo e acima de tudo a sua relação com o mundo através das construções lingüísticas. Pois, é através da língua que o homem entende, constrói e vive o seu meio, o seu mundo.

#### **4.1 O homem oral: o texto e a memória.**

Goody e Watt (2006), em trabalho sobre as conseqüências sociais da escrita, estabelecem a existência de diferentes tipos de homem para ser abordados pelas ciências em geral. Para os referidos autores, é a presença ou ausência da escrita que vai estabelecer um tipo específico de homem e a respectiva ciência a estudá-lo. Assim, fica para o zoólogo o estudo do homem enquanto um animal. Por sua vez, o homem como animal falante fica a cargo do antropólogo, já o homem possuidor de alguma tradição escrita é objeto de estudo da sociologia. Sem com isso querer dizer que esta divisão é rígida e não há a possibilidade de um antropólogo estudar sociedades e suas escritas.

Quando passam a refletir sobre a natureza das sociedades de tradição oral, os dois autores abordam as formas de transmissão cultural dessas sociedades não dominadoras de um fenômeno de escrita. Em primeiro lugar, os autores começam especificando o que constitui elementos de transmissão cultural de uma geração a outra. Estes elementos são em número de três. O primeiro é formado pelos aparatos

“materiais” da sociedade em questão, ou seja, tudo que diz respeito às suas fontes de sobrevivência. O segundo está ligado aos aparatos não materiais desta sociedade quais são os hábitos de vestimenta, alimentação, usos de instrumentos diversos, em resumo, formas de comportamento social. Estes aparatos são, na visão de Goody e Watt, apreendidos pelos mais moços por meio da observação e imitação. O terceiro e último dos três elementos de transmissão cultural em um meio social é aquele relativo ao “conjunto particular de sentidos e de atitudes que se acrescentam aos símbolos verbais dos membros de qualquer sociedade”<sup>25</sup>. Esse elemento engloba tudo que diz respeito a formas de pensamento, as concepções sobre o que é ou não normal em termos de comportamento, a noção de tempo e espaço, em resumo, tudo aquilo que podemos classificar como “conhecimento de mundo” ou “visão de mundo”. Aqui, a língua exerce papel crucial, uma vez que é através da linguagem humana que estes elementos são perpetuados.

Para que haja esta transmissão e conseqüente perpetuação de todo o aparato cultural de base verbal, é necessário que se estabeleça uma cadeia de conversações entre os diferentes membros de uma comunidade. É nessa cadeia de conversação face-a-face que vai sendo construída a memória da comunidade, ou seja, o repositório de toda a história significativa deste povo. Nesse contexto de tradição oral estabelecido por meio de uma cadeia de conversação, a relação entre o símbolo lingüístico e seu referente se dá de forma direta, em outras palavras, não há uma mediação por parte de nenhum outro constituinte a não ser entre a palavra e a realidade apontada por essa palavra. Daí, o sentido das palavras é construído com a participação de um número de outros recursos como a entonação, a linguagem do corpo etc. assim:

O processo de ratificação semântica, de fato, opera cumulativamente; como resultado, a totalidade do relacionamento símbolo-referente é mais imediatamente experimentada pelo indivíduo em uma cultura exclusivamente oral, que é, assim, mais profundamente socializado. (Goody e Watt 2006:14)

O resultado dessa relação símbolo-referente direta é uma forma mais freqüente de nomeação do mundo a partir de uma necessidade ou um interesse comum ou mais urgente. Assim, aquilo que faz parte de uma realidade mais próxima ou que apresente uma maior necessidade concreta da sociedade de base exclusivamente oral é colocado em termos de linguagem. Isto não quer afirmar a inexistência de categorias abstratas nas linguagens das sociedades de tradição oral, muito pelo contrário. Contudo, estas

---

<sup>25</sup> Goody e Watt (2006: 13).

categorias abstratas são percebidas e conseqüentemente nomeadas a partir de uma realidade do mundo concreto.

Partindo desse pressuposto, Goddy e Watt passam a discutir a importância da memória nas sociedades de tradição oral. Para os mesmos, em tal sociedade, a memória exerce uma função social, pois os registros históricos deste povo residem na lembrança dos seus membros e é destes indivíduos, ou melhor, de suas memórias que dependem todos os, ou ao menos parte significativa dos, aparatos culturais desta sociedade. Assim:

As lembranças individuais tendem a ter uma importância crítica em sua experiência do relacionamento principal. Em cada geração, portanto, a memória individual será mediada pela herança cultural, de tal maneira que seus novos constituintes se ajustarão aos antigos pelo processo de interpretação que Barle chamou de “racionalização” ou “empenho após o sentido”; e quaisquer partes dele que tenham parado de ter relevância nesse momento são provavelmente eliminadas pelo processo de esquecimento. (Goody e Watt 2006: 16)

Contudo, uma vez que, nas sociedades orais, a nomeação do mundo, ou seja, de maneira mais ampla, a linguagem é constituída e perpetuada em uma relação direta e até mesmo íntima com as necessidades imediatas dessa sociedade, suas experiências de mundo e aquilo que é de interesse dessa comunidade - tudo transmitido em uma relação face-a-face - a memória tende a ser o repositório somente daquilo que faz parte dos interesses sociais imediatos.

Daí os dois autores classificam o processo de transmissão cultural nas sociedades de tradição oral como “homeostático”, pois este se desenvolve em termos de uma relação de contato direto do material cultural em questão com o tempo presente, e aí, o material cultural absolve os aspectos inerentes a esse tempo presente de forma quase automática. Este processo homeostático é detalhado pelos autores quando eles citam duas pesquisas levadas a efeito junto a comunidades do Tiv e de Gonja. Em tais pesquisas, foi constatada a importância das genealogias nas culturas de base oral. Contudo, a importância dada nessas culturas do Tiv e do Gonja às genealogias não está relacionada com a história passada, mas sim com necessidades de ajustes com as relações sociais que são construídas a partir de casamentos, fusões e mortes de membros ou grupos humanos em cada uma das sociedades estudadas. Os “ajustes” levam a uma constante transformação das genealogias nessas sociedades. O mesmo ocorre com os seus mitos, quando são esquecidos, transformados em novos ou mesmo adaptados para novos personagens a depender da nova realidade vivenciada pelo grupo humano

naquela sociedade. Tudo isso é decorrência da tendência homeostática de transmissão e perpetuação da cultura em sociedades de base oral. Daí:

Um dos mais importantes resultados dessa tendência homeostática é que o indivíduo tem pouca percepção do passado, exceto em termos do presente... (Goddy & Watt 2006: 21)

Em resumo, uma das principais particularidades inerentes a sociedades de tradição oral apontada por Goddy e Watt está ligada à relação da memória destas comunidades com o tempo presente. Isto fruto de uma relação direta de um dos três elementos de transmissão cultural, ou mais precisamente o terceiro deles que é o de “conjunto particular de sentidos e de atitudes que se acrescentam aos símbolos verbais dos membros de qualquer sociedade” (Goody & Watt 2006:21) com as necessidades imediatas desses grupos. Estes elementos por serem de base mais linguística que os demais terminam influenciando a percepção das pessoas dessas sociedades com relação ao que é mito ou história (genealogia)<sup>26</sup>, presente ou passado. Isto leva a cada geração criar, se não em sua totalidade, ao menos em parte seus próprios mitos, suas próprias histórias, seus vocabulários, em suma sua própria percepção de mundo. Descartando de forma inconsciente o aparato cultural das gerações anteriores, mesmo que de forma inconsciente, porém a gerar um maior ajuste com o que se percebe e vivencia no momento presente.

#### **4.2 O homem letrado: o texto e a história.**

Uma das primeiras observações a serem levantadas em uma reflexão sobre as sociedades dominadoras de uma tradição de escrita, também conhecidas pelos estudiosos como sociedades letradas, é de que a escrita marca o advento de uma história enquanto registro mais exato e duradouro desta sociedade. Pois, é a escrita que permite uma preservação do passado em forma documental, dando, assim, margem para uma atividade de memória em termos científicos, ou seja, para a história enquanto um fazer com características e práticas de ciência. E é justamente no trato do passado enquanto um objeto de documentação e conseqüente ciência que reside a principal característica do homem letrado na visão de Goddy e Watt (2006).

Em seu trabalho, os autores começam a refletir sobre as características formadoras das sociedades dominadoras (em maior ou menor escala) de uma cultura

---

<sup>26</sup> Nos casos abordados por Goddy e Watt.



letrada partindo de uma abordagem dos diferentes tipos de escrita desenvolvidos pela humanidade e seus efeitos sociais. Neste ponto, a tese levantada pelos dois estudiosos é de que a escrita tem a capacidade de introduzir mudanças significativas na organização das sociedades onde ela (a escrita) é aplicada. Contudo, estas mudanças tendem a variar de acordo com a forma de difusão e as oportunidades de acesso a essa escrita em uma dada sociedade. E neste processo de difusão e acesso à escrita, um dos critérios de maior peso é o relativo ao tipo de escrita adotado.

Em um percurso histórico, pode-se observar o quanto cada tipo de escrita influencia a sua própria difusão e o acesso das pessoas. Assim, um dos primeiros tipos de escrita, ou ao menos o assumidamente precursor da escrita, foi a “escrita” pictográfica. Esta, na visão de Goddy e Watt, apresenta enormes dificuldades por serem muito limitadas no tocante ao processo de representação das mais diferentes situações discursivas possíveis que venham a ser originadas da realidade social de uma determinada comunidade. Desta feita, na representação de um evento qualquer, como por exemplo, uma caçada, seria necessário uma infinidade de caracteres para narrar cada momento ou passo dessa caçada.

Posteriormente, surge um outro meio de representação discursiva por intermédio da escrita. Este consistia no uso de elementos fonéticos associados a pinturas simples com a finalidade de representar as palavras de uma língua. Assim, uma determinada palavra monossilábica era usada para se referir a um elemento do mundo concreto ou a um conceito abstrato, e em muitos casos esse elemento monossilábico poderia representar mais de um objeto ou mais de um conceito, Goddy e Watt (2006: 24) citam como exemplo o símbolo *tí* que para os sumérios podia significar tanto **flecha** quanto **vida**.

Este sistema tinha a vantagem de poder representar todos, ou quase todos, os elementos do mundo exterior e conceitos de um determinado povo. Contudo, esse sistema era de grande complexidade. Não por ser muito difícil o manuseio de cada símbolo tomado isoladamente, mas sim por haver um número muito grande destes símbolos, algo em torno de seis centenas para um domínio razoável da escrita. Todos esses sistemas de escrita aqui discutidos significavam um grande obstáculo para a difusão em maior escala de um fenômeno de letramento. Goddy e Watt admitem que mesmo diante das restrições impostas pelos sistemas de escrita aqui discutidos, sociedades como os sumérios, egípcios, hititas e chineses alcançaram um considerável grau de avanço na administração e na tecnologia; fruto dos seus sistemas de escrita.

Entretanto, e mais uma vez, estes povos ainda não podiam ser considerados letrados propriamente ditos, pois apenas uma ínfima parcela das suas populações tinha acesso e certo domínio das práticas de escrita. Assim, para os dois autores, o melhor é nomear aquelas sociedades de “proto-letradas” ou “oligoletradas”.

O proto-letramento existente em sociedades como o Egito e a Mesopotâmia gerou uma classe de religiosos, burocratas e comerciantes os quais tinham o domínio e o conhecimento da escrita então vigente. Esta foi, na concepção de Goddy e Watt, a influência dos sistemas de escrita pictográficos e logográficos nas sociedades onde foram aplicados. A acrescentam:

A existência de um grupo de elite, decorrente da dificuldade do sistema de escrita, cuja influência continuada dependia da manutenção da ordem social da época, precisa ter uma força conservadora poderosa, especialmente quando ela se compõe de especialistas em ritual. (Goddy & Watt 2006: 28)

Desta feita, podemos entender os sistemas pictográficos e logográficos como fenômenos cuja influência social representou nada mais nada menos que a criação e posterior manutenção de uma elite dominadora a qual tinha e perpetuava a escrita como um ritual, como um fenômeno esotérico. Fenômeno esse que apenas os indivíduos “predestinados” ou de capacidades “superiores” tinham acesso e domínio garantidos.

Foi com o surgimento da escrita fonética, ou completamente fonética como nas palavras de Goddy e Watt, que começa a haver a quebra com a lógica até então implantada. Para Goddy e Watt, a escrita fonética traz como principal característica o fato de representar não mais elementos do mundo material ou conceitos abstratos de base sócio-histórica. No sistema fonético, a representação é do próprio processo de interação humana, ou seja, a escrita fonética representa a linguagem humana propriamente dita, aquilo que é dito no momento da comunicação, e não somente os elementos do mundo ou os seus conceitos. Assim, surge uma nova e mais fácil possibilidade de expressar o pensamento, os comportamentos individuais e até os eventos sociais por meio de colocar na escrita aquilo que se convencionou naquela época por classificação de representação de um sinal gráfico para cada som da linguagem humana.

Esta representação, de qualquer forma, fez da escrita algo dissociado da total carga de esoterismo e reificação da escrita não-fonética. Como consequência, há uma

maior popularização <sup>27</sup> da escrita e de seus usos, quebrando com uma estrutura social vigente. Ainda sobre a importância do advento da escrita fonética Goody e Watt acrescentam:

A noção de representação de um som por um sinal gráfico é ela própria um salto tão espantoso da imaginação que, o que é notável, nem é tanto que tenha ocorrido relativamente tarde na história humana, mas que ela tenha ocorrido de alguma maneira. (Goody & Watt 2006: 29)

Contudo, precisamos aqui pontuar as observações de Chartier (2007) para o qual mesmo em sua versão fonética a escrita manteve, por um longo percurso na história da humanidade, um caráter de magia ou de ritual. Os próprios autores Goody e Watt (op. cit.) também convergem para este ponto de vista ao afirmarem que por um longo tempo as invenções fonéticas mantiveram um efeito limitado. Tal limitação se deu tanto pelo fato da escrita fonética ter sido encarada com descaso pelas elites então estabelecidas quanto pelo fato de já haver uma estrutura burocrática adaptada para as antigas formas de escrita. Prova disso é o fato dessa escrita fonética ter apresentado um emprego promissor em sociedades menos avançadas nas fronteiras do Egito onde tanto estrutura burocrática quanto elite dominadora da tecnologia de escrita ainda não estavam totalmente estabelecidas (Goody e Watt 2006: 29).

Apesar de alguns percalços, a escrita fonética se difundiu por todo o mundo então civilizado, em maior ou menor escala em cada sociedade ou em cada povo, é claro. Um dos povos que mais e melhor difundiram a escrita fonética, agora também conhecida por escrita semítica, foi o povo grego. Para Goody e Watt essa maior difusão da escrita semítica entre os gregos se deveu a fatores de base social, econômico e tecnológico.

O fator social diz respeito a uma menor estratificação das sociedades gregas, enquanto estas eram apenas formadas por acampamentos de tribos Jônicas. Esta ausência de uma estratificação rígida, como havia na sociedade micênica, possibilitou, a diferentes indivíduos, o acesso à escrita de base semítica. Em outras palavras, a escrita circulou mais democraticamente entre os povos jônicos uma vez que não havia um grupo de elite para se apoderar e conseqüentemente tomá-la como exclusivamente sua.

O aspecto econômico que contribuiu para a maior difusão da escrita semítica entre os gregos está relacionado com um surto de atividade econômica, mais notadamente de atividade mercantil. Estas atividades requereram um sistema de maior

---

<sup>27</sup> Não uma popularização em termos de universalização, é claro. Contudo, a escrita, como veremos mais adiante, passa a fazer parte de um maior número de situações sociais.

facilidade para os registros escritos relativos às atividades dos mercadores como também da burocracia advinda daí.

O fator tecnológico apontado por Goddy e Watt (op. cit.) foi resultado do comércio com o Egito. Tal intercâmbio comercial possibilitou aos gregos o contato com a tecnologia do papiro. Este material era de mais fácil manuseio, e o mais importante, barato, dando a muitas pessoas a chance de lidar com a escrita em escala não só comercial como também em âmbito privado, com uma conseqüente maior difusão dessa escrita entre a sociedade grega.

Além desses três fatores explicitados acima com base em Goddy e Watt, podemos ainda acrescentar um quarto fator que diz respeito à forma como os gregos lidaram com a escrita semítica. Pois os gregos implementaram uma adaptação na escrita semítica, que era um sistema de vinte duas letras. Os gregos tomaram este sistema e transformaram alguns sinais gráficos usados para representar consoantes não existentes na língua grega e os transformaram, ou melhor, adaptaram-nos para representar vogais não existentes na língua semítica. Essa adaptação foi de grande importância para a popularização da escrita entre os gregos, pois a aproximou ainda mais da sua oralidade de então.

Todos esses fatores fizeram da Grécia um dos mais bem acabados exemplos de introdução da escrita e conseqüente comparação entre características definidoras de uma sociedade de base oral e características definidoras de uma sociedade de tradição escrita. Assim, a história da Grécia antes e depois da popularização da escrita é de grande valia para o entendimento daquilo que se convencionou chamar homem letrado.

#### **4.2.1 Escrita, homem e mudança na Grécia.**

Quando pensamos sobre os efeitos ou conseqüências do advento da escrita na sociedade grega, um dos primeiros e mais evidentes pontos a ser levantado diz respeito à relação deste homem grego com o passado. Como em toda sociedade de tradição oral, os gregos, em sua fase que poderíamos nomear como não-letrada, mantinham uma relação mítica com o passado, em outras palavras, a história é preservada e transmitida com base em aspectos lendários nos quais são transformados os fatos e personagens pertencentes a acontecimentos passados.

Neste processo de mitificação da história, o passado é, como discutido anteriormente, abordado e analisado em uma estreita relação com o presente, ou seja, o

passado é visto e contado baseado em interesses ou mesmo realidades do tempo presente. Isto faz da história algo pessoal, inconsistente e não-crítica, com forte presença dos Deuses como “prova” ou mesmo personagens daquilo a ser contado.

Com o advento da escrita, e o conseqüente registro histórico dos fatos passado ou mesmo levantamento e também registro de acontecimentos ou personagens do passado, uma nova atitude começa a se delinear em relação à história. Em primeiro lugar, surge uma postura de questionamento e verificação das inconsistências no que diz respeito às datas, personagens e fatos presentes nas diferentes narrativas de base oral as quais versavam sobre um mesmo acontecimento. Isso fez com que os indivíduos assumissem uma postura mais crítica e analítica diante do passado, e o mais importante nesse ponto, passassem a estabelecer uma melhor separação entre o passado e o presente, pois:

Em vez da adaptação moderada da tradição do passado às necessidades do presente, um grande número de indivíduos encontrou em registros escritos – nos quais muito do seu repertório cultural tradicional tinha recebido forma permanente – tantas inconsistências em convicções e em categorias de entendimento legadas a eles que foram impelidos a uma atitude muito mais consciente, comparativa e crítica, para aceitar a descrição do mundo, principalmente para a noção de Deus, do universo e do passado. (Goddy & Watt 2006: 45)

Dito isso, fica claro que um dos primeiros efeitos da presença da escrita em uma sociedade é o surgimento de um processo de racionalismo e impessoalidade em oposição à visão mítica e pessoal das culturas de tradição oral.

Queremos pontuar nesta passagem de nosso trabalho que o nosso entendimento sobre o conceito de racionalismo não tem nada a ver com a idéia de superioridade cognitiva e intelectual do indivíduo letrado em relação ao indivíduo de uma sociedade de base oral. A idéia de racionalismo aqui usada está mais próxima de uma idéia de ciência, ou seja, de um processo baseado em aspectos críticos e analíticos quando de um estudo sobre determinado fenômeno do mundo.

Como forma de melhor ilustrar nosso ponto de vista, tomamos como base a discussão levantada por Goddy e Watt para melhor esclarecer tal posicionamento. Para os dois autores, em sociedades não-letradas a tradição, ou história, é transmitida em uma relação face-a-face o que favorece uma maior ocorrência das inconsistências em relação ao passado, como também há uma maior possibilidade de transformar este mesmo passado em algo de natureza pessoal, sem uma maior ocorrência de crítica no tocante aos problemas das inconsistências e da personificação.

Por outro lado, nas sociedades onde há a presença da escrita, esta possibilita ao surgimento de uma análise crítica sobre tais eventos, uma vez que se pode fazer uma comparação mais detalhada de diferentes versões para um mesmo fato, e assim uma conseqüente percepção das inconsistências presentes nas narrativas de base oral. Isso cria um entendimento das pessoas para a existência de duas formas de pensar e agir no mundo, uma de caráter mitológico e outra de caráter racional, ou ainda nas palavras de Goddy e Watt:

Um aspecto disso é o senso de mudança e atraso cultural; outro é a noção de que a herança cultural está como um todo composta de dois tipos muito diferentes de material: ficção, erro e superstição por um lado; e, por outro, elementos de verdade que podem prover a base para a explicação mais segura e coerente dos deuses, do passado humano e do mundo físico. (Goddy & Watt 2006: 47)

Assim, podemos estabelecer como acontecimento histórico para a sociedade grega quando de sua adoção de uma tradição ou base escrita, uma racionalização com relação ao passado, racionalização essa representada por um processo crítico e impessoal no tocante aos diferentes fatos do mundo.

A diferença de tratamento do passado na sociedade grega está intimamente ligada à outra mudança ocorrida na Grécia pós-escrita. Esta é relativa ao surgimento de um processo de mediação dos indivíduos com o mundo por intermédio dessa escrita. Desta forma, com a adoção da escrita, os indivíduos na Grécia passaram a estabelecer uma relação menos íntima com o mundo físico e com o tempo presente do que o seu predecessor, ou seja, o homem grego pré-escrita. Daí, o homem da Grécia pós-letramento está menos afeito ao processo de construção e transmissão do seu aparato cultural e histórico de forma Homeostática. Em outras palavras, agora a compreensão de mundo não se dá tão somente por vias diretas com a realidade concreta e imediata, passa-se a também refletir sobre e lidar com o universo sem uma dependência deste com o tempo presente, levando assim a uma racionalização da sociedade e uma nova postura desta para com a sua história e a sua realidade.

Para resumir esta reflexão sobre as diferenças entre o homem de base oral e o homem de base escrita, podemos levantar os seguintes pontos: Primeiro, que ambos não apresentam superioridade cognitiva de um em relação ao outro; segundo, podemos afirmar que as diferenças básicas residem na forma de relacionamento de cada um dos indivíduos oriundos das duas respectivas culturas com o mundo e conseqüentemente o passado. Pois, sem a presença de um sistema simbólico como a escrita, o homem da

cultura oral tem um relacionamento direto com o mundo físico e o seu tempo presente, fazendo assim com que este homem entenda o mundo e até o seu passado e toda a sua tradição cultural em função das necessidades imediatas vivenciadas por ele. Em uma cultura oral, a história e as tradições são confundidas com os mitos e as superstições. Ainda, na cultura de base oral, há uma tendência para a pessoalidade da mesma história.

Por outro lado, na cultura de base ou tradição escrita, a compreensão do mundo físico se dá por intermédio, também, de um processo de mediação simbólica da escrita. Isto faz com que a relação do indivíduo com a sua realidade física e conseqüentemente o seu passado não seja operada de forma extremamente íntima com o seu tempo e a sua necessidade presentes. Daí, surge uma maior possibilidade de um processo de reflexão sobre a realidade presente e em conseqüência um questionamento relativo ao passado e às narrativas orais sobre este mesmo passado. Em outras palavras, o homem das sociedades de tradição escrita tende a desenvolver uma forma mais técnica de lidar com o mundo e com todo o seu aparato cultural, deixando de lado as superstições, os mitos, a pessoalidade na construção da história e a relação íntima entre necessidades e realidades presentes com os fatos e personagens do passado.

Até este ponto de nosso trabalho, temos discutido as relações entre os fenômenos da oralidade e da escrita, como também as características básicas que podem diferenciar, ou ao menos permitir uma breve reflexão sobre, as sociedades de tradição oral das sociedades de tradição escrita. Contudo, ainda nos ficam certas perguntas para serem respondidas: Que vem a ser a escrita propriamente dita quando em sociedade? Como esta escrita é operada e vivenciada em um meio social? E, como se dá a construção desta escrita enquanto um fenômeno social?

Para responder a tais questionamentos, é necessário buscar uma reflexão sobre um fenômeno relacionado à escrita enquanto elemento constituinte das sociedades hodiernas. Fenômeno este que rege e está presente direta e indiretamente na quase totalidade das situações de convivência e interação dos indivíduos atuais. Este é o fenômeno do **Letramento**.

### **4.3 Letramento: A escrita em e com a sociedade.**

O primeiro ponto a ser levantado em uma reflexão sobre o letramento, seu conceito, sua natureza e fenômenos relacionados, diz respeito à diferenciação necessária

que devemos fazer sobre o entendimento acerca desse fenômeno em um percurso histórico.

Em diferentes momentos da história recente da humanidade, o entendimento sobre o letramento tem trazido à tona diferentes conceitos e conseqüentemente formas diversas de agir diante de tal fato. Cada conceito dá a exata medida sobre a relação dos grupos sociais com a escrita, ou escritas, e também como é o acesso das diversas camadas da sociedade a esta mesma escrita.

Um dos primeiros conceitos ou entendimentos sobre o que vem a ser letramento foi forjado já por volta do século XVI na Europa, mais precisamente no período de expansão da escrita naquele continente. Nesta perspectiva, letramento era nada mais nada menos que a capacidade de lidar com a escrita e tudo que por ventura surgisse da mesma. Melhor expressando, não havia sequer o conceito letramento, contudo havia uma noção socialmente aceita no tocante à existência de uma gama de pessoas as quais viviam em contato mais efetivo com a escrita. Estas eram os homens das letras ou homens letrados. Surgia, daí, uma divisão social que colocava de lado uma parcela da população que era letrada e outra parcela no extremo oposto que não era. Embora não existisse o conceito de letramento, podemos afirmar haver uma noção, mesmo que incipiente sobre a escrita e seus efeitos sociais, o que neste caso era de criar dois tipos de indivíduos bem determinados, tal noção perdurou por um longo período.

Uma segunda perspectiva, já surgida a partir do início da década de oitenta do século XX, colocava o letramento como uma habilidade ou capacidade que qualquer indivíduo lidar de forma mais ou menos competente com textos escritos. Nesta noção, o letramento só existia para aqueles que detinham a habilidade de ler e escrever; principalmente ler. Partindo desse pressuposto, podia-se afirmar que uma pessoa detinha mais ou menos letramento a depender do seu desempenho em leituras de textos escritos. Assim, essa abordagem guardava duas deficiências: A primeira é de que só interessava enquanto objeto de estudo e entendimento sobre o fenômeno do letramento aqueles detentores de uma habilidade de leitura; a segunda é relativa ao fato de ser feito o entendimento sobre os efeitos da escrita em sociedade de forma incompleta, pois para essa noção, a escrita causa efeito tão somente naqueles que têm acesso à habilidade de leitura, deixando de lado toda uma massa de analfabetos.

Já no final da década de oitenta do século passado, surgem novas maneiras de serem abordadas as questões da escrita e seus efeitos nas sociedades e conseqüentemente nas pessoas. Esta nova forma de entendimento sobre o letramento é



fruto de estudos em sua maioria de base antropológica. Nessa perspectiva, a escrita deixa de ser tanto material de uso restrito dos “homens de letras”, quanto conjunto de habilidades para lidar com textos escritos. A referida perspectiva admite a escrita, e não só ela, mas também e principalmente a língua, como um conjunto de “*práticas sociais*”<sup>28</sup> cada uma destas práticas com seus valores demarcados pelos contextos nos quais estariam (as práticas) inseridas.

Nesta nova maneira de entender o fenômeno do letramento, é de fundamental importância estabelecer uma diferença entre o que vem a ser “**apropriação/distribuição**” de um lado e “**usos/papéis**”<sup>29</sup> de outro, no tocante à escrita. Nesta abordagem, termina-se por fazer uma separação entre a alfabetização e o letramento, pois nas palavras de Marcuschi:

Há, portanto, uma distinção bastante nítida entre a **apropriação/distribuição** da escrita & leitura (*padrões de alfabetização*) do ponto de vista formal e institucional e os **usos/papéis** da escrita & leitura (*processo de letramento*) enquanto práticas sociais mais amplas. Sabemos muito sobre métodos de alfabetização, mas sabemos pouco sobre processos de letramento, ou seja, sabemos pouco sobre a influência e penetração da escrita na sociedade. Mesmo pessoas ditas “iletradas”, ou seja, analfabetas, não deixam de estar sob a influência de estratégias da escrita em seu desempenho lingüístico, o que torna o uso do termo “iletrado” muito problemático em sociedades com escrita... (Marcuschi 2007: 20)

Assim, temos o conceito de alfabetização para o processo de acesso à tecnologia da escrita – ou simplesmente, acesso ao código – em outras palavras, a capacidade de interagir por via da escrita com maior ou menor desenvoltura. Por sua vez, para os usos e valores atribuídos à escrita em um dado momento histórico de uma determinada sociedade, é atribuído o termo letramento.

Marcuschi ainda detalha a distinção entre alfabetização e letramento, estabelecendo uma tricotomia entre “*letramento, alfabetização e escolaridade*”.<sup>30</sup> Para este autor, o letramento é resultado de um aprendizado histórico que uma determinada sociedade pode desenvolver no tocante aos usos da escrita em contextos tanto formais quanto informais. Este aprendizado é em sua maior parte desenvolvido em práticas não institucionalizadas, ou seja, em contextos nos quais o Estado não é o agente principal e até mesmo não há uma forma estabelecida de ensino-aprendizagem com mestres de um lado e educandos do outro. Por sua vez, a alfabetização é em sua maior

<sup>28</sup> Marcuschi (2007: 15)

<sup>29</sup> Ver Marcuschi (2007: 20)

<sup>30</sup> Marcuschi (2007:21)

parte um processo de ensino formal tanto sob a perspectiva de ensino com professores e alunos quanto sob o ponto de vista da participação do estado enquanto agente de tal processo de ensino.<sup>31</sup> Tal processo de ensino visa tão somente ao desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita por parte do educando. Mais uma vez, nota-se que a alfabetização está relacionada tão somente com o acesso ao código, com a capacidade de codificar e decodificar com uso do alfabeto fonético. Já no caso da escolaridade, Marcuschi estabelece ser esta uma prática que visa uma formação mais ampla e genérica dos indivíduos durante sua vida escolar. Como forma de melhor entender a escolaridade, é importante termos em mente o fato de ser a alfabetização parte do processo de escolaridade, só que para a alfabetização os objetivos são mais restritos. Enquanto a escolaridade visa resultados muito mais abrangentes.

Seguindo a mesma linha de pensamento sobre o fenômeno do letramento, Lopes (2006) estabelece que tal fenômeno não deve ser confundido com a alfabetização, uma vez que para este há apenas o acesso ao código, enquanto para aquele há um domínio de usos e valores da escrita socialmente adquiridos. Assim, Lopes afirma que mesmo um indivíduo analfabeto não pode ser considerado iletrado, ou melhor, não existem pessoas iletradas em sociedades onde o uso da escrita se faz de maneira tão efetiva e recorrente como acontece em nosso meio. Para exemplificar seu posicionamento, a autora recorre a um exemplo criado por Marcuschi, onde é exposto um caso hipotético, porém muito comum em nossa sociedade, de uma pessoa que, embora analfabeta, consegue identificar o valor do dinheiro, identificar o ônibus que precisa tomar, efetuar cálculos de certa complexidade como também decidir que produto levar para casa com base na marca estampada em seu rótulo. Todas estas atividades são processadas através da interação com materiais escritos, obviamente que por estratégias diferentes das efetuadas por pessoas alfabetizadas. Daí, Lopes (op. cit.), ao discutir as concepções sobre o fenômeno do letramento, afirma:

Essas definições de letramento ressaltam não apenas as habilidades individuais de lidar de maneira eficiente com as tecnologias da leitura e da escrita nem tampouco tomam a escrita do ponto de vista do código. Em essência, o termo é concebido no sentido de por em evidência a natureza social da escrita uma vez que se refere ao conjunto de práticas sociais em cujo processo estão envolvidas atividades de leitura e escrita. (Lopes 2006: 44)

---

<sup>31</sup> Principalmente em países como o Brasil onde a alfabetização se dá quase que exclusivamente no ambiente escolar.

Lopes (op. cit.) ainda sugere que não se pode falar em Letramento, mas sim de letramentos, pois para cada contexto social e histórico no qual a escrita é inserida, desenvolvem-se usos e valores característicos deste contexto em face dessa escrita.

Em conseqüência ao que até aqui foi exposto sobre o fenômeno do letramento, podemos tomar tal processo como algo de natureza social e não como uma mera capacidade de codificar/decodificar símbolos gráficos. Assim, uma vez que um indivíduo consiga responder a demandas sociais oriundas da escrita, ou da presença desta escrita em uma determinada relação social, uma vez que alguém tenha a capacidade de compreender o valor ou o uso de determinado texto escrito, essa pessoa pode ser considerada letrada, ou seja, ela deve ser entendida como inserida em uma relação social mediada pela escrita, em uma relação governada pelo fenômeno do letramento.

Ainda focando tal fenômeno, podemos nos referir a outro estudioso. Em trabalho de base antropológica no qual faz uma detalhada abordagem sobre as implicações da escrita em sociedade e os possíveis entendimentos sobre o fenômeno do letramento, Barton (2007) aplica para tal fenômeno a noção da existência de uma ecologia da língua escrita. Pois, para ele:

Originating in biology, ecology is the study of the interrelationship of an organism and its environment. When applied to humans, it is the interrelationship of an area of human activity and its environment. It is concerned with how the activity – literacy in this case – is part of the environment and at the same time influences and is influenced by the environment. An ecological approach takes as its starting point this interaction between individuals and their environment. (Barton 2007: 29)

Assim, podemos ter em mente que a escrita enquanto um fenômeno social apresenta um processo de interação com o meio e as pessoas deste meio. Tal interação se dá de forma a apresentar um processo de mútua influência, ou seja, tanto a escrita opera modificações no meio no qual a mesma esta inserida enquanto ela (escrita) também sofre influência deste mesmo meio originando daí todo um ambiente próprio e característico desse evento interativo.

Essa perspectiva teórica dá, mais uma vez, margem para a compreensão da existência de diferentes letramentos, uma vez que para cada meio social haverá um tipo específico de interação da escrita com o seu meio. Como também, do meio – incluindo-se aí as pessoas – com a escrita. E havendo diferentes processos de interação, haverá diferentes ecologias da língua escrita, ou seja, diferentes letramentos. A grande vantagem de entender a escrita enquanto um fenômeno caracterizado por uma ecologia

social é que se toma essa escrita e conseqüentemente o letramento como algo composto por diversos componentes que vão do aparato psicológico dos indivíduos, passa pelos aspectos sociais e antropológicos da comunidade onde a escrita está inserida e também são levados em consideração os condicionantes históricos da comunidade em questão.

Ainda nas palavras de Barton:

Ecology seems to be a useful and appropriate way of talking about literacy at the moment, and of bringing together its different strands. Using the term changes the whole endeavor of trying to understand the nature of reading and writing. Rather than isolating literacy activities from everything else in order to understand them, an ecological approach aims to understand how literacy is embedded in other human activity, its embeddedness in social life and in thought, and its position in history, in language and in learning. (Barton 2007: 32)

Desta feita, Barton (op. cit.) aplica uma noção diante da qual podemos entender que o letramento é um fenômeno que envolve aspectos de base social, psicológica e histórica. Em outras palavras, um estudo sobre letramento deve manter sempre em foco que os três aspectos antes listados devem ser analisados em conjunto e nunca separados, pois só dessa maneira é possível se ter uma compreensão dos acontecimentos humanos decorrentes da escrita.

Ainda, essa abordagem parte do princípio de que o letramento deve ser entendido pela via dos usos que as pessoas fazem do mesmo em suas vidas, em contextos social e historicamente demarcados e não tão somente através da aprendizagem formal, ou seja, do que se faz e adquire na escola. Daí, Barton (op. cit) estabelece um conjunto de oito tópicos, oriundos das três diferentes áreas – social, psicológica e histórica – que quando tomadas em conjunto, ou seja, em uma abordagem ecológica do letramento, dão uma visão mais completa do fenômeno. Os quatro primeiros tópicos estão relacionados à área social, dois são relativos à área psicológica e dois, por sua vez, dizem respeito à história.

O primeiro dos tópicos sociais aponta o letramento como uma atividade social que diz respeito ao onde, que e como as pessoas fazem com a escrita em suas atividades cotidianas. De forma mais detalhada, podemos observar que temos, neste tópico, uma gama de atividades sociais as quais são permeadas, ou mesmo governadas pela escrita. Cada uma dessas atividades, ou práticas de interação social, é nomeada por Barton (2007: 35) como **evento de letramento**. Um evento de letramento é cada situação social onde a escrita esteja direta ou indiretamente presente. Um exemplo levantado por

Barton, é da leitura de uma estória para uma criança. Para o estudioso britânico, neste evento estão presentes modelos estabelecidos de interação social, o que ocorre em todos os outros **eventos de letramento**. Em adição, devemos ter em mente que a leitura de uma estória para uma criança é apenas uma entre as inumeráveis situações cotidianas onde a escrita se faz presente. Daí, podemos perceber que cada indivíduo está sujeito a uma enorme variedade de situações sociais, ou **eventos de letramento**, durante sua vida cotidiana. Em decorrência dos **eventos de letramento**, temos um outro conceito a observar; trata-se das **práticas de letramento**. As **práticas de letramento** estão relacionadas com o que as pessoas fazem com a escrita e o como essas mesmas pessoas entendem tal fenômeno, ou seja, **práticas de letramento** são os valores socialmente construídos de cada uso da escrita em cada situação de interação social. Isto se dá pelos motivos óbvios de que em cada momento de uso da escrita, ou cada **evento de letramento**, existe um conjunto de regras e valores específico, existem papéis definidos e até mesmo formas características para se lidar com a escrita. A todos estes fatos é que podemos dar o nome de **práticas de letramento**. Ou ainda nas palavras do próprio Barton:

Together events and practices are the two basic units of analysis of the social activity of literacy. Literacy events are the particular activities where literacy has a role; they may be regular repeated activities. Literacy practices are the general cultural ways of utilizing literacy which people draw upon in a literacy event. (Barton 2007: 37)

Assim, Barton dá como forma de exemplificar melhor as definições acima uma situação onde dois indivíduos preparam uma carta para um jornal local. No momento da produção desta carta a escrita se faz presente – temos aí um **evento de letramento**. E neste evento é definido quem escreve e quem dita o que deve ser escrito (os papéis), onde e quando deve ser processado cada passo da produção e que tipo de linguagem deve ser usada – temos então para este segundo momento o fenômeno das **práticas de letramento**.

O segundo tópico está relacionado ao fato de que as pessoas fazem uso de diferentes letramentos para cada situação, contexto ou domínios de uso lingüístico da vida cotidiana. Isto quer dizer que não podemos falar de letramento sob a ótica de este ser um evento de características monolíticas, mas sim como algo que apresenta tantas feições quantas forem as oportunidades de usos da escrita, ou **eventos de letramento**. Disso resultam diferentes formas de leitura e produção de escrita, como também diversas formas de circulação e transmissão desta mesma escrita em uma dada

sociedade. Contudo, isto não quer dizer que temos, a partir dos diferentes letramentos, aqueles que podemos classificar como mais difíceis ou mais complexos, ou ainda mais elaborados que outros. Cada letramento representa a resposta a uma demanda específica de um determinado domínio da vida cotidiana, assim cada um desses letramentos tem suas peculiaridades, suas complexidades e, também, facilidades.

O terceiro tópico aponta uma conexão de cada um dos diferentes letramentos com uma cadeia mais ampla de relações sociais, fazendo, desta feita, com que seja necessária para o entendimento de um dado **evento de letramento**, uma abordagem dos múltiplos papéis sociais que podem ser assumidos por uma pessoa durante sua prática cotidiana, prática esta na qual esteja sendo usada a escrita. Cada um desses papéis sociais é influenciado por um aspecto de uma cadeia de valores construídos em um determinado meio. Assim, a depender dos indivíduos envolvidos em um dado **evento de letramento** – tanto de leitura quanto de escrita – e de onde este evento é levado a efeito e ainda das **práticas de letramento** oriundas do uso circunstancial da escrita, serão observadas regras específicas para este **evento de letramento** em questão.

O quarto e último tópico referente à esfera social da escrita está ligado ao fato de que enquanto sistema simbólico, a escrita é um sistema de comunicação que se apresenta em conexão com outras formas de informação humana. Assim, a escrita apresenta-se diferente da fala, embora guarde situações e pontos de contato em comum, conseqüentemente a escrita deve ser encarada como uma tecnologia. Embora Barton chame a atenção para um cuidado necessário no tocante ao uso do termo tecnologia associado a um entendimento da escrita, o mesmo pontua:

Written language involves technology in a way the straightforward conversational spoken language does not. Whether it is a simple paper and pencil, or a spray can on a wall, or a complex word processor, written language always utilizes some technology. (Of course, much contemporary spoken language makes uses of satellites, loudspeakers, microphones, tape recorders, and other technologies.) **Literacy is a good example to use when exploring the social basis of technologies.** <sup>32</sup> It can be viewed as a communications technology concerned with the production of shared meaning or knowledge. (Barton 2007: 44)

Desta feita, temos para o letramento a compreensão de que este também é uma forma de tecnologia associada a uma prática de informação e comunicação das pessoas em suas diferentes situações de interação social e, mais ainda, uma forma de tecnologia da informação com base em um sistema simbólico que no nosso caso é o alfabeto fonético.

---

<sup>32</sup> Grifo nosso.

Os dois próximos tópicos constitutivos ou definidores do letramento estão relacionados com a área psicológica. O primeiro deles diz respeito ao fato de ser o sistema simbólico do letramento uma ponte, ou uma ligação do mundo exterior com os nossos aparatos mentais. Isto se dá porque o letramento guarda uma face cognitiva e uma face cultural, fazendo assim com que ao um determinado indivíduo usar a escrita ele desenvolva capacidades antes não ativas na mente desta mesma pessoa. Contudo, tal desenvolvimento não é instantâneo, mas sim um processo, ou nas palavras de Barton:

It is necessary to avoid the idea of the mind as fixed and given; at the same time we need to steer carefully round ideas such as that of there being automatic cognitive consequences of literacy. (Barton 2007: 44)

Dessa forma, podemos entender o letramento como um fenômeno causador de transformações cognitivas. Contudo, queremos deixar bem claro que acreditamos serem estas transformações cognitivas provenientes da escrita algo não formador de um tipo de indivíduo superior àqueles não detentores de um letramento em seu meio social. Apenas um tipo de indivíduo com novas percepções do mundo em consequência do letramento. Ainda nas palavras de Barton:

Literacy is an ideal topic for linking the psychological and the social. Symbolic systems lie at the interface of social structure, technology and mind. A symbolic system such as writing *mediates* between individual cognition and social phenomena. (Barton 2007: 44-45)

O segundo tópico da área psicológica é, de certa forma, uma extensão do primeiro, pois ele nos dá conta de que em sociedades como a nossa onde a escrita desempenha um papel central, o letramento faz parte daquilo que podemos chamar nossa consciência do mundo e de nós mesmos. Ou em outras palavras, nós temos noções, atitudes e valores no que concerne ao letramento e estes fenômenos de nosso comportamento guiam nossas ações em sociedade. Como exemplo ao que estamos discutindo neste parágrafo, podemos nos remeter a Barton (op. cit.), para o qual em determinadas sociedades as pessoas guardam concepções bem arraigadas sobre os lugares onde a leitura é ou não de bom tom. Um bom exemplo é a leitura durante as refeições. No caso dos pais considerarem esta leitura proibida, eles (os pais) tendem a coibir os seus filhos a agirem de tal forma. Ainda, Barton cita os valores que nós damos a cada tipo de produção escrita. Em nossa sociedade, os livros tendem a ter mais valor que as revistas, e estas mais valor que os gibis. Isto faz com que tenhamos uma postura sobre o que vale mais a pena ser lido e cultivado enquanto **evento de letramento**. Também, Barton cita que as atitudes que cultivamos diante da escrita funcionam como

fator central para o que achamos serem ou não problemas relativos a esta escrita e até se precisamos ou não resolver os possíveis problemas. Em resumo, devido ao fato de cada um de nós usar a escrita para agir em sociedade, as nossas concepções, atitudes e valores diante do letramento tendem a influenciar nossas ações diante da escrita, das outras pessoas e até de nós mesmos.<sup>33</sup>

Os dois últimos tópicos que caracterizam o fenômeno do letramento estão ligados à área da história. O primeiro deles é aquele que Barton caracteriza como a história de letramento de cada indivíduo inserido em uma sociedade possuidora de uma tradição de escrita. Pois, para O referido autor, desde tenra idade as pessoas vão acumulando diferentes experiências de letramento em decorrência dos diferentes eventos de letramento vivenciados por essas mesmas pessoas. Esta concepção parte da idéia de que existe uma mudança histórica do indivíduo e uma mudança histórica de caráter cultural. Desta feita, é necessário observarmos a mudança histórica de uma determinada pessoa, assim teremos condições de visualizar como a história individual de letramento desta pessoa se dá. Em primeiro lugar, Barton (op. cit.) estabelece que ao se estudar a história de letramento de uma determinada pessoa, fica bastante claro que esta história começa nos primeiros anos de vida, com os eventos e conseqüentes práticas de letramento vivenciados no ambiente doméstico. Esta história continua a se desenvolver com as atividades na escola e na comunidade vivenciadas por aquela criança e passa a ser acumulada com as novas atividades e demandas que o mesmo indivíduo, já na fase adulta, passa a enfrentar. Toda esta história dá-nos a noção de que uma pessoa tem diferentes maneiras de adquirir o letramento e que esta aquisição não se opera unicamente em ambientes formais de aprendizado, ou seja, na escola. Como nas palavras de Barton:

We need to account for how literacy is acquired, not just in schools and by children, but in everyday life; not just here and now, but in other cultures and in other times. It is important to link up learning by adults and learning by children and to have a clear idea of the importance and limitation of schooling. People learn in their everyday lives and not enough attention has been paid to this everyday or **vernacular** learning. (Barton 2007: 48)

Isto quer dizer que ao levarmos em consideração as histórias individuais de letramento, poderemos ter uma visão mais apropriada das diferentes maneiras em tempo, espaço e recursos que, em uma sociedade, as pessoas fazem uso para adquirir e desenvolver suas

---

<sup>33</sup> Este tópico, a nosso ver, é o cerne do conceito relativo às **práticas de letramento**.



habilidades e seus domínios no tocante ao lidar com a escrita e ao vivenciar o fenômeno do letramento.

O segundo e último dos tópicos relativos à história diz respeito ao fato de que tanto os eventos quanto as práticas de letramento têm, em adição às histórias individuais, suas histórias sociais. Para termos condições de entender as mudanças históricas de caráter social nos eventos e práticas de letramento, Barton estabelece que nós temos de lançar mão de dois recursos: O primeiro é o do retorno a, no mínimo, cinco mil anos na história da humanidade; o segundo é o da associação de elementos da história individual com a história social do letramento em determinados momentos.

Com um retorno no tempo, é possível perceber como as tradições de escrita e leitura são passadas de geração para geração, e ainda como os valores de cada produção escrita (ou práticas de letramento) são passados ou mesmo constituídos e mudados no decorrer da história. A associação das histórias individuais com a história social dos eventos e práticas de letramento é preciso, pois à medida que as mudanças políticas, econômicas e tecnológicas vão surgindo em uma determinada sociedade, também vão surgindo novas demandas relativas aos usos da escrita por parte das pessoas. Assim, estas demandas fazem com que os indivíduos operem as escolhas mais adequadas quando do uso da escrita. Tais escolhas são fruto do contexto sócio-histórico de cada um. Daí, uma escolha de caráter individual pode se tornar uma prática social, constituindo, desta feita, um momento onde o individual e o social se relacionam.

Para finalizarmos este capítulo de nosso trabalho, podemos dizer que o letramento é um conjunto de fenômenos de natureza sócio-cognitiva oriundos da presença da escrita em um determinado meio ou agrupamento humano. Este letramento tem como características mais ou menos definidoras: O fato de ser algo que precede a alfabetização; ter parte significativa de seu processo de aquisição operado em ambientes fora do ambiente formal escolar; ser formador e ao mesmo tempo formado de uma ecologia da língua escrita; apresentar os seus aspectos sociais em forma de **eventos e práticas**; ser multifacetado; ser – em certo grau – uma tecnologia; ter seus aspectos psicológicos e por fim seus aspectos históricos. Em resumo, o letramento é tudo aquilo que está intimamente relacionado com o complexo universo humano e a escrita. Acontecendo **na** e desenvolvendo-se **com** esta mesma sociedade humana.

## 5. Sintonizando as teorias.

No decorrer de nosso trabalho, tivemos a oportunidade de discutir a história do rádio pernambucano no período compreendido entre os anos vinte até os anos sessenta do século XX, quando podemos constatar que este veículo de comunicação representou um momento de inserção na modernidade da então década de vinte, depois passou a agir na busca de uma consolidação enquanto empresa durante parte significativa da década de trinta. Na década de quarenta, foi processada uma busca em direção da definição de algo que poderíamos chamar estética desse rádio. Já na década de cinquenta, ocorreu aquilo que nós já definimos como apogeu e queda do rádio em todo o Brasil e em especial em Pernambuco. Todos estes fenômenos apresentaram suas condicionantes sócio-históricas e também seus reflexos.

Também, foi discutido o conceito de **oralidade mediatizada**. Deste, podemos entender ser um tipo de oralidade que é reflexo da presença das tecnologias de comunicação e entretenimento eletrônicos surgidos e/ou incrementadas durante o século XX. Esta oralidade mediatizada guarda como características principais o fato de acontecer, na maioria dos casos, em um tempo e em um espaço diferentes para os participantes ou interlocutores presentes na mesma. Em outras palavras, enunciador e receptor não compartilham o mesmo espaço físico e/ou o mesmo tempo durante a produção e recepção de um tipo qualquer de discurso veiculado em um meio eletrônico.

Assim, ao ser produzido tal discurso, é feito uso de um conjunto de práticas a fim de suprir as ausências temporais e/ou espaciais dos interlocutores. Um dos recursos mais usados é o da revalorização da voz, na qual é operado um tipo de inflexão e até de erotização que se chega a perceber a presença ou colocação do corpo dos enunciadores em suas respectivas vozes. A voz, aí, ganha uma força expressiva que faz dela (a voz) um signo lingüístico propriamente dito. No caso do rádio, foi levantada a idéia de ser a sua oralidade mediatizada algo que guarda, basicamente, as mesmas características das oralidades mediatizadas dos outros recursos eletrônicos de entretenimento e comunicação. Só que no caso radiofônico, uma característica o particulariza diante da maioria dos outros meios. Esta característica diz respeito ao fato de a oralidade mediatizada radiofônica manter uma relação extremamente próxima com a escrita, pois

no rádio, via de regra, escreve-se pensando em oralizar a produção escrita e se fala, na maior parte do tempo, com base em algo previamente escrito.<sup>34</sup>

Outro ponto que discutimos no decorrer do presente trabalho é o relativo à relação oralidade e escrita. Diferentemente do que tradicionalmente se tem afirmado para esta relação – onde a oralidade e a escrita estão posicionadas em extremos diametralmente opostos, fazendo com que tanto oralidade quanto escrita sejam elementos dicotômicos e até mesmo excludentes, ou seja, o que diz respeito a uma não tem nada a ver com a outra e também onde uma opera a outra está ausente – a visão por nós adotada é de que para ambos os fenômenos não há dicotomia mas sim um processo que pode ser entendido como formado por dois planos. De um lado um plano medial, ou dos canais e meios utilizados para a concretização tanto da oralidade quanto da escrita. Estes planos são o fônico para a realização da oralidade e o gráfico para a realização da escrita.

Por outro lado, temos o plano conceptual que é o relativo aos condicionantes de natureza cognitiva, em outras palavras, as concepções e regras que cada usuário de qualquer língua onde a escrita esteja presente tem sobre o que é e como lidar com as diferentes produções escritas ou orais. Este plano conceptual é formado por um contínuo colocando de um lado o oral e do outro o escrito. A separação entre as duas concepções é apenas teórica, uma vez que podemos encontrar produções do conceptual escrito nas quais estão presentes elementos caracteristicamente mais freqüentes na oralidade, fazendo deste uma produção escrita de impronta oral<sup>35</sup>. Por outro lado, também é possível a existência de textos orais permeados de elementos característicos da escrita como em uma palestra ou apresentação de seminário. A tal produção, preferimos dar o nome de texto oral de impronta escrita. Em resumo, adotamos em nosso trabalho a concepção teórica para a qual a oralidade e a escrita são fenômenos lingüísticos que se complementam, estão em constante relação e operam influência mútua quando em coexistência em sociedades como a nossa.

O último dos conceitos teóricos levantados por nós nesse presente trabalho diz respeito à noção do que vem a ser a presença da escrita em um meio social qualquer. Com base em pesquisas de base tanto histórica quanto antropológica, podemos perceber o quanto a escrita influencia uma determinada comunidade humana quando de sua

---

<sup>34</sup> Até em momentos nos quais não há uma leitura propriamente dita, as falas no rádio tendem a ser efetivadas com base em algo que fora anteriormente escrito.

<sup>35</sup> Como já discutimos em momento anterior, este processo se dá, na maioria das vezes, devido ao pouco domínio das “técnicas” de escrita por parte da pessoa que produz tal texto.

presença na mesma comunidade. Esta influência se dá nos mais diferentes aspectos da vida humana em sociedade. Dentre os mais significativos podemos listar: A organização da sociedade com uma administração; uma conseqüente burocracia; a criação de leis; a instituição da história em detrimento da memória; certo abandono da palavra oralizada em benefício da palavra escrita e um maior empenho na busca do passado enquanto tal em detrimento de um contar o passado com base em eventos e figuras do presente, como acontece em sociedades possuidoras de, apenas, uma tradição oral.

Contudo, abandonamos por completo a idéia de que uma sociedade de tradição oral é cognitivamente inferior a uma sociedade dominadora de uma tradição escrita, pois em nosso entendimento a escrita não é, em hipótese alguma, formadora de homens ou sociedades superiores sob o ponto de vista de potencialidades cognitivas. O que ocorre é que tanto sociedades de tradição oral, quanto sociedades de tradição escrita apresentam formas peculiares de se organizar, entender e ler o mundo em volta delas, e nada mais. Assim, todas as características listadas acima de uma sociedade possuidora de uma escrita formam parte daquilo que ficou denominado como **letramento**.

Este fenômeno do letramento é um conjunto de usos e valores sociais relativos à escrita que têm como característica: Precederem à alfabetização, ou seja, as pessoas adquirem usos e valores referentes à escrita antes mesmo de serem alfabetizadas; o letramento pode ser entendido através de duas nuances quais são os eventos de letramento – todo e qualquer momento de interação humana onde a escrita se faça direta ou indiretamente presente – e as práticas de letramento, ou seja, os valores socialmente constituídos de cada tipo de escrita em uma determinada época; o letramento tem uma história em cada meio onde este acontece; também, o letramento apresenta as histórias individuais, em outras palavras, cada pessoa tem sua própria história de como adquiriu o letramento; o letramento é contextualizado; este fenômeno está ligado a uma gama de relações sociais; o letramento, também, é um sistema de comunicação; é um complexo simbólico que auxilia a conexão do mundo interior com o mundo exterior dos indivíduos e conseqüentemente o letramento funciona como uma base para o entendimento do mundo e de nós mesmos. Tais características fazem do letramento um fenômeno que apresenta uma ecologia própria, causando uma tremenda influência nas sociedades onde ele (o letramento) acontece. Porém, este mesmo letramento, também, sofre influência da sociedade fazendo, assim, do letramento e das pessoas, co-participantes nas diferentes transformações históricas que acontecem em sociedade.

Depois de termos feito um breve resumo das idéias e teorias até aqui levantadas, passaremos, com base nas mesmas, a estudar como, ou em que bases sociais, surgiu e se desenvolveu a linguagem do rádio em Pernambuco, ou em outras palavras, a oralidade mediatizada radiofônica em Pernambuco. O período compreendido em nosso trabalho vai de 1919 até 1960. Como já discutimos em nosso capítulo introdutório, optamos por delimitar, em nosso trabalho, este lapso temporal, primeiro, por acreditarmos ser neste ínterim que a visualização dos elementos e fenômenos formadores da oralidade mediatizada radiofônica é bem melhor, uma vez que o rádio era, naquela época, o único meio eletrônico de comunicação de massas, e em segundo lugar, por sentirmos a necessidade de contribuir um pouco com a reconstituição de um importante capítulo, não só da história da comunicação em nosso estado, mas também e, principalmente, da história social da linguagem em Pernambuco.

Ainda, de acordo com o explicitado em nosso capítulo introdutório, no tocante à história social da linguagem, tomaremos de empréstimo as idéias de Burke & Porter (1994) para quem uma história da língua – qualquer que seja esta língua – tem que ser levada a efeito, observando-se os diferentes fenômenos sociais presentes naquele momento histórico em questão. Assim, tomemos o rádio e todos os fenômenos sociais do seu entorno para podermos compreender o que e como historicamente se deu em bases lingüísticas a constituição da oralidade mediatizada radiofônica em Pernambuco no período histórico que vai de 1919 até 1960.

## 6. A linguagem do Rádio: História, escrita e oralidade – Da palestra ao espetáculo.

No presente capítulo, iremos, com base em documentos históricos, abordar como se deu a evolução da linguagem do rádio no período compreendido entre o ano de 1919 até o ano de 1960. Como já discutido em nosso capítulo introdutório, delimitamos a nossa pesquisa neste espaço temporal por algumas razões: Primeiro, por ser esta a época do surgimento do meio de comunicação rádio em nossa cidade (Recife), do desenvolvimento deste veículo enquanto importante meio de entretenimento e informação, culminando com aquilo que se convencionou chamar “a era de ouro do rádio”; segundo, a delimitação deste espaço de tempo também atende a uma questão circunstancial, pois na década de sessenta surge a TV em nosso meio social o que, obviamente, demanda para qualquer abordagem da oralidade mediatizada radiofônica uma análise, ou ao menos alguma citação, da oralidade mediatizada televisiva o que não seria possível no espaço de um trabalho de dissertação de mestrado; terceiro, por ser nosso objetivo contribuir com os estudos históricos sobre o veículo rádio, desta feita com um trabalho no qual seja operada uma abordagem de base lingüística sobre a linguagem radiofônica e seus possíveis impactos na sociedade de então.

Assim, e com o intuito de melhor desenvolver nosso trabalho, iremos analisar os documentos históricos observando uma progressão cronológica da evolução do veículo rádio. Em outras palavras, iremos começar nossas análises a partir da década de vinte até a primeira metade da década de trinta, como uma primeira fase do desenvolvimento da sua linguagem. Depois, iremos da segunda metade da década de trinta até a chegada da década de sessenta. Neste ponto queremos deixar bem evidente uma questão que surge a toda pessoa que se propõe desenvolver um trabalho de caráter histórico em nosso país. Esta questão diz respeito à escassez de documentos históricos e ao péssimo estado de conservação dos poucos registros existentes.<sup>36</sup> Isto faz do trabalho do historiador aquilo que muitos já intitularam como um exercício de criatividade, acima de tudo.

No tocante ao rádio, os problemas são, a nosso ver, ainda mais difíceis, pois além da escassez de registros guardados que nos propusemos estudar, tivemos também de lidar com a quase total sonegação dos poucos registros existentes sobre o rádio

---

<sup>36</sup> Obviamente que isto não pode ser creditado aos heróis e heroínas que trabalham nos poucos centros de documentação histórica de nosso estado, mas sim às políticas públicas, ou quase total ausência destas, no tocante à criação e manutenção da memória do nosso povo.

pernambucano. A coisa chega a tal ponto que em determinados momentos chegamos a ser hostilizados por uma determinada pessoa detentora de alguns registros sonoros do rádio pernambucano da década de cinqüenta, uma vez que a mesma acredita ser o material em questão uma propriedade familiar, algo íntimo e sendo assim, não passível de uso para um trabalho acadêmico. Em outro momento, uma outra pessoa sugeriu não poder nos fornecer tais documentos, pois nós certamente iríamos buscar obter vantagens financeiras com a reprodução e conseqüente comercialização do material em questão. Embora não concordemos com as posições e pontos de vista aqui relatados, queremos deixar bem claro que respeitamos e, por incrível que pareça, entendemos a postura de certa forma refratária dos parentes dos produtores dos poucos registros sonoros sobre o rádio pernambucano existentes.

Contudo, aproveitamos este espaço para afirmar que, para o caso do rádio, estas não são as melhores formas de salvaguardar a memória dos pioneiros do rádio, ou de entes queridos, muito pelo contrário, seria dando ampla divulgação do trabalho daquelas pessoas uma forma de homenagem pelo que elas representaram e representam para o meio radiofônico de nosso estado. Além do mais, um documento histórico, uma memória histórica só tem real valor quando tal registro pode ser acessado e estudado sempre que necessário. Do contrário, o material não passa de mero relicário, souvenir pessoal. Isto não contribui em nada para a ciência e para o povo. Em qualquer que seja o lugar, em qualquer que seja a época.

Assim, e diante das dificuldades que a nós foram surgindo, tivemos que colocar em prática a tal da “criatividade”. O primeiro passo foi o de buscar nos jornais da época tudo que dissesse respeito ao rádio. Não foi pequena a nossa satisfação, ao descobrirmos que, desde os seus primórdios, o rádio se transformou em algo de grande interesse por parte dos intelectuais daquela época. Assim, estavam nas páginas dos jornais, sempre que possível, transcrições dos programas irradiados nos dias anteriores. Um outro fato que muito nos ajudou a formular o nosso plano de trabalho foi a descoberta de documentos que provam ter havido uma busca de cópia do que se fazia no Rio de Janeiro e até mesmo reprodução de programas feitos na então capital federal em nossas emissoras.

Com base nas nossas descobertas, estabelecemos como corpus de nossas análises os textos impressos daquilo que fora irradiado, ou que falavam sobre as irradiações e algumas gravações de programas que podemos provar a sua possível reprodução ou ainda que possam ter servido de modelo para a produção radiofônica local. Como

também de comerciais que temos a certeza de sua veiculação em nossas emissoras. Assim, pensamos poder reconstruir a criação e conseqüente desenvolvimento da linguagem do rádio em Pernambuco e daí operar um estudo de base lingüística sobre tal linguagem. Dito isto passemos às nossas análises.

### **6.1 O rádio dos concertos e das palestras: a leitura em voz alta e de longo alcance.**

Em seus primeiros momentos, o rádio pernambucano foi, como já discutimos em nosso primeiro capítulo, uma atividade de um grupo de idealistas os quais demonstravam um claro desejo de inserção em uma modernidade gerada pelos avanços da ciência de então. Como também discutimos em nosso primeiro capítulo, este desejo de alcançar a modernidade também foi compartilhado por outros segmentos de nossa sociedade, fazendo assim com que o rádio, como uma das mais fantásticas descobertas daquela época, se tornasse uma verdadeira mania entre os ricos e os nem tanto assim daquela época.

Assim, o rádio era já uma realidade para muitos de nossa sociedade na década de 20 do século passado, uma realidade enquanto técnica. Contudo, enquanto meio de comunicação e conseqüentemente enquanto linguagem, o rádio era um senhor desconhecido. Havia uma gama de teses ou ideais para o rádio enquanto um meio com enormes potenciais. Todavia, todas as percepções não passavam de suposições do que o veículo radiofônico poderia representar para a humanidade, enquanto o como fazer este mesmo veículo estava longe de ter uma definição, ou melhor, um formato definido. Como pudemos constatar no capítulo destinado a fazer um breve levantamento histórico do rádio nos anos 20, este não passava de um clube social, ainda não era constituído e mesmo entendido enquanto uma empresa. Desta feita, aquilo que poderíamos chamar de programação era compartilhada por todos, ou quase todos, que eram os associados do clube de rádio. Daí, havia (como já discutido em nosso capítulo I) um revezamento na preparação e transmissão de programas da Rádio Clube.

Neste revezamento, ora eram transmitidos números de músicas, ora eram irradiados as chamadas palestras. O hábito de transmitir as palestras perdurou por toda a década de 20 com grande freqüência, e por parte significativa das décadas seguintes, só que com uma freqüência menor. Estas eram constituídas da leitura de textos os quais versavam sobre os mais diferentes assuntos de interesse da sociedade recifense daqueles idos. Tais textos eram, em geral, produzidos e mesmo lidos por algum especialista, ou



ao menos tidos como tal, no tema a ser tratado. Uma prova destas leituras está presente no texto de número 13 em nosso anexo. Este texto mostra uma foto de um dos “palestrantes” do rádio segurando um de seus textos ao mesmo momento em que fazia a leitura do mesmo ao microfone da PRA-8. Fica, desta feita, a prova documentada de como eram levadas a efeito as palestras radiofônicas.

Passemos agora a analisar mais um destes textos, o texto 14 em nosso anexo, para podermos entender melhor como se constituiu a linguagem radiofônica verbal em Pernambuco no início de sua existência. O texto em questão é uma palestra irradiada pelo então fiscal do serviço rádio-telefônico de Pernambuco, o Sr. Mario Melo. O referido texto nos é emblemático não só enquanto modelo de como eram as tais palestras, mas também porque o mesmo apresenta mais pistas históricas de quanto a radiofonia já era uma realidade para um bom número de pessoas em nossa cidade já na primeira metade da década de 20, quando o Mario Melo indica a existência de um grupo de indivíduos em nossa cidade adeptos e praticantes da escuta de rádio. Contrariando, assim, a versão de que a atividade de rádio era uma prática de poucos admiradores da nova tecnologia.

Um dos primeiros pontos a serem observados na análise do texto 14 é o que diz respeito às noções de plano da realização do texto. É inegável que tal texto foi realizado no plano fônico. Porém, quando voltamos a nossa atenção para os aspectos referentes ao concepcional, temos a clara definição de que o texto 14 apresenta aspectos bem diferentes, em termos de concepção, de um texto qualquer próprio da oralidade.

Para podermos melhor entender o que vamos discutir a partir deste ponto, é necessário uma retomada dos elementos que são definidores do oral e do escrito discutidos em nosso capítulo III. Como pontuamos com base nas concepções de Pessoa (2003), existem três fatores constitutivos que podem diferenciar a oralidade da escrita, tais fatores são: A situação ou contexto imediato, a dêixis e a perdurabilidade. Tanto a oralidade quanto a escrita apresentam estes três fatores. Contudo, a depender de peculiaridades de cada uma é possível dizermos se um texto pode ser classificado como de proximidade comunicativa (típico da oralidade) ou distância comunicativa (típico da escrita).<sup>37</sup> Assim, e com nossos olhos voltados para tais conceitos, passemos a um passo um pouco mais aprofundado no texto 14 de nosso anexo.

---

<sup>37</sup> Todos esses conceitos foram amplamente discutidos nos itens 3.4.1, 3.4.2 e 3.4.3.

O texto da palestra versa sobre os aspectos técnicos e científicos da radiofonia. Nele, o autor usa uma linguagem até bastante didática e bem detalhada para explicar os fenômenos envolvidos tanto na transmissão quanto na recepção de rádio. Como uma das primeiras características a serem apontadas no texto do Mario Melo, podemos citar a total ausência da troca de papéis na interação, ou seja, a ausência do jogo entre o eu e o tu que é um dos pontos definidores da escrita referente ao fator situação.

Outro ponto a ser observado é o relacionado ao uso dos dêiticos, pois estes (no texto 14) estão muito mais relacionados ao tempo passado que ao tempo presente. Mais uma característica da linguagem escrita, apontada pelo fator dêixis, pois assim como discutido, na escrita (distância comunicativa) uma vez que a situação de interação exerce uma influência menos efetiva, os dêiticos tendem a ser mais recorrentes em relação ao tempo passado, ou seja, distante e não totalmente inserido na situação imediata da interação. Por outro lado, na oralidade onde a situação imediata da interação tende a praticamente governar totalmente a interação <sup>38</sup>, os dêiticos, também, tendem a estar mais recorrentemente apontando para o tempo presente.

No tocante ao fator perdurabilidade, sabemos que este está intimamente relacionado com os outros dois fatores, o da situação e o da dêixis. Assim, podemos notar que o tempo presente em todo o texto 14 é um tempo histórico, um tempo que está remetido ao passado de então, uma vez que há a necessidade do autor de divagar sobre os diversos avanços da radiofonia em uma perspectiva temporal. Isto aponta para mais uma característica própria da escrita, pois, como já discutimos no capítulo III, é na escrita onde encontramos o fator perdurabilidade com maior frequência em relação com o tempo passado ou futuro do que na oralidade, uma vez que esta é bem mais dependente da situação imediata que aquela.

Contudo, alguns leitores deste trabalho podem levantar o questionamento de que um único texto não pode ser representativo das produções de toda uma época. Por concordarmos com tal possível objeção, acrescentamos ao estudo da linguagem do rádio pernambucano dos anos 20 e primeira metade da década de 30 um texto de Waldemar de Oliveira (Texto 15) levado ao ar no início da década de trinta na Rádio Clube de Pernambuco.

O referido texto traz interessantes pistas históricas sobre o rádio e sua linguagem nos seus primórdios em Pernambuco. A primeira observação que podemos

---

<sup>38</sup> Isto referente à interação face a face dos interlocutores.

fazer diz respeito ao que já pontuamos (porém agora temos mais uma e definitiva prova) no concernente à escuta de emissoras de outros estados, mais notadamente do Rio e de São Paulo, feita pelos radiófilos pernambucanos. Isto também reforça a nossa tese de que o rádio pernambucano manteve durante toda a época que foi dos anos vinte até os anos sessenta uma relação muito próxima em termos de estética e linguagem com os trabalhos no rádio da então capital federal e de São Paulo.<sup>39</sup>

Outro aspecto, e aquele que mais nos interessa neste ponto de nosso trabalho, é o relacionado com o questionamento levantado por Waldemar de Oliveira a cerca da linguagem e tipo de texto para o rádio teatro daqueles idos. No segundo parágrafo de seu texto, o autor deixa bem claro de como eram feitas as irradiações das peças teatrais no rádio daquela época. O que se levava a efeito eram leituras de textos escritos e pensados para a encenação no palco do teatro, na “scena” como nas palavras do escritor. Não havia uma “adaptação” desses textos para o meio radiofônico, as leituras eram feitas de maneira “estéril”, o que em outras palavras, podemos entender como a leitura e apenas a leitura de um texto escrito. Algo feito de maneira sem levar em consideração as necessidades da interação por via da oralidade radiofônica, ou mediatizada radiofônica. Assim, chegamos à conclusão de ter sido o rádio teatro, em seus primeiros momentos, uma mera leitura de peças literária ao microfone. Não havia uma produção específica para rádio com elementos necessários para o meio como sonoplastia, entonação e todo um aparato lingüístico propriamente dito<sup>40</sup> que possibilitassem uma adequada oralização via rádio.

É claro que o dramaturgo Waldemar de Oliveira foi, consciente ou inconscientemente, mais além na sua análise sobre a natureza da linguagem radiofônica de então, com maior ênfase no rádio teatro, e na forma de produção e veiculação da mesma ao abordar o caráter semiótico da linguagem do rádio em questão. Contudo, para efeito de alcançar o objetivo pretendido em nosso trabalho, apenas abordamos aquilo que for relativo à relação oralidade e escrita, sem, entretanto, deixar de admitir a existência de toda uma semiose da linguagem radiofônica.

Desta feita, voltemos nossos olhos para mais dois aspectos da crônica do escritor pernambucano. O primeiro deles é relativo à importância dada já naquela época à voz, ou ao menos a percepção da importância desta para com o rádio. Tal percepção fica bem evidente na passagem em que o autor afirma: “... Nesse particular, o radio é vencedor,

---

<sup>39</sup> Mais comumente com o rádio carioca.

<sup>40</sup> Aqui queremos nos referir a elementos de natureza segmental nos textos que eram lidos ao microfone.

graças aos múltiplos recursos da voz humana, dos instrumentos e dos ruídos. Um incêndio, representado na tela ou no palco, não nos daria tão perfeita illusão quanto si, através de uma estação transmissora, sem prévio aviso aos ouvintes.”.

O segundo aspecto adicional a ser levantado em nossa discussão sobre o texto de Waldemar de Oliveira é relativo à compreensão de parte daqueles que, de uma forma ou de outra, compartilhavam com a idéia da necessidade de não ter nas transmissões radiofônicas uma mera leitura de textos originariamente pensados para a escrita propriamente dita, mas sim uma produção a qual contemplasse as reais necessidades e peculiaridades do meio rádio em se tratando de linguagem e forma de interagir, ou se comunicar com o público.

Assim, foi sendo a linguagem do rádio em Pernambuco a qual em consonância com parte significativa do que se fazia no resto do país era constituída de uma parte musical e uma parte oral, esta a oralidade mediatizada de então. Tal oralidade mediatizada nada mais era que uma forma de leitura de textos os quais foram pensados tão somente para a escrita e não necessariamente para uma comunicação por via da modalidade oral da língua. Como conseqüência deste fato, podemos classificar a oralidade mediatizada do rádio daqueles idos da década de 20 do século XX, como também dos primeiros anos da década subseqüente, como sendo uma manifestação que se operava ou era caracterizada da seguinte forma:

- A oralidade mediatizada do rádio era uma produção escrita que se realizava oralmente. Em outras palavras, a oralidade mediatizada do rádio foi, nos seus primeiros anos, algo que estava no plano medial fônico, porém o seu plano concepcional era totalmente da escrita, ou seja, os aspectos cognitivos da oralidade mediatizada radiofônica de então eram quase que totalmente de uma lógica ou tradição de escrita;
- Em decorrência do exposto no primeiro tópico acima, podemos facilmente afirmar que a oralidade mediatizada do rádio, em seus primórdios, estava situada no quadrante B de nosso gráfico estudado no capítulo III <sup>41</sup> do presente trabalho, ou seja, era uma produção a qual estava situada no plano concepcional da escrita, porém era realizada no plano medial fônico;

---

<sup>41</sup> Mais precisamente na página 36.

- E por fim, em consequência ao exposto nos dois tópicos anteriores, fica muito evidente a presença de elementos lingüísticos relativos à situação, dêixis e perdurabilidade pertencentes, ou ao menos, característicos daquilo que podemos classificar como de distância comunicativa, ou como nas palavras de Oesterreicher (op. cit) “*Sprache der Distanz*”.

Em resumo, a oralidade mediatizada radiofônica pernambucana nos seus primeiros doze ou quinze anos era uma produção oral completamente governada por uma lógica de escrita, sem uma adaptação para as necessidades e particularidades inerentes ao meio sonoro rádio, um modelo que também era usado por outras emissoras do Brasil, com suas audições de peças musicais ao vivo ou por intermédio de discos e as diversas palestras ou leituras de notícias tal qual estavam no meio impresso do jornal. Era (a oralidade mediatizada do rádio) em sua maior parte aquilo que podemos chamar de uma leitura em voz alta, contudo de alcance muito maior do que o costumeiro para a época.

Todavia, com o passar do tempo esta oralidade foi sofrendo uma pressão para que a mesma deixasse de ser uma mera leitura em voz alta de textos concepcionalmente de escrita e passasse a se adequar tanto às necessidades do meio em si, como também às novas demandas criadas para o veículo rádio, demandas estas decorrentes de fatores sociais, políticos e econômicos do momento histórico vivenciado pelo nosso povo a partir, principalmente, da segunda metade da década de trinta do século XX.

## **6.2 O rádio das diversas formas: Além do longo alcance, a sedução.**

A partir da segunda metade da década de trinta do século XX, o rádio pernambucano, mais uma vez em sintonia com o cenário radiofônico nacional, sofre mudanças significativas na forma como este rádio é feito e consequentemente na sua linguagem. As mudanças em questão são em sua maioria fruto de demandas sociais as mais diversas. As mais importantes destas demandas foram: Uma percepção sobre o que ou como deveria ser a linguagem radiofônica; um novo cenário econômico consolidado<sup>42</sup>; e obviamente uma nova conjuntura política tanto em âmbito nacional quanto no plano local que estava sendo delineado.

---

<sup>42</sup> Cenário este que já vinha sendo construído desde a década anterior, como discutido em nosso capítulo I.

No tocante às demandas de natureza da percepção da sociedade do que e do como deveriam ser a linguagem do rádio, podemos citar como provas históricas o texto lido ao microfone da Rádio Clube por Waldemar de Oliveira, pois no texto está clara uma percepção de um segmento da sociedade <sup>43</sup> de que a linguagem radiofônica e a forma de ser feito o rádio, como ainda o tipo de texto veiculado neste mesmo rádio não atendiam às reais peculiaridades e conseqüentes necessidades do meio eletrônico.

Porém, esta percepção não era só de parcelas ditas de intelectuais daquela época. Não eram raras as reclamações feitas em forma de missivas enviadas para os diferentes jornais recifenses daqueles idos com relação ao que em muitos dos casos era intitulado como “Palestras Maçantes”. Isto demonstrava haver uma não adequação e mesmo não aceitação da sociedade àquele tipo de oralidade praticada ao microfone de nossa única emissora de então.

No tocante à influência do cenário econômico, claro fica que uma vez surgido um conjunto de empresas produtoras e/ou vendedoras de produtos os mais variados, muitas delas multinacionais de origem americana, era preciso ter um meio eficiente de propagar os produtos a serem vendidos. Em uma sociedade onde a leitura não era, pelos mais variados motivos, uma prática efetiva de parcela significativa de seu povo, o rádio assemelhava-se como o mais eficiente dos meios de comunicação para propagação dos produtos. Contudo, o rádio “maçante” e pouco cativante não poderia ser este meio efetivo, teria então que mudar (o rádio) a sua estética e a sua linguagem.

Também, a política (embora com meios, práticas e fins um pouco diferentes dos usados pelas empresas) influenciou e até mesmo operacionalizou uma mudança na forma de fazer rádio. Pois, como discutido em nosso capítulo I, o meio eletrônico rádio foi logo entendido pelos diferentes grupos da política tanto local quanto nacional como um poderoso instrumento para a propagação de seus projetos e “ideais”. Contudo, a mesma linguagem “Maçante” do rádio dos concertos e das palestras ao microfone, mais uma vez, não atendia ao desejado.

Assim, foram sendo gradualmente operadas mudanças na forma de fazer os mais diferentes textos para rádio. Começa, a partir principalmente da segunda metade da década de 30, a surgir um grupo de profissionais oriundos das mais diferentes áreas com o objetivo de produzir textos, músicas, transmissões ao vivo, comerciais específicos

---

<sup>43</sup> Neste caso dos dramaturgos e escritores em geral.

para rádio. É nesta época que podemos notar o surgimento do profissionalismo propriamente dito no meio eletrônico em questão.

Um bom exemplo desta nossa afirmação é o texto 16 de nosso anexo. Nele, é relatada a prática profissional do então escritor de peças radiofônica e ator do Rádio Clube de Pernambuco Luiz Maranhão.<sup>44</sup> O escrito do Jornal Pequeno de dez de outubro de 1939 apresenta uma incipiente biografia (se é que podemos assim chamar a introdução do texto) na qual fica clara a origem do senhor Maranhão. O profissional em questão fora inicialmente do teatro, vindo para o rádio a fim de produzir aquilo que ficou conhecido como “Teatro pelo Microphonio”, o que se constituía em uma série de irradiações de rádio-dramaturgia, muitas delas adaptações de grandes obras da literatura ou do teatro para a linguagem radiofônica.

Ainda, no decorrer do texto pode-se perceber que a trajetória do senhor Luiz Maranhão segue, de certa forma, a trajetória até então da oralidade mediatizada do próprio rádio, pois como está na transcrição de fala do próprio entrevistado, o escritor e ator do Rádio Clube começara fazendo a leitura de poemas ao microfone, ou seja, levando ao ar texto de origem eminentemente de base na cultura letrada, para depois fazer adaptações ou mesmo produzir textos específicos para o rádio, em outras palavras, operacionalizando uma união de elementos da escrita e da oralidade.

Outro evento interessante que podemos perceber da leitura do texto 16 é o fato de já haver uma percepção da existência de escritores específicos para o meio eletrônico radiofônico e escritores cuja especialidade seria produzir textos para outras situações de interação como o teatro, por exemplo. Isto fica evidente quando da transcrição da fala do entrevistado no momento em que este afirma haver um distanciamento dos “Dramaturgos” do veículo rádio. Desta feita, fica evidente a existência de uma percepção que produzir para rádio e mesmo transmitir neste meio já não era a mesma coisa que escrever um artigo, proferir uma palestra ou mesmo ler uma obra literária.

Esta nossa afirmação não quer dizer que tais práticas já tenham desaparecido por inteiro no período de publicação da matéria do Jornal Pequeno exposta em nosso texto de número 17, contudo é inegável a percepção da existência de uma nova postura em relação ao que deve ser posto no ar em termos de material escrito. Agora não é um texto qualquer que deve ser lido de qualquer forma ao microfone, a qualquer momento. Já

---

<sup>44</sup> No tocante à grafia do nome do referido profissional, notamos que ora era feita com S no final, ora com Z. Preferimos grafá-lo com Z por ser o mais recorrente nos jornais da época.

existe um entendimento e mesmo prática os quais levam a entender a necessidade, ou até a existência de uma linguagem específica para o meio rádio.

É deste período da história do rádio, ou seja, da segunda metade dos anos trinta, o surgimento dos comerciais elaborados exclusivamente para o meio radiofônico e também dos famosos jingles. Como afirma Saroldi (op. cit.), neste período começam a ser instaladas as primeiras agências de publicidade com equipes especializadas em produção para rádio no Brasil, isto com o objetivo de atender às demandas das indústrias estrangeiras aqui instaladas.

Um dos produtos anunciados no rádio da metade da década de trinta foi o sabonete *LifeBuoy*. Este tinha peças publicitárias veiculadas nas emissoras de todo o Brasil. Os anúncios do sabonete *LifeBuoy* seguiam uma tendência a qual estava sendo estabelecida na época que era de buscar associar uma forma de comunicar mais próxima e mais cativante. Um outro dado importante sobre este produto é o fato de seu nome ser em inglês, coisa que poderia causar alguma dificuldade no momento da compra do mesmo por parte de parcelas significativa de nossa população, pois a língua inglesa ainda não tinha a presença que notamos hodiernamente em nosso país.

Ao voltarmos nossa atenção à faixa 14 de nosso CD de áudio em anexo, podemos nos dar conta de como a linguagem do rádio e conseqüentemente a sua oralidade mediatizada, com o advento da publicidade profissional, caminhava para uma aproximação ainda maior aos elementos ou características da oralidade concepcional. A referida faixa apresenta uma introdução feita de tal maneira a lembrar as narrações de corridas automobilísticas, muito comuns no Rio de Janeiro daquela época, costumeiramente transmitidas pela Rádio Nacional. Também, notamos agora a relação situação e dêiticos estipulada de maneira tal que nos dá a clara impressão de um maior governo do tempo presente, ou seja, o discurso da peça publicitária está mais atrelado ao contexto do momento, ou ao menos notamos uma busca de uma maior relação com o tempo presente. Como exemplo, temos a passagem na qual uma voz masculina diz: “*LifeBuoy* é um sabonete moderno de acordo com o tempo em que vivemos”. Fazendo, assim, com que tenhamos na produção textual aquilo que podemos classificar como “*Sprache der Nahe*” ou proximidade comunicativa, levando à percepção, ou busca de uma percepção, de que os interlocutores estão no mesmo contexto espaço-temporal.



Contudo, no decorrer da mesma peça publicitária, uma voz feminina diz o seguinte: “Um sabonete estimulante, agradável, refrescante que se **escreve**<sup>45</sup> ‘life buoi’ tem pronúncia bem correta, é bem simples e discreta, a pronúncia é... ‘laife boy’”. Aqui, notamos uma preocupação com a escrita do produto e a possível pronúncia desta escrita em língua portuguesa. Portanto, ao buscar uma forma de ensinar o público consumidor como identificar o sabonete *LifeBuoy*, termina-se por estipular uma referência à escrita no decorrer do próprio discurso o qual em seu início buscava uma construção com elementos da oralidade. Em outras palavras, o texto continua a ter elementos da escrita em seu bojo os quais são de natureza de vocabulário – quando faz uso da própria palavra “escreve” – e também de conceito – uma vez que tenta criar um padrão de pronúncia para o nome do produto anunciado.

Diante do que discutimos sobre o texto presente na faixa 14 de nosso CD de áudio, podemos desenvolver uma reflexão sobre o mesmo. Tal texto é um tipo de produção a qual guarda aspectos bastante interessantes. O primeiro deles diz respeito ao momento inicial de sua elaboração, pois é do conhecimento geral o fato de haver uma elaboração escrita para textos da natureza do contido na faixa 14 de nosso CD. Desta feita, o conteúdo da faixa em questão é inicialmente uma realização concretizada no plano medial gráfico. Contudo, um dado deve ter especial atenção, trata-se do fato de ser o texto originariamente do plano medial gráfico planejado levando-se em consideração aspectos inerentes a uma concepção de oralidade. Este texto no plano medial gráfico com elementos do concepcional oral passa para o plano medial oral, só que, como discutido, o texto também apresenta elementos do concepcional da escrita.

Assim, sobre textos como o da faixa 14 de nosso CD, podemos defini-los da seguinte maneira. Tratam-se de textos inicialmente produzidos no plano medial gráfico em cujo processo de elaboração são adotados elementos de uma concepção de oralidade. Por outro lado, a sua concretização social propriamente dita, ou performance, dá-se no plano medial fônico. Mas, uma vez no plano medial gráfico e por demandas originadas do próprio contexto de veiculação, também estão presentes aspectos de um plano concepcional de escrita.

Desta feita, e retornando nossas atenções unicamente para o texto da faixa 14, podemos afirmar que o mesmo em sua performance está no plano medial fônico. No tocante ao plano concepcional, o texto da faixa 14 encontra-se em um ponto de

---

<sup>45</sup> Grifo nosso.

deslocamento entre o oral e o escrito, não estando ainda totalmente, ou em sua grande parte, no plano concepcional deste ou daquele. Apenas, hipoteticamente tendendo mais para o concepcional oral.<sup>46</sup> Ao levarmos em consideração de que se trata de um texto escrito oralizado ao microfone, teríamos para tal texto o estágio m1, uma vez que há uma leitura em voz alta de uma produção escrita qualquer. Porém, uma vez que em termos de concepção temos uma junção de elementos do concepcional tanto do oral quanto da escrita, temos, em verdade um estágio m2. Pois, de acordo com Pessoa (op. cit.), no processo de oralização de textos escritos, existe um momento, ou estágio, no qual um determinado texto passa para o plano medial fônico, contudo sem atingir o plano concepcional oral, levando muito dos elementos e características inerentes da escrita. Como exemplo, temos uma palestra ou uma aula. E a partir de agora, temos condições de incluir, na lista de textos no estágio m2, uma peça publicitária com as características da presente em nossa faixa 14.

Ainda com exemplos de peças publicitárias como constituinte da linguagem radiofônica, temos um jingle do mesmo sabonete **LifeBuoy**, em nossa faixa de áudio 15. O texto presente no referido jingle apresenta características as quais também podemos colocar como sendo tanto do concepcional oral quanto da escrita concepcional. As características do concepcional oral que temos a apontar no texto da faixa 15 são o uso de recursos de memorização como o ritmo e as rimas (no tocante às rimas também temos estas na faixa 14) e elementos supra segmentais como o suspiro do locutor antes de falar o slogan do sabonete. Por outro lado, estão presentes elementos de uma distância comunicativa ou “*Sprache der Distanz*” quando da interpretação da letra do jingle, pois nela encontramos um afastamento discursivo na passagem em que é dito:

“Quando chega o verão e aperta o calor,  
 Transpira-se tanto que é mesmo um horror,  
 Para então se manter o asseio corporal,  
 É preciso se usar um sabonete ‘patatal’  
 É mesmo o tal, não tem igual é um herói  
 LifeBuoy, LifeBuoy.”

Nesta passagem do jingle, fica claro uma referência a um tempo que não é o presente e um distanciamento da situação de interação imediata vivenciada pelos participantes da interação da transmissão radiofônica. Ainda, no momento seguinte da peça publicitária,

---

<sup>46</sup> Hipoteticamente, uma vez que no caso em questão acreditamos ser muito difícil fazer uma exata classificação em termos de plano concepcional.

o locutor passa a assumir uma postura professoral na qual ele tenta dar autoridade ao seu discurso. Ao tomar tal postura, o narrador faz uso de determinados elementos semânticos mais comuns, ou mesmo originários, de uma cultura escrita como: *exala; odores; elemento purificador especial e asseio corporal*.

Mais uma vez, temos um texto que embora no momento de sua efetivação ou performance encontra-se no plano medial fônico, apresenta uma passagem incompleta no tocante ao plano conceptual, guardando características tanto do oral quanto da escrita. Isto faz deste texto algo que está situado no plano m2 do processo de passagem do escrito para o oral.<sup>47</sup>

Desta mesma maneira, são os comerciais em nosso CD de áudio na faixa três a qual tem a propaganda da cerveja **Brahma** como também a peça publicitária das **Pílulas de Vida do Dr. Ross**, em nosso CD faixa 17, onde é possível perceber que há uma construção discursiva permeada de elementos de proximidade comunicativa – principalmente na presença da segunda pessoa do singular a representar um hipotético interlocutor face a face. Porém, ao mesmo tempo existe uma forma de tratamento e referenciação em relação ao tempo que foge à lógica da oralidade uma vez que o narrador diz: “Não permita que um fígado rebelde prejudique a sua saúde e afete a sua boa disposição, roubando-lhe o bom humor. Tome as **Pílulas Ross** e diga: ‘Isso é que é vida’. Com as **Pílulas de Vida do Dr. Ross**. Pequenas... mas resolvem!”. Neste texto, conseguimos notar a mudança de tempo de um presente factível quando das ordens “Não permita” e “tome”, a um tempo futuro hipotético construído na passagem “... e diga: ‘Isso é que é vida’”, tendo neste ponto uma forma mais característica de uma concepção de escrita a qual permite um afastamento e até mesmo abstração com relação ao tempo.

Outro exemplo de momentos nos quais a linguagem radiofônica apresentava uma passagem incompleta em termos de plano concepcional nos idos dos anos trinta e, no caso da peça publicitária em foco neste momento, anos quarenta é a publicidade radiofônica do sabonete **Gessy** (faixa 19 em nosso CD de áudio). No texto em questão, mais uma vez encontramos uma forma mista em termos de plano concepcional, pois no discurso há formas de proximidade comunicativa – com o advento de um vocativo de segunda pessoa “Rapaz”, representando um interlocutor possível em uma interação face

---

<sup>47</sup> Mais uma vez, lembrando que aqui no texto da faixa 15 temos uma produção que antes estava no plano medial gráfico.

a face <sup>48</sup> - e ao mesmo tempo a presença de elementos de construções que são característica de textos do concepcional de escrita ou de distância comunicativa. Um destes elementos está presente no momento em que o narrador dá as instruções sobre o que um “rapaz” desejoso de ser “forte e varonil” deve fazer para alcançar seus objetivos. O narrador enumera as atividades necessárias para tanto e a última delas é dirigir-se ao banheiro e tomar um banho com o sabonete **Gessy**. Ao procurar explicar o porquê da necessidade de tal ação, o narrador faz uma retomada do que foi dito com a seguinte construção: “... esta última fase é das mais importantes...”. Neste ponto é usado um tipo de construção com dêitico típico da escrita que é o dêitico discursivo, aquele que aponta para partes do próprio discurso. Assim, temos mais um exemplo de um texto de publicidade radiofônica do período compreendido entre a segunda metade dos anos trinta e agora toda a década de quarenta onde podemos perceber ser uma realização posicionada em m2, ou seja, uma produção no plano fônico (em termos de performance) permeada de elementos do concepcional de escrita em união com elementos de uma concepção de oralidade.

Esta mesma lógica perdurou por todas as décadas de quarenta e cinquenta do século vinte no rádio do Brasil e, conseqüentemente, no rádio pernambucano. Em resumo, as peças publicitárias para rádio eram produções escritas as quais eram oralizadas, ou seja, eram produções transpostas de um plano medial a outro. Contudo, a passagem que era realizada de forma perfeita no plano medial não se dava da mesma maneira no plano concepcional, fazendo assim com que a publicidade fosse um dos constituintes da oralidade mediatizada radiofônica situadas no estágio do continuum da relação entre oral e escrito descrito por Pessoa (op. cit.) como o de m2. Em outras palavras, uma produção oral com origem na escrita e assim permeada de elementos concepcionais desta mesma escrita em conjunção com elementos do concepcional oral devido a demandas oriundas do contexto de realização via transmissão radiofônica.

Outro tipo de construção textual presente na linguagem do rádio a partir do início da década de trinta do século vinte foi o texto político. <sup>49</sup> Este apresentou diferentes formatos a depender do momento específico de sua transmissão. O primeiro dos exemplos de textos políticos está presente na faixa 8 em nosso CD de áudio. Nessa faixa, estão dois momentos das transmissões da Rádio Record de São Paulo quando do

---

<sup>48</sup> Desta feita ficamos com a nítida impressão de uma influência da situação na produção do texto. Situação de interação do ouvinte com a programação do rádio.

<sup>49</sup> O que chamamos, em nosso trabalho, de texto político é um conjunto de textos cuja origem e finalidades podem ser atreladas a algum tipo de movimento ou grupo de caráter político ou ideológico.

desenrolar daquilo que ficou conhecido como “Movimento Constitucionalista de 1932”.<sup>50</sup> A primeira parte da gravação é uma chamada oral de algum tipo de lista de nomes das pessoas envolvidas ou arregimentadas para as forças militares dos paulistas. Já a segunda parte é a leitura de algum texto de exortação de toda a sociedade do estado de São Paulo para que esta seja motivada a, de alguma forma, contribuir com o movimento. Nas duas passagens, fica claro que se são leituras de textos escritos, no primeiro de uma lista e no segundo de um texto com discurso de exortação, em voz alta (no caso em questão ao microfone de uma emissora de rádio). Assim, podemos colocar o nosso primeiro exemplo de texto político como posicionado no estágio m1, ou seja, na situação de oralização de textos escritos por via da leitura em voz alta dos mesmos.

O segundo exemplo de texto político em nossa análise é um pronunciamento do então presidente da república Getúlio Vargas (texto17 em nosso anexo), como não poderia deixar de estar presente neste ponto de nosso trabalho. Ainda sem a famosa introdução “Trabalhadores do Brasil”, este pronunciamento se deu quando da passagem do ano de 1936 para o ano de 1937. Sem querer entrar em discussões a respeito do conteúdo político do texto, percebemos que se trata da leitura de um texto ao microfone para a transmissão radiofônica em cadeia nacional. Assim, enquanto leitura em voz alta de um texto escrito, os pronunciamentos do então presidente Getúlio Vargas, e de todos os outros governantes que fizeram uso de tal expediente pelo rádio, constituíram-se em realizações as quais podemos classificar no estágio m1, ou seja, da leitura de textos escritos em voz alta.

Por outro lado, temos que nem todos os pronunciamentos de políticos (ou textos políticos como denominamos) se davam em forma de m1, de uma mera leitura em voz alta. Um bom exemplo do que estamos a pontuar nesta passagem de nosso trabalho está no texto do cronista Mário Melo, texto de número 18 em nosso anexo. Do presente documento histórico, podemos perceber que a “apresentação” dos interventores do Estado Novo ao microfone da Rádio Clube fora baseada em dados de algum material escrito. Isto, temos a condição de afirmar pela narrativa do cronista Mario Melo em relação à fala do então prefeito da Cidade do Recife, senhor Novais Filho. Pois, no relato da fala do então prefeito de nossa cidade, fica claro que o mesmo deve ter feito

---

<sup>50</sup> Conforme discutido em nosso capítulo I, a nossa única emissora de então, a Rádio Clube, não tomou partido nesse evento. Contudo, preferimos colocar esta gravação como forma de exemplo por dois motivos: Primeiro por ter sido possível a audição da mesma em nosso estado; e segundo, por ser, de acordo com Ortriwano (op. cit.), as transmissões da Record o marco inicial do uso político do rádio no Brasil. E como tal servido de modelo.

utilização de algum material escrito para ter condições de enumerar com presteza as realizações de seu governo.

Daí, nós temos em tal pronunciamento ao microfone da emissora da Cruz Cabugá aquilo que poderíamos classificar como uma realização a qual se deu no plano medial fônico, porém teve como ponto de partida um material escrito. Realizações desta natureza não são leituras de textos escritos em voz alta, são produções orais permeadas de elementos de uma concepção de escrita. Como outras realizações iguais a estas são aulas ou palestras. Consequentemente, no pronunciamento dado na rádio clube em comemoração ao ano do Estado Novo, temos uma produção oral cuja passagem de um concepcional de escrita para um concepcional de oralidade se deu de forma incompleta, colocando tal realização no estágio m2.

Precisamos, além do mais, pontuar que este tipo de produção oral não foi exclusividade do estado Novo varguista. No final da década de cinquenta, era ainda possível encontrar “pronunciamentos” como os descritos acima com apenas algumas pequenas modificações. Um exemplo do que estamos a expor neste ponto pode ser encontrado no texto 19 em nosso anexo. No fragmento da notícia sobre o programa da Rádio Clube cujo nome era “Cartas na Mesa”, notamos que os políticos participantes respondiam as perguntas com base em um material escrito. Uma prova de nossa afirmação está na foto da matéria do Diário de Pernambuco na qual um dos participantes do debate dá nítida impressão de se guiar por um material escrito ao falar ao microfone.

Diante do aqui exposto sobre um tipo de produção textual a qual denominamos texto político, chegamos à conclusão de que tal tipo de produção era algo que se realizava no plano medial fônico (como não poderia deixar de ser no rádio), contudo tinha sua origem em um material escrito. Este tipo de texto apresentava duas feições, a primeira era de uma realização oral oriunda de uma mera leitura em voz alta. A segunda, por sua vez, era uma produção oral com base em um texto escrito, mas sem a leitura propriamente dita de tal texto, apenas com referências diretas ou indiretas a tal texto escrito. Daí, o texto político ser caracterizado por uma produção no plano medial fônico cuja passagem no plano concepcional não se dava por completo, situando as suas produções ora no estágio m1, ora no estagio m2.

Outro tipo comum de produção no rádio desde a metade da década de trinta do século XX foi o das “aulas”. Eram aulas com as mais variadas finalidades. Estas iam da aula de línguas, passavam pelas aulas de puericultura, aulas de ginástica e até aulas para

formação de mestres do ensino fundamental. Tomaremos como exemplo em nosso trabalho um texto contido em nosso CD de áudio, faixa 2, e um texto extraído do Jornal do Comércio presente em nosso anexo com o número 20.

O primeiro dos textos que tomamos para análise é a faixa de áudio 2 em nosso CD. Nele temos uma aula de ginástica com o professor Oswaldo Diniz, um programa muito famoso na Rádio Nacional do Rio, principalmente no início da década de quarenta. O que temos na faixa de áudio em questão é uma produção oral a qual apresenta claras influências de uma concepção de escrita, isto se dá em diferentes momentos da apresentação da referida aula. Como um bom exemplo é o início da audição na qual o professor começa dizendo o número e o nome do exercício a ser executado, tipo de seqüência nada característico da oralidade.

O nosso segundo exemplo de aulas as quais iam ao ar pelas emissoras de rádio daquela época está no texto 20 em nosso anexo. Ali, encontramos uma notícia do Jornal do Comércio de 1937 que nos dá conta da existência de um projeto de aula para formação ou qualificação<sup>51</sup> de professores a fim de levar aos mesmos, dicas de como melhorar a sua prática profissional, conferindo para os participantes do curso pelo rádio, ao fim do mesmo, certificado de conclusão.

Os dois exemplos aqui trazidos, da faixa 2 no CD de áudio e do texto 20 em nosso anexo, servem como provas incontestes que na oralidade mediatizada do rádio no período compreendido entre a segunda metade da década de trinta e finais dos anos cinquenta havia um tipo de produção muito comum, as chamadas aulas, e como tal eram produções as quais se realizavam, obviamente, no plano medial fônico. Contudo, como é característico de produções desta natureza, apresentavam elementos em termos de plano concepcional da escrita, fazendo assim que tais produções típicas da linguagem radiofônica daquela época estivessem posicionadas no estágio m2.

Outro tipo de produção textual que foi bastante explorado naquela época, e principalmente a partir dos anos quarenta, foi o do noticiário, ou rádio jornalismo. Um dos mais famosos, para não dizer o mais famoso de todos, foi o Repórter Esso o qual surgiu em 28 de agosto de 1941. Este foi muito importante para o rádio e conseqüentemente para a sua linguagem por ter sido uma mudança de paradigma em termos de produção noticiosa. Isto se deveu ao fato de ter, o Repórter Esso, implantado uma linguagem e uma forma diferentes do que se fazia até então. Antes de seu advento,

---

<sup>51</sup> Este é um termo nosso, uma vez que não era comum para época o conceito de qualificação profissional.

o mais comum em termos de notícias fora a mera leitura das informações encontradas nas páginas dos jornais impressos, estas eram em forma de textos longos, permeadas de orações intercaladas e mesmo obscuras para o meio rádio.

Com o Repórter Esso, é introduzido um formato no qual as notícias eram expressas por orações mais curtas, em uma linguagem quase telegráfica. Isto ocasionou uma maior aproximação da notícia transmitida pelo rádio a uma camada da população menos familiarizada com a escrita dos jornais de então. Na faixa 18 de nosso CD de áudio, encontra-se uma reprodução fiel de como eram as irradiações do Repórter Esso. Vale aqui acrescentar que o noticioso em questão era transmitido por diferentes emissoras do Brasil, as informações eram transmitidas pelo telégrafo para serem lidas da maneira como estavam no papel e seguindo um mesmo formato em termos de entonação do locutor e seqüência das irradiações.<sup>52</sup>

Assim, em todas as emissoras nas quais o Repórter Esso era transmitido havia um esquema fixo de ressoar do prefixo do programa com a voz do locutor anunciando a famosa frase “Amigo ouvinte, aqui fala o Repórter Esso. Testemunha ocular da História”. Embora, como já discutimos, houvesse uma tentativa de maior aproximação de uma linguagem mais identificada com uma cultura oral, podemos notar que nas produções do noticioso da Standard Oil do Brasil, operava-se uma enorme gama de elementos de uma “*Sprache der Distanz*”, ou distância comunicativa. Como exemplos do que afirmamos temos no conteúdo da reprodução de uma das transmissões do Repórter Esso (faixa 18 CD de áudio), uma seqüência na qual o locutor depois de anunciar o título da notícia, usa tempos verbais de passado, todos os referentes são tais que apontam para pessoas e lugares distantes do momento mesmo da performance, ou seja, da interação meio rádio com o ouvinte. Neste caso, temos uma produção escrita pensada para ser oralizada, contudo muito mais estruturada em termos de plano concepcional em uma perspectiva de escrita. Temos, assim, que os noticiários do rádio de então eram leituras em voz alta de produções escritas, caracterizados como o estágio de passagem do escrito para o oral m1.

Como uma das mais populares e de sucesso das produções radiofônicas do período estudado em nosso trabalho, o rádio teatro, dramaturgia pelo rádio ou mesmo radiatro é um dos momentos nos quais a relação oralidade e escrita no meio radiofônico

---

<sup>52</sup> Em Pernambuco, o Repórter Esso fora inicialmente irradiado pela Rádio Clube, passando depois para a Rádio Jornal do Comércio até o seu fim.



está mais próxima e imbricada.<sup>53</sup> Como tivemos a oportunidade de estudar neste mesmo capítulo, a dramaturgia pelo rádio em Pernambuco começou ainda na década de trinta. Contudo, era uma produção a qual nada mais representava, em termos linguísticos, que a mera leitura de textos criados prioritariamente para o teatro, sem uma devida adaptação para o meio rádio. Foi com o passar do tempo e o consequente aperfeiçoamento das produções que a dramaturgia pelo rádio adquiriu as características e o formato patrocinadores do grande sucesso obtido por essas produções.

Para exemplificar temos as faixas 4, 5, 6, 7 e 20 de nosso CD de áudio com uma peça escrita por Ghiaroni<sup>54</sup>, um famoso escritor de peças dramáticas e de humor das décadas de quarenta e cinquenta sediado no Rio de Janeiro, intitulada “Cinzas de Amor”. Peças como esta eram também transmitidas pelas emissoras de Pernambuco, uma prova do que afirmamos está no texto 21 em nosso anexo no qual está o anúncio de uma obra do mesmo Ghiaroni a ser transmitida pela Rádio Tamandaré.

No tocante à análise da relação oralidade e escrita neste tipo de produção textual, podemos afirmar que é neste ponto onde a junção de elementos de um concepcional de escrita com elementos de um concepcional oral estão tão próximos que temos a condição de supor estar tal produção muito próximo do ponto zero em nosso continuum concepcional. Isto se dá pelo fato de a produção inicialmente em um plano medial gráfico estar carregada de aspectos característicos de uma concepção de oralidade, e mesmo pelo fato de ser pensada para representar o oral. Contudo, uma vez colocada no papel, a produção adquire elementos de um concepcional de escrita, só que, mais uma vez, no momento da performance, ou realização, são colocados elementos supra segmentais como entonação, hesitação, etc., todos caracterizadores de uma produção típica da oralidade.

Assim, temos no exemplo em questão (o da dramaturgia pelo rádio) uma construção que sofre a passagem de um medial gráfico, que fora pensado para representar a oralidade, para o medial fônico, agora também com elementos do concepcional de escrita, acrescido de mais elementos da oralidade como as já aludidas entonações. Desta feita, podemos classificar o rádio teatro, o humor pelo rádio e as rádio novelas como produções que se dão em uma perspectiva das passagens. Posicionadas no estágio m2 destas mesmas passagens.

---

<sup>53</sup> Preferimos colocar nesta categoria os programas de humor e as novelas, pois todas estas realizações apresentavam em seus respectivos processos de produção características semelhantes.

<sup>54</sup> Para a perfeita audição da peça em questão, deve-se ouvir em seqüência as faixas 4,5,6, 20 e por último a faixa 7. Isto se deu por problemas técnicos.

Ainda, na faixa 16 de nosso CD de áudio, temos uma coletânea de aberturas de algumas novelas famosas do rádio. Nestas coletâneas, fica mais um exemplo de como aspectos de uma concepção de escrita estavam em concomitância com aspectos de um concepcional oral, pois as aberturas eram leituras de textos escritos sem muita junção de elementos de entonação e, ainda, apresentavam uma estrutura de divulgar o título da obra e o autor. Título e autoria, principalmente o segundo, são características de uma cultura de escrita.

Outro tipo de produção muito comum no rádio no período estudado no presente trabalho foi o das crônicas. No início deste capítulo, já pontuamos que a programação radiofônica entre nós começou com a audição de concertos ao piano ou de peças musicais dos discos de acetato ou de vinil, como também das palestras as quais se constituíam em leituras de textos sobre os mais diversos tópicos. A tradição de preparar textos dissertando sobre os mais diferentes tópicos continuou no rádio, só que desta feita sobre o nome de crônicas. As referidas crônicas não tinham necessariamente o objetivo de ensinar, como foram as palestras de momentos iniciais. Contudo, afora a questão do didatismo propriamente dito, as crônicas que ficaram muito populares no rádio dos anos quarenta e cinquenta guardavam praticamente as mesmas características das antigas “palestras ao microfonio”, pois eram (as crônicas) textos em uma linguagem de gramática padrão, mesmo a despeito de algumas adaptações à linguagem não padrão, e que eram lidas exatamente como estava escrita ao microfone.

Como exemplos das crônicas radiofônicas muito populares nas décadas de quarenta e cinquenta, temos o texto 22 em nosso anexo e a faixa 13 em nosso CD de áudio. O texto 22 em nosso anexo traz uma crônica lida ao microfone da Rádio Olinda, pelo senhor Alcides Teixeira. Nela, é possível tomar contato com o tipo de construção textual típico das crônicas de então e perceber a presença de todos os elementos de uma “*Sprache der Distanz*”, ou seja, de distância comunicativa, já amplamente discutidos no presente trabalho. No tocante à faixa de áudio 13, também temos no texto contido na mesma as idênticas características de uma produção permeada, em termos de plano concepcional, por aspectos de uma produção de distância comunicativa, em outras palavras, de um concepcional de escrita.

Assim, podemos afirmar que as crônicas constituíam-se em produções inicialmente escritas cujas realizações, ou performance, eram concretizadas no plano medial fônico. Porém, em termos concepcionais estavam situadas no plano da escrita.

Desta feita, temos mais um exemplo de estágio m1 em se tratando da passagem do escrito para o oral.

Os últimos tipos de produção radiofônica levadas a efeito nos anos de trinta a sessenta a serem pontuados em nossa pesquisa são aqueles os quais podemos classificar como os mais livres em termos de uma ligação ou origem com alguma peça escrita. O primeiro deles é o que classificamos como transmissão esportiva e/ou transmissão jornalística. Estas já eram levadas a efeito no rádio tanto de Pernambuco quanto do Brasil desde a segunda metade dos anos 30 do século XX. Uma das principais características destas transmissões em comparação com o que se fazia no rádio de então é o fato de, por via de regra, não haver uma peça escrita propriamente dita, ou seja, um texto em forma de script para ser lido, memorizado ou mesmo seguido parcialmente pelo locutor, repórter ou narrador do momento da transmissão, fazendo, assim, destas um tipo de realização oral radiofônica mais livre de um aparato concepcional de escrita.

O primeiro exemplo de transmissão esportiva e/ou transmissão jornalística a ser analisado em nosso trabalho é uma matéria feita para a Rádio Nacional do Rio presente na faixa 9 do CD de áudio. Nela, consta uma passagem do anunciada chegada da Força Expedicionária Brasileira ao porto de Nápoles a 16 de Julho de 1943. O que primeiro notamos na fala do repórter é o uso de elementos de uma construção caracterizada pela proximidade comunicativa. Isto fica evidente logo no início da transmissão quando é dito na voz do repórter: “Estamos no porto de Nápoles, viemos **AQUI ESTA** manhã...”, uma construção na qual estão presentes usos que denunciam a influência da situação na produção textual, o uso de dêiticos os quais apontam para o tempo presente e o lugar do narrador, como também o tempo presente se faz notar no início da transmissão. Ainda no decorrer da transmissão, é possível ouvir o repórter usar mais um termo a apontar para uma proximidade comunicativa quando o mesmo diz estar a Força Expedicionária Brasileira chegando “... justamente **NESTE** momento...”.

Contudo, por força das circunstâncias, o repórter faz uso de elementos típicos de uma construção em uma concepção de escrita ou distância comunicativa quando o mesmo começa a fazer referência ao fato de já haver outras Forças Expedicionárias no local e de ser a Força Expedicionária Brasileira a primeira da América Latina “... que atravessa o mar.” Isto constitui um tipo de distanciamento no tempo e no espaço, pois não há mais referência ao momento e ao espaço descrito inicialmente na transmissão. Acreditamos ser tal distanciamento, embora que sutil, fruto da necessidade percebida pelo repórter de melhor contextualizar os ouvintes em toda a situação, não só

a imediata, ou seja, a da transmissão em si, como também de fatos passados a fim de melhor inserir os ouvintes naquilo a ser noticiado.

O mesmo fenômeno pode ser notado nas demais faixas que trazem fragmentos das transmissões esportivas daquela época, faixas 10, 11 e 12 do CD de áudio. Nas referidas faixas, podemos notar que as realizações textuais estão no plano medial fônico e no plano concepcional de oralidade. Contudo, em determinados momentos é possível perceber a ocorrência de determinadas construções de distância comunicativa, ou de um concepcional de escrita. Na faixa 10, onde é possível detectar tal acontecimento quando o narrador começa a fazer uma análise da partida, há uma clara referenciação ao tempo passado e este não está necessariamente sendo produzido com relação ao presente, mas sim com o máximo de fidelidade possível ao passado mesmo. Na faixa 11, nota-se haver uma mudança do tratamento ao jogo em termos de referenciação deste com relação ao tempo. Quando o locutor narra o desenrolar da partida, esta (a partida) é claramente apresentada como algo do presente, sendo a narração totalmente governada pela situação. Contudo, quando termina o jogo, a narração passa a não ser mais totalmente governada por esta situação, ficando assim presentes aspectos de uma distância comunicativa. A mesma ocorrência se dá no fragmento de transmissão presente na faixa 12. Ao fim da partida, também há um distanciamento do discurso com relação à situação transmitida.

Assim, podemos chegar à conclusão de que as transmissões jornalísticas e as transmissões esportivas radiofônicas no período compreendido entre os anos trinta e toda a década de cinquenta compreendiam dois modelos de produção textual as quais eram caracterizadas por se situarem no plano medial fônico e no plano conceptual da oralidade. Contudo, em muitos dos momentos destas transmissões era possível perceber a presença de elementos típicos de uma concepção de escrita. Desta feita, fica a possibilidade de classificar as transmissões em questão como estando situadas no estágio m3 no processo das passagens já descrito em nosso presente trabalho, ou seja, das produções presentes nos planos medial fônico e concepcional de oralidade só que permeado por aspectos da escrita.

A última das produções radiofônicas a serem estudadas são os famosos programas de auditório. Foram muitos e bastante variados os programas de auditório no rádio brasileiro e, por conseguinte, de Pernambuco. Podiam-se ouvir programas de humor, calouros, perguntas e respostas, musicais, infantis, etc. Iremos analisar apenas

fragmentos dos mais famosos que eram os programas de auditório os quais apresentavam as estrelas da música popular brasileira daqueles idos.

Na faixa 1 do CD de áudio, estão presentes fragmentos de apresentações de estrelas da música brasileiras dos anos quarenta e cinquenta. Em tais fragmentos, pode-se perceber o fato de serem os programas de auditório, produções que estavam situadas no plano medial fônico e no plano conceptual de oralidade. Todavia, a fim de dar maior pompa e importância às atrações, usava-se um vocabulário o qual não era típico de uma tradição oral, mas sim de uma tradição de escrita. Este fato coloca, também, os programas de auditório no mesmo patamar das transmissões esportivas e das transmissões jornalísticas, ou seja, no estágio m3 das passagens do escrito para o oral.

Em resumo, a oralidade mediatizada, enquanto parte constitutiva a linguagem do rádio, teve, no período compreendido entre a década de vinte e o fim da década de cinquenta, uma evolução a qual podemos dividir em duas fases. A primeira foi dos anos vinte até, mais ou menos, a primeira metade da década de trinta do século XX. Nesta primeira fase, nota-se a total dependência da oralidade expressa no rádio, ou oralidade mediatizada radiofônica, com relação à escrita, pois tudo ou quase tudo de significativo que era oralizado no rádio tinha uma peça escrita para ser lida ao microfone como origem.

Já a partir da segunda metade da década de trinta, por necessidades de origem econômica, social ou mesmo política, o rádio começou a adotar diferentes formas de oralidade. Tanto havia a oralização ou leitura de textos em voz alta, quanto a produção oral cuja base conceptual de alguma forma estava ligada a uma produção escrita. Ainda, havia no rádio das décadas de trinta a sessenta um tipo de produção oral que não estava sendo a reprodução de textos escrito em voz alta, nem algo em referência direta ou indireta a nenhuma produção escrita, porém apresentava, por influências diversas, elementos em termos de vocabulário, por exemplo, típicos de uma cultura de escrita.

Daí, podemos afirmar que as produções orais no rádio dos anos vinte a sessenta, aquilo que em nosso capítulo II ficou definido como oralidade mediatizada, foi um tipo de oralidade que em seus mais diferentes momentos de realização estava em íntima relação com a escrita, principalmente em termos de concepção de escrita. Em outras palavras, a oralidade mediatizada radiofônica do período de tempo abordado em nosso trabalho era uma realização que estava sempre, em termos de performance, no plano medial fônico. Todavia nos aspectos concepcionais estava sempre em termos de uma

passagem do escrito para o oral e daí sempre carregando em seu bojo aspectos deste concepcional de escrita.

Uma vez que chegamos à conclusão de que a oralidade mediatizada radiofônica do período de nosso estudo guardava uma estreita relação com a escrita, fica-nos a necessidade de observar como em sociedade esta oralidade de concepção escrita era assimilada. Além do mais, já que a escrita, qualquer escrita, tem seus reflexos sociais, e a oralidade mediatizada radiofônica daqueles idos mantinha a já citada estreita relação com esta escrita, podemos inferir que esta oralidade pode ter apresentado alguns aspectos os quais possam ter características daquilo que conhecemos por **Letramento**.

## 7. A oralidade mediatizada radiofônica e a sociedade: O caso do letramento.

No capítulo anterior, foi possível acompanharmos a evolução histórica da linguagem do rádio e da oralidade mediatizada, esta enquanto parte constituinte daquela. Como podemos observar, em seu início, a oralidade mediatizada radiofônica era nada além de uma mera leitura de textos escritos ao microfone, ou em outros termos, uma mera leitura em voz alta. Com o advento do uso comercial e político deste rádio, fez-se necessário uma transformação em sua linguagem e, conseqüentemente, em sua oralidade.

Assim, foram sendo instituídas formas de produção para o meio eletrônico rádio as quais passaram a fazer uso cada vez mais de elementos típicos da oralidade, sem, contudo, abandonar aspectos inerentes a uma concepção de escrita. Daí, a oralidade mediatizada do rádio no período abordado em nosso estudo esteve sempre permeada de elementos da escrita, se não em termos de meio de sua realização (como não poderia deixar de ser), mas sim em termos de concepção, ou seja, de aspectos de natureza cognitiva oriundos da escrita.

Com isso, a oralidade típica da linguagem do rádio era levada a efeito ora por meio de uma leitura de textos em voz alta, ora por intermédio de uma produção que, embora não fosse uma mera leitura, tinha como origem alguma peça escrita para a sua realização. E por fim, aquelas construções da oralidade mediatizada que não eram leitura de textos escritos, nem tampouco tinham a sua origem em peças escritas, traziam, contudo, em seu bojo, elementos de uma concepção de escrita. Em resumo, a oralidade mediatizada formadora da linguagem do rádio no período compreendido entre os anos vinte até o início dos anos sessenta sempre teve a escrita como parte integrante, como formadora de tal oralidade.

Uma vez a escrita sendo, na maior parte dos casos, parte constituinte da oralidade mediatizada radiofônica. É preciso buscar uma compreensão de como em sociedade esta oralidade de impronta escrita foi assimilada e mesmo o que esta oralidade apresentou enquanto causa de sua presença neste mesmo meio social. Para podermos fazer tal abordagem, urge que façamos uma breve retomada da nossa discussão sobre um fenômeno relacionado com a presença da escrita em sociedade, o fenômeno do **letramento**.

No capítulo IV do presente trabalho, desenvolvemos uma discussão em torno do que constitui ou não uma sociedade com o domínio da escrita e qual a diferença

desta para uma outra sociedade não possuidora de uma tradição escrita, ou seja, uma sociedade de tradição oral. Foi possível, com base em concepções tais como a de Goody e Watt (op.cit.), observar ser uma sociedade de cultura ou base oral aquela cuja construção de seu aparato cultural e mesmo sua memória é levada a efeito em uma relação muito mais permeada pelas necessidades imediatas do seu tempo presente, e também pela realidade vivenciada, em outras palavras, a situação ou contexto nos quais os indivíduos da cultura oral estejam inseridos.

Assim, esta sociedade de base oral constrói uma ligação com aquilo que se convencionou chamar mito, a fim de explicar o mundo e mesmo o seu passado. Também, com relação à memória, esta desempenha um papel vital na vida desta sociedade, pois é esta memória o repositório de todo o aparato imaterial possuído pela sociedade de tradição oral, inclusive a sua história. Já a história de uma sociedade de cultura oral é contada sem muito afastamento ou muita abstração do tempo presente, ou seja, a história de um povo é contada sem a fidedignidade com o tempo passado, daí esta história estar em função de realidades do presente, criando assim contradições entre uma narrativa histórica e outra sobre o mesmo evento.

Por outro lado, em uma sociedade de base, tradição ou cultura escrita, as pessoas já não estão mais exclusivamente apegadas à realidade imediata no momento mesmo da construção de sua memória e todo o seu aparato cultural. Isto porque em uma sociedade possuidora da escrita esta (a escrita) passa a agir de forma cognitiva como uma mediadora das diversas relações ou situações sociais existentes. Daí, uma sociedade letrada, qualquer que seja seu nível de uso da escrita, passa a manter um distanciamento da realidade e do tempo presente quando necessário. A memória já não desempenha o papel crucial que desempenharia em uma sociedade de cultura oral, pois agora já há a possibilidade e mesmo realidade de um registro do passado.

Uma vez feito o registro deste passado e abolida a dependência única da memória como repositório do aparato imaterial em uma sociedade possuidora da escrita, a história desta sociedade passa a manter uma maior fidedignidade com o passado, ela (a história) já não tem a sua existência em função dos fatos ou relações sociais do presente, fazendo, desta feita, da própria história algo separado do mito e mais próximo da ciência.

Assim, quando passa a ser parte formadora de uma sociedade, quando passa a tomar parte nas relações desta sociedade e mesmo a ser elemento a governar muitos dos



fenômenos, principalmente os de natureza lingüística, em uma dada sociedade, a escrita constitui um fenômeno que hodiernamente é classificado como **letramento**.

O letramento, como discutido em nosso capítulo IV, diferencia-se da alfabetização por ser este um fenômeno que diz respeito à apropriação e à distribuição da escrita, em outras palavras, a alfabetização está relacionada apenas com o acesso ao código, com a aquisição da habilidade de codificar e decodificar os sinais gráficos do alfabeto fonético. Por sua vez, o letramento é um fenômeno social que está relacionado aos usos e papéis da escrita em um determinado meio. Isto quer dizer ser o letramento algo ligado a valores dados à escrita e situações de interação das quais esta escrita é parte integrante.

Assim, o letramento é algo multifacetado, ou seja, apresenta-se de múltiplas formas, em múltiplas situações sociais e com diferentes valores em cada uma das situações sociais nas quais este letramento se dá. O processo de aquisição do letramento concretiza-se de maneira bastante diversa do processo de aquisição da alfabetização, pois, no caso do letramento, a maior parte da sua aquisição é operada em situações informais, em outras palavras, em lugares e momentos fora do ambiente escolar. Ainda, temos hoje a clara noção de haver uma precedência do letramento em relação à alfabetização, ou seja, as pessoas adquirem graus de letramento antes mesmo de serem alfabetizadas. Isto se dá, principalmente, em sociedades onde a escrita se faz presente de maneira tão efetiva.

A precedência do letramento em relação à alfabetização é possível uma vez que o letramento é caracterizado por dois aspectos que lhe são formadores. Estes aspectos são os eventos de letramento e as práticas de letramento. Por eventos de letramento, são entendidas todas as situações de interação social nas quais a escrita esteja presente direta (com a leitura ou escritura de um texto escrito) ou indiretamente (quando de uma situação de interação na qual algum discurso, ou texto oral, tenha sua origem em algo escrito). Já as práticas de letramento são caracterizadas pelo fato das pessoas poderem distinguir a existência de uma determinada peça escrita, ou várias, e quando estas pessoas têm a capacidade de visualizar o valor social de uma determinada produção escrita. Diante disto, quando temos pessoas inseridas em situações cuja presença da escrita seja perceptível, e estas mesmas pessoas mostrem-se possuidoras de noções sobre os valores sociais de peças escritas, podemos afirmar que estas são possuidoras de algum grau de letramento. Independentemente de estes indivíduos serem ou não alfabetizados.

Também, o letramento apresenta aspectos de natureza social, psicológica, cultural e histórica. Devido a todos estes aspectos, o letramento também apresenta mudanças nas sociedades nas quais ele (o letramento) ocorre. As mudanças são principalmente com relação à forma de agir em sociedade, uma vez que ao adquirir algum grau de letramento, uma pessoa muda muitas das maneiras de estabelecer contatos sociais, principalmente em se tratando de situações formais. Em resumo, podemos afirmar ser o letramento um conjunto de fenômenos de natureza sócio-cognitiva resultante da presença da escrita em um meio humano qualquer.<sup>55</sup>

Uma vez concluído que a oralidade mediatizada do rádio no período compreendido entre os anos vinte e sessenta do século XX estava intimamente ligada à escrita, e também que o letramento é um conjunto de fenômenos de natureza sócio-cognitiva resultante da presença da escrita em um determinado meio humano, voltemos nossos olhos para como, no período histórico abordado em nosso trabalho, a oralidade mediatizada radiofônica funcionou em nossa sociedade.

No texto 23 de nosso anexo, há uma matéria extremamente elogiosa ao então astro da Rádio Clube de Pernambuco, Carlos Brasil. No decorrer do texto, existem pistas históricas as quais nos dão indícios de ter havido uma prática de conversações em torno dos eventos promovidos e transmitidos pelo rádio em nossa sociedade daqueles idos. Uma das passagens na qual tal acontecimento é mais bem descrito é a que diz: “Hoje é o ‘tal’. O rapaz mais **discutido**<sup>56</sup> nos cafés, nos cinemas, nos campos de football e principalmente nas casas onde existem mocinhas com ‘geitão’ para Carmem Miranda, ou rapazes com vozes assucaradas (**sic**) como Orlando Silva.”.

Ainda, no texto 24 em anexo, temos mais uma prova de como foi a penetração da oralidade mediatizada radiofônica e do quanto esta era parte integrante das diferentes situações de interação social daquela época. Assim, com base nas pistas históricas presentes nos textos 23 e 24, podemos concluir ter havido uma intensa rede de conversações, na sociedade recifense de então, originada daquilo que era levado ao ar pelo rádio. Esta rede de conversação era múltipla, ou seja, era levada a efeito em diferentes situações sociais por diferentes atores das mais variadas classes sociais. Ela ia dos amantes do futebol, dos jovens, até os senhores rotarianos componentes da alta sociedade daqueles idos. Cada um dos diferentes atores dava e reconhecia o real valor

---

<sup>55</sup> Contudo, diante do que discutimos no capítulo IV, temos a clara noção de que este conjunto de fenômenos de natureza sócio-cognitiva não é algo homogêneo e único, ele varia de sociedade para sociedade, de lugar para lugar e também de época para época.

<sup>56</sup> Grifo nosso.

dos textos levados a efeito pelo rádio. Desta feita, os textos sobre os artistas era foco das conversações em uma determinada situação, já os textos do Repórter Esso em outra situação bem distinta.

No texto 25 do anexo, é possível perceber o quanto a linguagem do rádio com a sua oralidade mediatizada era tida como algo que tinha influencia lingüística na sociedade, pois no referido texto um missivista escreve para o colunista Mario Melo a fim de reclamar de determinadas construções o qual (o missivista) entende como inadequada. Ainda sobre a importância social dada ao que o rádio levava ao ar, temos o texto 26, no qual o mesmo cronista Mario Melo tece críticas a um comercial levado ao ar pela Rádio Clube por considerar haver equívoco gramatical no mesmo. O que mais interessa é a passagem na qual é expresso: “Certa vez procurei corrigir pessoa sobre quem tenho autoridade e fiquei abismado com seu ar de estupefação, querendo sustentar que estava certo, porque ouvira no rádio e era assim que o rádio anunciava”. Tal relato deixa muito claro o quanto o rádio influía na forma das pessoas lidar com a língua, o que era considerado certo e válido e qual a autoridade do rádio diante desta mesma língua.

Dos quatro textos de nosso anexo discutidos até este ponto do presente capítulo, foi possível compreender que a linguagem do rádio, e a oralidade mediatizada enquanto formadora de tal linguagem, era parte integrante de uma ampla e variada rede de conversação existente na sociedade recifense daqueles anos. Também, pode-se notar o quanto o rádio era influente em termos de adequação e pertinência de uso da língua. Isto fruto da importância dada a tudo transmitido pelo rádio e ao status deste mesmo veículo em sociedade.

Agora, voltemos a nossa atenção para o último texto de nosso anexo, o texto 27. Nele, há uma interessante narrativa a qual nos dá claras pistas históricas de como em sociedade a oralidade mediatizada era recebida e quais as reações ou resultados sociais originados da referida oralidade. É no decorrer da crônica de Mario Melo, onde é descrito um momento no qual uma notícia dada pelo rádio era motivo de ações por parte de pessoas moradoras do município de Belmonte, sertão de Pernambuco.

O importante da narrativa reside na descrição da percepção das pessoas em relação à veracidade da notícia da queda do então gabinete do italiano Benito Mussolini. Por ter sido divulgado em um noticiário do rádio (O Repórter Esso), era passível de credibilidade. Tinha-se, neste caso, uma clara noção do valor de um determinado texto transmitido pelo meio radiofônico. Também, há a nítida prova de um distanciamento

das pessoas com relação à sua realidade imediata, em decorrência do que acabara de ser conhecido por uma produção cuja realização acontecera no plano medial fônico. Isto é um fenômeno (o distanciamento) fruto muito mais de uma concepção de escrita. Embora tenha sido uma narração de um acontecimento efetivado em um município do sertão do estado, podemos inferir não ter sido impossível acontecimentos como este em nossa cidade, muito pelo contrário, este fato dá-nos a clara impressão que as pessoas lidavam com eventos de letramento e, ainda, adquiriam práticas letramento ao escutarem rádio.

Pelo discutido no presente capítulo, concluímos que a oralidade mediatizada radiofônica do período compreendido entre os anos vinte até o início dos anos sessenta do século XX, devido a sua característica de ser uma realização lingüística que se dava no plano fônico, porém permeada, em sua maioria, de elementos de uma concepção de escrita, permitia às pessoas serem envolvidas nos mais diferentes eventos cuja presença da escrita se dava de forma direta ou indireta, eventos estes os quais podemos classificar como eventos de letramento. Ainda, pela forma como as pessoas lidavam e reagiam diante dos eventos de letramento formadores da oralidade mediatizada de então, fica claro que estas pessoas assimilavam usos e valores de cada um, ou ao menos parte significativa, dos eventos de letramento levados ao ar. Ou seja, as pessoas ao ouvirem rádio assimilavam práticas de letramento.

Desta feita, e com base no que discutimos até o presente ponto deste capítulo, temos plenas condições de afirmar ter sido o rádio, com sua oralidade mediatizada, um dos mais importantes e quiçá um dos maiores promotores da aquisição do letramento em nossa sociedade nos anos compreendidos entre a década de vinte até a década de sessenta do século XX. Assim, temos que na primeira metade do século vinte, rádio e sociedade vivenciaram a experiência transformadora da escrita por via de uma oralidade a qual constituiu a linguagem radiofônica daquela época, a oralidade mediatizada. Esta oralidade mediatizada que levou práticas e eventos de letramento aos seus ouvintes, em outras palavras, abriu as portas sonoras da programação do rádio e mostrou a muitos o lado social, histórico, psicológico e cultural da escrita: o letramento.

## **Considerações Finais.**

No início de nosso trabalho, levantamos duas perguntas sobre o rádio dos anos da década de vinte até o início da década de sessenta. A primeira foi: O que e como foi a evolução daquilo convencionalmente chamado oralidade mediatizada no referido período? A segunda pergunta foi: Sob o ponto de vista lingüístico, qual o efeito mais representativo deste rádio na sociedade recifense de então? Ao buscarmos explicações para as referidas perguntas, discutimos em nossa introdução a existência de uma percepção sobre a linguagem do rádio. Assim, citamos que esta dá-nos conta de ter sido o rádio, com a sua linguagem, o promotor de uma padronização lingüística.

Contudo, não nos alinhamos a tal teoria. Consideramos um pouco arriscado falarmos apenas e principalmente em padronização uma vez que, como já é do conhecimento de muitos, o meio rádio não ficou só com a variedade padrão da língua em sua programação, mas sim assimilou muitas variedades. Acreditamos em certa popularização de um padrão lingüístico a partir do rádio, todavia não defendemos a ideia de tal popularização como sendo a principal e única influência deste meio em sociedade. Daí, partimos em busca de teorias as quais pudessem auxiliar na formulação de respostas mais plausíveis aos nossos olhos.

Assim, em nosso segundo capítulo, discutimos as visões hodiernas sobre o que vem a ser oralidade mediatizada. Vimos ser esta oralidade mediatizada, antes de qualquer coisa, um fenômeno típico de meios eletrônicos de comunicação de massa. Desta feita, ficou claro haver uma gama de diferentes oralidades mediatizadas tais como a oralidade mediatizada dos discos, da televisão, do rádio, etc. – cada uma dessas oralidades apresentando peculiaridades em decorrência de aspectos inerentes ao respectivo meio. Depois, podemos constatar que a oralidade mediatizada radiofônica é percebida como uma união entre elementos de natureza segmental e supra-segmental com recursos técnicos, além da escrita. Ou seja, há um consenso entre os teóricos que estudam a oralidade mediatizada radiofônica o fato de esta ser uma junção entre o oral e o escrito.

Uma vez detectado a relação oral e escrito na oralidade mediatizada do rádio, passamos a discutir o que de fato é este fenômeno e como se dá. Assim, podemos perceber a não total separação entre oralidade e escrita, mas sim o fato de ambas estarem de tal forma em correlação a ponto de formarem dois contínuos. O primeiro vai de um plano fônico até um plano gráfico. O segundo, por sua vez, vai de um plano de

oralidade até um plano de escrita. Estes planos são nomeados, respectivamente, como medial e concepcional. Em muitos casos de diferentes produções textuais, são operadas passagens de um plano medial a outro. Estas passagens no plano medial costumam ser completas. Contudo, no tocante às passagens no plano concepcional, estas nem sempre se dão de forma completa, desencadeando ora em textos escritos de impronta oral, ora em textos orais de impronta escrita – devido ao fato de cada um apresentar elementos concepcionais de um plano oposto.

Já em nosso capítulo IV, passamos a discutir o que constitui e diferencia uma sociedade possuidora de escrita de uma sociedade possuidora de uma tradição ou cultura oral. Entre os diferentes pontos levantados, vimos que em uma sociedade de base escrita existe um fenômeno que é caracterizado pelos seus aspectos sociais, históricos, psicológicos e culturais. A este fenômeno é dado o nome de **letramento**. Também, podemos tomar conhecimento do fato de que o letramento precede a alfabetização, ou seja, as pessoas tendem a adquirir níveis de letramento antes mesmo de serem alfabetizadas. Isto se dá pelo fato de ser o letramento um fenômeno caracterizado pelos eventos de letramento (as situações sociais com presença de escrita) e as práticas de letramento (os usos e valores da escrita em cada situação social). Todos estes aspectos referentes ao letramento fazem deste um conjunto de fenômenos de natureza sócio-cognitiva resultante da presença da escrita em um determinado meio humano.

Após termos feito toda uma discussão teórica, passamos, em nosso capítulo VI, a estudar, com base em documentos históricos da época em questão, como se deu a formação e conseqüente evolução da oralidade mediatizada no rádio recifense. Como não poderia deixar de ser, nesta abordagem foi preciso também fazer referências ao rádio no Brasil, uma vez ter havido uma tendência à reprodução de modelos, em termos de programação, do que se fazia no eixo Rio – São Paulo. Assim, podemos ver que a linguagem do rádio começou nos anos vinte com músicas e leituras de textos ao microfone, em outras palavras, a oralidade mediatizada era uma realização no plano fônico de uma produção cujo plano concepcional era de escrita. Com a evolução do meio rádio enquanto tecnologia e enquanto empresa, foram sendo operadas uma série de mudanças em sua programação e conseqüentemente em sua oralidade mediatizada.

Desta feita, a oralidade mediatizada radiofônica passou a ser não mais tão somente uma mera leitura de textos, ou uma realização no plano fônico, constituída de elementos do plano concepcional de escrita. Passou, também, a ser um conjunto de realizações no plano medial fônico, em cujo plano concepcional havia elementos de

uma concepção de oralidade em junção a uma concepção de escrita. Teoricamente, um meio termo entre os dois planos concepcionais. Estas duas primeiras formas foram acrescidas de uma terceira a qual era uma realização situada tanto no plano medial fônico quanto no plano concepcional oral, mas com alguns traços referentes ao plano concepcional de escrita. Em resumo, a oralidade mediatizada radiofônica dos anos vinte até os anos sessenta foi uma junção do oral com a escrita só que em forma de passagens, as quais se davam de forma completa no plano medial, mas incompletas no plano concepcional, fazendo, assim, com que a oralidade mediatizada daquela época estivesse sempre apresentando, mais ou menos a depender do caso, uma concepção de escrita em seu bojo.

No capítulo VII, buscamos observar como se deu esta linguagem do rádio com a sua oralidade mediatizada na sociedade recifense daqueles idos. Podemos observar, com base em documentos históricos, que a oralidade mediatizada fez parte de uma ampla e variada cadeia de conversações entre muitos dos indivíduos daquela época. Ainda, notamos ter sido, a oralidade mediatizada radiofônica, algo que era percebido enquanto um fenômeno com reflexos linguísticos na sociedade, como também, algo possuidor de uma autoridade em termos de adequação linguística junto aos ouvintes. Contudo, em termos de transformação na língua da sociedade recifense daquela época, o que concluímos em nosso estudo foi o fato de ter sido, a oralidade mediatizada e conseqüentemente o meio rádio, um dos principais promotores do letramento em nosso meio social com todos os reflexos decorrentes deste letramento.

Em resumo, podemos afirmar termos encontrado respostas satisfatórias para as duas perguntas levantadas em nossa introdução. Para a primeira, a que versava sobre o que de fato foi e como se deu a evolução da oralidade mediatizada no período dos anos 20 até os anos 60 do século passado, podemos afirmar ter sido operada a evolução de tal oralidade em termos de realizações caracterizadas como passagens. Completas no plano medial, e incompletas no plano concepcional. Estas passagens começaram como apenas a leitura de textos escritos ao microfone, passando para outros dois tipos de passagens incompletas as quais foram realizações orais com origem em textos escritos e realizações orais apenas com elementos de uma concepção de escrita.

No caso do segundo questionamento, de qual o efeito mais representativo deste rádio na sociedade recifense de então, a resposta está no fato de ter sido a oralidade mediatizada radiofônica, e conseqüentemente o veículo rádio, um dos grandes promotores do fenômeno do letramento em nosso meio social naquele período. Isto em

decorrência da natureza da oralidade mediatizada radiofônica a qual guardava (e ainda guarda) em seu plano concepcional, uma estreita relação com a escrita e muito dos aspectos de caráter cognitivo oriundos desta.

Por fim, queremos pontuar que temos a consciência da possibilidade do surgimento de um questionamento sobre o porquê de nossa delimitação no espaço de tempo compreendido entre os anos vinte e anos sessenta do século XX. Como já pontuamos em nosso capítulo introdutório, os motivos são: Primeiro, por entendermos haver a necessidade de uma contribuição da linguística para com o entendimento do rádio e sua linguagem na referida época; e segundo, pelo fato de, a partir da década de sessenta, termos a presença da televisão, o que demandou um novo papel para o rádio e demanda uma outra abordagem para os estudos deste rádio, agora em um novo contexto.

Em resumo, estudar a oralidade mediatizada radiofônica, a partir dos anos sessenta em diante, observando a sua evolução e as suas influências na sociedade, só é possível levando em consideração a televisão e a respectiva oralidade mediatizada desta. Seria, assim, preciso abordar mais algumas teorias, muito mais fatos e documentos históricos, estudar não só o sonoro como também o visual e a semiótica da escrita. Algo que não se faz possível no espaço físico e temporal de uma dissertação de mestrado. Em outras palavras, o rádio da década de sessenta em diante, sob o ponto de vista linguístico, demanda uma abordagem em conjunto com a televisão. Demanda muitas outras narrativas. E estas são estórias para uma outra História...



**Bibliografia.**

- ANDRADE, Mário de. A língua radiofônica. In MEDTSCH, Eduardo (org.). Teorias do rádio- Textos e contextos. Florianópolis. Insular, 2005.
- BARTON, David. Literacy – an introduction to the ecology of written language. Malden, The USA: Blackwell Publishing, 2007.
- BRASIL. IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e estatística. Anuário estatístico de Pernambuco (1939-1940). Recife: Departamento estadual de estatística. 1942.
- BRECHT, Bertolt. Teoria do rádio (1927 – 1932). Trad. Regina Carvalho e Valci Zuculoto. In MEDTSCH, Eduardo (org.). Teorias do rádio - Textos e contextos. Florianópolis. Insular, 2005.
- BURKE, Peter; PORTER, Roy. The social history of language – Cambridge studies in oral and literate culture. The Press Syndicate of the University of Cambridge. New York. 1987.
- CAVALCANTI, Paulo. O caso eu conto como o caso foi – da coluna prestes à queda de Arraes: memórias. São Paulo: Alfa-Omega, 1978.
- CHARTIER, Roger. Inscrever e apagar: Cultura escrita e literatura, séculos XI – XVIII. Trad. Luzmara Curcino Ferreira. São Paulo: Editora UNESP, 2007.
- DEL BIANCO, Nelia R. O tambor tribal de McLuhan. In. MEDITSCH, Eduardo (org.). Teorias do rádio- Textos e contextos. Florianópolis: Insular, 2005. V1.
- FILHO, Mário. PRAP. A voz do norte. Recife: CEPE – Companhia Editora de Pernambuco, 1983.
- \_\_\_\_\_. Recordar é viver. Recife: CEPE – Companhia Editora de Pernambuco, 1990.
- GOODY, Jack. As conseqüências do letramento/ Jack Goody, Ian Watt. Trad. Waldemar Ferreira Neto. São Paulo: Paulistana, 2006.
- HAUSSEN, Doris Fagundes. Rádio e política: tempos de Vargas e Perón. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, 2ª edição.
- HAVELOCK, Erick A. A musa aprende a escrever- reflexões sobre a oralidade e a literacia da antiguidade ao presente. Trad. Maria Leonor santa Bárbara. Lisboa: Gradiva, 1988.
- JAMBEIRO, Othon (et al.). Tempo de Vargas: o rádio e o controle da informação. Salvador: EDUFBA, 2004.
- LOPES, Iveuta de Abreu. Cenas de letramentos sociais. Recife: Programa de Pós-graduação em Letras da UFPE, 2006.

- MARANHÃO FILHO, Luiz. Memória do rádio. Recife: Editora Jangada, 1991.
- MARCHUSCHI, Luiz Antonio. Da fala para a escrita: atividades de retextualização. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- MCLUHAN, Marshall. Os meios de comunicação como extensões do homem. Trad. Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1995.
- MAIOR, A. Souto. História do Brasil. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1988.
- MENDONÇA, Sônia Regina de. Sociedade e política: construção e crise do populismo no Brasil. In LINHARES, Maria Yedda. História geral do Brasil. 6. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1996.
- MENEZES, José Eugenio de Oliveira. Rádio e cidade: vínculos sonoros. São Paulo: Annablume, 2007.
- MOURA, Gerson. Tio Sam chega ao Brasil – a penetração cultural americana. Coleção Tudo é História. 7 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.
- OESTERREICHER, Wulf. El español en textos escritos por semicultos. Competencia escrita de impronta oral. In Ludtke, Jens (ed.). El español de América en el siglo XVI, actas del simpósio del Instituto Ibero-Americano de Berlín, 23 e 24 de Abril de 1992, Frankfurt am Madrid, Vervuert/Iberoamericana, 1994.
- \_\_\_\_\_. Lo hablado en lo escrito. Reflexiones metodológicas y aproximación a una tipología. In Kotschi, Thomas et ali. El español hablado y la cultura oral en España e Hispanoamérica. Frankfurt am Main: Vervuert; Madrid: Iberoamericana, 1996.
- ORTRIWANO, Gisela Swetlana. A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. São Paulo: Summos, 1985.
- PARAÍSO, Rostand. O Recife e a II guerra mundial. Recife: Edições Bagaço, 2003.
- PERDIGÃO, Paulo. No ar: PRK-30! O mais famoso programa de humor da era do rádio. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.
- PEREIRA, Nilo. F. Pessoa de Queiroz e seu jornal. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1989.
- PEREIRA, Simone Luci. Sons, vozes e corpos na comunicação – Contribuição de Paul Zumthor ao estudo das mídias sonoras. Disponível em [www.intercom.com.br](http://www.intercom.com.br) . 2008. Acesso em 06.08.08.
- PESSOA, Marlos de Barros. (1997). Semi-oralidade e formação de uma variedade urbana no século XIX. O caso do Recife, Brasil. Tese de Doutorado inédita. Tübingen.

- \_\_\_\_\_. Urbanização e intervenção lingüística no Brasil (1950-1960). Trabalho apresentado na conferência: Urbanisierung und sprachregelung in Brasilien. Munique, 2003.
- PHAELANTE, Renato. Fragmentos da história do Rádio Clube de Pernambuco. Recife: Cepe. 1995.
- PORCHAT, Maria Elisa. Manual de radio jornalismo Jovem Pan. 2. ed. São Paulo, 1989.
- REZENDE, Antonio Paulo, org. Recife: Que história é essa? Recife: Fundação de cultura cidade do Recife, 1987.
- RODRIGUES, Marly. O Brasil na década de 1920 – os anos que mudaram tudo. Série Princípios. São Paulo: Editora Ática, 1997.
- SAROLDI, Luiz Carlos & MOREIRA, Sonia Virginia. Rádio Nacional: O Brasil em sintonia. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1984.
- SILVA, Julia Lúcia Oliveira Albano da. Hibridismo e Criatividade no rádio brasileiro - o anúncio falado nas ondas hertzianas. Disponível em [www.intercom.com.br](http://www.intercom.com.br). 2008. Acesso em 06.08.08.
- \_\_\_\_\_. Performance radiofônica: A plasticidade da palavra oralizada e mediatizada. Disponível em [www.intercom.com.br](http://www.intercom.com.br). 2008. Acesso em 06.08.08.
- \_\_\_\_\_. Rádio oralidade mediatizada: o spot e os elementos da linguagem radiofônica. São Paulo: Annablume, 1999.
- SOARES, José Arlindo. A frente do Recife e o governo do Arraes: nacionalismo em crise 1955-1964. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- SOUZA BARROS. A década 20 em Pernambuco (uma interpretação). 2 ed. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1985.
- TEIXEIRA, Francisco M. P. História concisa do Brasil. São Paulo: Global Editora. 2000.
- THOMAS, Rosalind. Letramento e oralidade na Grécia antiga. Trad. Raul Fiker. São Paulo: Odysseus Editora, 2005.
- VAGLE, Wenghe. Radio language- spoken or written?. International Journal of Applied Linguistics, vol. 1, n.1, 1991.
- XAVIER, Antonio Carlos dos Santos. A linguagem do rádio. 1. ed. Catanduva, SP: Editora Respel, 2005.

ZUMTHOR, Paul. A letra e a voz: A "Literatura Medieval". São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

\_\_\_\_\_. Permanência da voz. Trad. Maria Inês Rolim, In: A palavra e a escrita. Revista O Correio, N. 10, Unesco. 1985.

**Lista de referência dos áudios no CD.**

1. Paulo Gracindo apresenta as irmãs Linda e Dirce Batista. Manuel Barcelos, Marlene, Murilo Néri e o humorista Chocolate apresentam Dalva de Oliveira. Oswaldo Luiz, Mary Gonçalves. César de Alencar, Emilinha Borba. Hamilton Frazão e Lúcia Helena Apresentam Ângela Maria e Oswaldo Rubin apresenta Dóris Moteiro. Acervo pessoal.
2. Aula de ginástica com o professor Oswaldo Diniz. Acervo pessoal.
3. Comercial da cerveja Brahma Chopp. Acervo pessoal.
4. Abertura do programa Romance Musical. Disponível em [www.outrasbossas.com.br](http://www.outrasbossas.com.br) 2007. Acesso em 12. 07.07.
5. Segunda parte do programa Romance Musical. Disponível em [www.outrasbossas.com.br](http://www.outrasbossas.com.br) 2007. Acesso em 12.07.07.
6. Terceira parte do programa Romance Musical. Disponível em [www.outrasbossas.com.br](http://www.outrasbossas.com.br) 2007. Acesso em 12.07.07.
7. Encerramento do programa Romance Musical. Disponível em [www.outrasbossas.com.br](http://www.outrasbossas.com.br) 2007. Acesso em 12.07.07.
8. “Flashes” Movimento constitucionalista 1932 apresentado pela Rádio Record. Acervo pessoal.
9. Repórter da CBS noticia a chegada da FEB ao porto de Nápoles na Itália. 16 de Julho de 1943. Acervo pessoal.
10. Armando Pamplona transmite pelas ondas da PR-E Rádio Educadora Paulista, seleção paulista e Bolonha da Itália 1934. Acervo pessoal.
11. Antônio Cordeiro narra Brasil e Uruguai (26 de Julho de 1950). Acervo pessoal.
12. Edson Leite transmite a partida final entre Brasil e Suécia (1958). Acervo pessoal.
13. Crônica lida ao microfone da Rádio Nacional no ano de 1953 por Paulo Gracindo. Disponível em [www.outrasbossas.com.br](http://www.outrasbossas.com.br) 2007. Acesso e, 12.07.07.
14. comercial do sabonete Life Boy inicialmente irradiado em 1936. Acervo pessoal.
15. Jingle dos sabonetes Life Boy. Irradiado a partir dos anos 40. Acervo pessoal.
16. Prefixos de: EM BUSCA DA FELICIDADE de Leandro Blanco; PRESÍDIO DE MULHERES de Rodrigues Santos, adaptada por Mário Lago; FATALIDADE de Oduvaldo Vianna; UMA ESCADA PARA O CÉU de Janate Clair e SERRA BRAVA de Don Areal Alonso, traduzida por Eurico Silva.
17. Peça publicitária das Pílulas de Vida do Dr. Ross. Acervo pessoal.
18. Reprodução de notícia irradiada pelo Repórter Esso. Acervo pessoal.
19. Peça publicitária dos sabonetes Gessy, irradiada nos anos quarenta. Acervo pessoal.
20. Quarta parte do programa Romance Musical. Disponível em [www.outrasbossas.com.br](http://www.outrasbossas.com.br) 2007. Acesso em 12.07.07.

# ANEXO

## TEXTO 1



(Jornal Pequeno 04/1937)

## Ontem, Hoje e Amanhã

### Continuação da 1.ª pagina

Num de meus artigos de propaganda (*Diário de Pernambuco* de 1.º de março de 1925) escrevi :

«Suponhamos que Pernambuco já tivesse adquirido o grau de prosperidade a que um dia ha-de atingir : milhares de aparelhos na capital, centenas nas cidades do interior, dezenas em as vilas e povoações, um, pelo menos, em cada usina, em cada fabrica, em cada fazenda. Na capital uma possante estação irradiadora. Vejam as vantagens que no momento nos ocorrem :

Com a dilusão que a radiotelegrafia está tendo no mundo inteiro, chegará Pernambuco, um dia, a esse ideal. As hipóteses aqui formuladas tornar-se-ão realidade.»

Fui na segunda-feira à Mangaheira-de-Cima ver as instalações da possante estação transmissora que o Rádio Clube ali está montando e que será a de maior potência do Brasil por algum tempo, e por muito, talvez para sempre, a de maior potência do norte.

Deante daquela torre de oitenta metros que se ergue em desafio ao céu, conquanto não haja contribuído de forma alguma para a aquisição do novo possante transmissor, pois, nem sócio mais o sou do Rádio Clube, senti um pouco de vaidade, um pouco de orgulho. Vaidade porque, doze anos depois do artigo cujos trechos transcrevi acima, vi realizado tudo que no momento me passara pela imaginação; orgulho porque enquanto Pernambuco tiver uma estação de rádio mais poderosa do que as de seus irmãos situadas do São Francisco ao Amazonas, não haverá receio de perder a hegemonia ao norte. Falará mais alto que qualquer outro, e será ouvido mais longe.

## TEXTO 2.

## A «radiomania» em crise ?

Intensifica-se a crise entre os radiocultores desta capital, motivada pela lei municipal n. 482.

D'ahi o abaixo assinado que, entre entre os mais influentes "radiomaniacos", e que será apresentado á direccria do "Radio Club de Pernambuco", pleteando a revogação da referida lei.

Allegam os signatarios que a Prefeitura pode e deve zelar pela boa esthetica da cidade, não consentindo, em ruas centraes e movimentadas, que se levantem antenas a torto e a direito.

Mas, a lei vae muito além e prohi-be "o levantamento de antenas para radio-telephonia sem que preceda licença da Prefeitura", o que parece ser o controle do serviço radio-telephónico em Recife, o que é privativo do governo federal.

Allegam mais que, nos suburbios, nos sitios, nas chacaras, o estudioso que precisar, de momento, fazer uma experiencia, servindo-se de palmeiras ou de outra arvore apropriada, está privado de faze-lo, exigindo a lei, sob pena de multa, que elle se dê ao exhaustivo trabalho de ir á Prefeitura em busca da licença. Si a pessoa, devido aos affazeres diarios, somente dispõe do domingo para essas experiencias, está inhibido de faze-lo porque a Prefeitura está fechada.

Assim, em lugar de beneficiar, a lei 842 vem prejudicar o desenvolvimto, entre nós, da radio-telephonia, desanimando uns e afastando definitivamente outros.

(Jornal Pequeno 10.07.1925)

## TEXTO 3

## RADIO

Montam-se receptores e transmissores de radio-telephonio e concertam-se quaesquer peças para os mesmos aparelhos. Fabricam-se espeziaes receptores para onda curta com adaptação para ouvir-se as estações de broad casting e telegraphia de Pernambuco e Rio de Janeiro.

Tito Xavier.

Travessa Marquez do Recife (antigo Becco do Ouvidor) n. 77—Recife.

(Jornal Pequeno 06. 08.1925)

## TEXTO 4

## RADIO - TELEPHONIA

V. Exc.<sup>a</sup> quer ouvir diariamente Concertos, discursos e musica alegre ?

Compre um aparelho completo na **Casa Radio** á rua da Imperatriz n. 168.

Com 100\$000 apenas se pôde obter um aparelho com os respectivos phones.

A **Casa Radio** dispõe de uma bem montada officina a disposição de seus amigos, e carrega gratuitamente as suas baterias.

A **Casa Radio** vende aparelhos para ouvir Recife, Rio e America por 400\$000, a dinheiro e a prestações, typo "Octavio Cirne", os melhores e mais garantidos, para serem ouvidos em alto-fallante.

Os aparelhos da **Casa Radio** só sabem depois de provados e a contento do comprador.

A **Casa Radio** acceta encomendas para a compra de materiaes para o estrangeiro entregando-os pela factura e sem commissão alguma, para facilitar a propaganda da radio-telephonia entre nós.

**CASA RADIO** — Rua da Imperatriz n. 168

(Jornal do Recife 26.07.1925)



## TEXTO 5.

Intelectual pernambuco Paulino de Andrade.

---

## Radio Club de Pernambuco

O progresso tem ditado leis fortes, na radiographia aqui do estado.

Assim é que, inaugurado a principio um aparelho rudimentar, pouco a pouco têm-n'o aperfeiçoado até o que está actualmente.

Agora mesmo, com um novo aparelho, gentilmente cedido pela firma Costa & Cia. Ltd., vão irradiar hoje com onda de 340 metros, varios numeros de canto.

Far-se-á ouvir a deliciosa voz de mlle. Yvonne Hotton, acompanhada ao piano por mme. Marcelle Costa.

Em seguida o seguinte repertorio por mme. Marcelle Costa: Le Coucou — C. Daquin; L'aragonaise — T. Thomé; Gazonnement de Printemps — C. Sinding Prélude; S. Rachmaninoff ap. S. n. 2; Impromptu (allegretto) — Schubert ap. 90.

E ainda o esforço e adiantamento vão bem mais longe.

E o club de radio-telephonia, pretende inaugurar por todo o andante mez, um outro novo aparelho, que já se acha na alfandega.

---

(Jornal do Recife 06.07.1924)

## TEXTO 6.

Rua Nova 260.

## Radio Club de Pernambuco

Programma do chá-Concerto offeredo pelo director de semana sr. Luiz A. Martins aos Bi-Campeões do ramo de Pernambuco.

I — Joyeux Rapim. Marche Chapuis pela orchestra do Radio Club. — II Medito valsa de Robson Thomaz executada ao violão pelo sr. José Figueiredo Carneiro. — III Aurora tango madrugador de Louis Millier pela orchestra do Radio. — IV Sobre o mar de Schubert, canto por F. Schaffer acompanhado ao piano por mlle. Tovellile K. Hotton. — V Os teus olhos de W. Oliveira, conto por Jorge Cantinho ao violão por J. Figueiredo Carneiro e Rodrigo Carneiro. — VI Madame de Thebes, C. Lombardo. Op. N. 3. Canto por mlle. Chicute Lacerda acompanhada ao piano por mlle. Tovellile K. Hotton. — VII That Old Gang Of Mine fox-trot pela orchestra do Radio Club. — VIII As mulheres brasileiras canto por Mario Bezerra, ao violão pelo sr. José Carneiro. — IX Templo Ideal, modinha de Catulo da Paixão, cantada pelo tenorino pernambucano Severino Carneiro, ao violão por Rodrigo Carneiro. — X Vuoi Saper, de F. Guaranta. Canto por mlle. Tovellile K. Hotton. — XI Na vertigem do Fox, de N. Ferreira cantado por mlle. Chicute Lacerda acompanhado por mlle. Tovellile K. Hotton. — XII O Despertar de uma Illusão, tango pela orchestra do Radio Club. — XIII Campo Santo, de Catulo da Paixão, cantado pelo sr. Severino Carneiro e acompanhado ao violão pelos srs. José e Rodrigo Carneiro. — XIV Solo de violões pelos srs. Severino, José e Rodrigo Carneiro. — XV Mulatinho choro, estylo carioca pela orchestra do Radio Club. — XVI Ave Maria Schubert, canto pelo sr. F. Schaffer ao piano por mlle. Tovellile K. Hotton. — XVII O que tu és, Modinha de Catulo da Paixão, cantada por Eduardo Menezes, acompanhada ao violão por José e Rodrigo Carneiro. — XIX Mais Bella, valsa pela orchestra do Radio Club. — XX São Ludovico de Lowe. Canto por F. Schaffer acompanhado ao piano por mlle. Tovellile K. Hotton. — XXI Surpresa para os amadores do Radio. — XXII Hymno de Pernambuco pela orchestra do Radio e cantado pelo Cêro.

O director da semana convida todos os socios para tomarem parte no chá-concerto offeredo aos Bi-Campeões do ramo do estado de Pernambuco que terá logar hoje ás 20 horas.

**NÃO QUERO CRER**

(Jornal do Recife 14. 05. 1925)

## TEXTO 7.

**RADIO-CLUB DE  
PERNAMBUCO**



*O intelligente joven Oscar Dubeux Pinto, hontem empossado no logar de chefe-operador da estação do «Radio-Club» do Recife.*  
O «Radio-Club» de Pernambuco em-

possou, hontem, no logar de chefe-operador de sua estação official, á rua do Lima, o talentoso joven Oscar Dubeux Pinto, nome dos mais acatados da radio-telegraphia amadora do Recife.

O intelligente moço conta apenas 15 annos.

Representa o «cliché» acima o joven Oscar Dubeux ao lado de um apparelho por elle construido, com o qual obteve, na recente Exposição Geral do Estado, medalha de prata e diploma de merito.

Realisou, ultimamente, no salão do *Diario de Pernambuco*, uma conferencia sobre radio-telephonia, a qual mereceu as mais elogiosas palavras dos entendidos e foi transcripta no Rio pela revista official de Radio-telegraphia.

Ainda ha pouco, o «Radio Club» do Recife vem de o convidar para, na Capital Federal, realisar uma serie de conferencias sobre telephonia irradiada.

Oscar Dubeux tem construido innumerous apparelhos, quér receptores, quér transmissores, constituindo um typo especial de sua invenção, com aperfeiçoamentos que os seus estudos e a sua observação têm proporcionado.

Feliz, pois, a escolha do «Radio-Club», collocando á frente dos seus apparelhos, como chefe-operador, o joven Oscar Dubeux Pinto.

(Jornal Pequeno 02.05.1925)

## TEXTO 8.

**MANOELSINHO**  
**ARAÚJO e o pro-**  
**gramma dos productos**  
**PEIXE**  
 na P. R. A. 8

O rei das emboladas e exímio conta-  
 dor de anedotas, empolgará a cidade,  
 mais uma vez, ás 9 e 30 da noite de  
 hoje, espalhando aos quattros ventos  
 a fama dos productos

**PEIXE**

(Jornal Pequeno 08.10.1938)

## TEXTO 9.

**RADIO CLUB DE**  
**PERNAMBUCO**

99

**O acto de hontem do**  
**governo do Esta-**  
**do auxiliando e am-**  
**parando a nossa**  
**grande estação**  
**diffusora**



**Oscar Moreira Pinto, o dy-**  
**namico director do "Radio**  
**Club do Pernambuco"**

Em decreto hontem baixado, o exmo.  
 prof. Agamemnon Magalhães, interven-  
 tor federal, considerando os relevantes  
 serviços prestados á ordem, á cultura e  
 á economia nordestina pelo Radio Club  
 de Pernambuco e deante de outros  
 motivos relevantes expostos no referido  
 decreto, concedeu a essa sociedade, que  
 é incontestavelmente uma instituição de  
 censível utilidade publica, uma subven-  
 ção annual de cem contos de reis, pa-

gavel em prestações mensaes.

Ainda pelo acto assignado hontem, o  
 Estado gerantirá, como fiador e principal  
 pagador, a operação de credito, no  
 valor maximo de 1.200 contos de reis,  
 que com o Banco do Brasil vai realizar o  
 Radio Club de Pernambuco afim de  
 liquidar os compromissos assumidos com  
 a Caixa Economica Federal e o Radio  
 Cluifon Brasileiro, e financiar o me-  
 thoramentos dos seus actuaes ser-  
 viços.

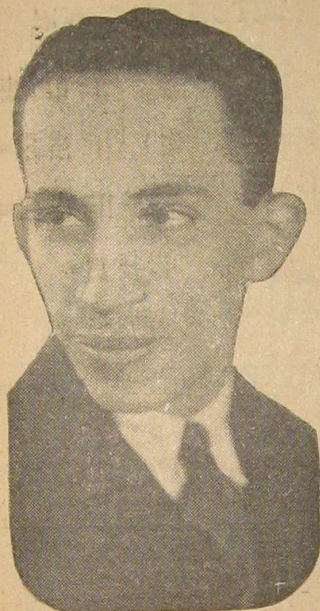
Como retribuição parcial ao auxilio  
 conferido, o Radio Club obriga-se, entre  
 outras cousas, a promover a propoganda  
 do Estado Novo por todos os meios á  
 sua disposição ;

- incluir nas suas Irradiações todas  
 as notas que interessam á administra-  
 ção publica e consultar ao desenvolvi-  
 mento das actividades do Estado ;
- manter, em collaboração com a  
 Directoria Technica de Educação, um  
 serviço de radio-educação ;
- irradiar, pelo menos uma vez por  
 semana, concertos executados pela Ban-  
 da Musical da Brigada Militar do Es-  
 tado.

(Jornal Pequeno 27.07.1938)

## TEXTO 10.

# Nelson Ferreira embarcará na próxima semana para o Rio



**Maestro Nelson Ferreira**

## O festejado compositor pernambucano fala ao JORNAL PEQUENO sobre a sua viagem

Estudarei o que de mais novo existo por lá em materia de radio.

Comigo levo musicas pernambucanas para uma divulgação. Estilisações feitas por mim sobre canções praieiras de Sebastião Lopes e Roberto de Andrade. Deste levo tambem um quadro radiofonico já irradiado pela nossa emissora — «Jangadas» — E por falar em quadros radiofonicos: — «Negro» — acompanha «Jangadas» — Pretendo apresenta-los ás emissoras cariocas.

Aproveitando a minha ida resolverei logo o meu programma carnavalesco para o proximo anno. Deixarei nas empresas de gravações o meu suplemento musical. Como sempre acontece, quero contribuir para o carnaval do Recife com os meus frevos. Os pernambucanos sempre receberam minhas musicas com carinho. Portanto é justo que não falte ao carnaval da cidade musicas de minha autoria. —

— E' certo que você pretende abandonar o Recife para sempre?

Nelson, franze de leve o cenho:

«— Venenos, meu caro. Em não penso em um afastamento de Pernambuco, senão forçado por circunstancias superiores como vae acontecer no dia 4. Afastamento preciso, mas, com prazo determinado de volta.

Sinto-me bem aqui. Dentro e fóra da emissora. Aqui fiz minha carreira e aqui pretendo termina-la. Você deve compreender esta questão de affectividade. A gente se prende a tudo. Depois para quebrar as raizes dá muito trabalho.

Você pode dizer aos seus leitores que em absoluto estou pretendendo voar para outras regiões. Em todo caso tambem não posso fazer uma affirmativa inabalavel. O mundo dá muitas voltas. Talvez amanhã eu seja obrigado a «sair do Recife. Isto quando ao artista faltar o estímulo do seu publico. Ou quando ao publico faltar a inspiração do artista. —»

E com estas palavras modestes, Nelson Ferreira, despediu-se de nós. A sua permanencia no sul será de quinze dias aproximadamente.

Nelson Ferreira, o creador de incontestaveis successos musicaes na vida sonora da cidade, vae ao Rio.

Sob a sua orientação artistica, a emissora local muito tem produzido.

Batalhador incansavel pelo desenvolvimento das nossas artes, Nelson Ferreira tem o seu nome ligado de maneira honrosa á historia do radio no Recife. Poucos compositores desfrutam a popularidade que elle possui.

Suas musicas são cantadas desde os salões até os recantos mais humildes.

No carnaval seus frevos fazem parte da alegria das ruas. Dir-se-ia que se elle não contribuisse para o «passo» com suas melodias esplendidas e movimentadas, o carnaval perderia cem por cento.

Nelson Ferreira vae ao Rio.

Com elle uma porção de musicas pernambucanas. Uma serie de motivos novos.

Motivos escolhidos por gente entendida. Seleccionados por elle.

Procuramos ouvi-lo para os nossos leitores:

«— A minha viagem á cidade maravilhosa, prende-se mais ao interesse de PRA 8 em bem servir o seu publico.

## TEXT0 11.

America do Sul.

## Radio Clube de Pernambuco S. A.

Recebemos do sr. Sebastião Stanislawski redator da P. R. A. 8 a seguinte carta:

Recife, 29 de Março de 1941. —

Illmos. Srs. Diretores do JORNAL PEQUENO — Caros Senhores: — Li no JORNAL PEQUENO de ante-onde, a cronica do Sr. Mario Melo sobre uns textos radiofonicos da PRA 8. Esse illustre cronista censura a nossa estação por irradiar numa propaganda da firma do Sr. Alberto Lundgren, a expressão LOJAS «PAULISTA», dizendo que cultuamos o cassange. LOJAS «PAULISTA», senhores diretores, é vernaculo legitimo, porquanto PAULISTA, no caso ocorrente não é adjetivo, mas o nome de um municipio de nosso Estado, aproveitado pela firma supra, para marca de seus produtos. Nesse caso, o adjetivo locativo que é a palavra PAULISTA, passa a ser um substantivo. Devemos dizer LOJAS PAULISTA, da mesma forma que dizemos CAMAS IDEAL, CAMAS PATENTE, MAQUINAS ROIAL, MAQUINAS SINGER, ESCOLAS MODELO, — o segundo elemento não concordando em flexão numerica com o primeiro substantivo. LOJAS PAULISTA nada tem a ver com as lojas de São Paulo, como insinuou o Sr. Mario Melo. LOJAS PAULISTA significa lojas da marca PAULISTA, da empresa PAULISTA, isto é, da empresa que tem esse nome.

Quanto ao segundo texto criticado pelo Sr. Mario Melo, texto em gravação que tem a frase: «... para todas as IDADE», realmente está errado. Mas o Radio Clube de Pernambuco não tem culpa no cartorio, porque esse texto nos foi enviado por uma empresa do Rio, devidamente censurado pelo Departamento de Imprensa e Propaganda, cujo responsavel, na Divisão de Radio, é o Dr. Julio Barata, lente de portuguez e latim, do Colegio Pedro II. Si a frase merece as vistas da policia, pelo desserviço que presta á instrução, como disse o Sr. Mario Melo, seria interessante que o illustre escritor e jornalista levasse o fato ao conhecimento da Secretaria da Presidencia da Republica que controla o DIP.

«Ao meu ver, o Sr. Mario Melo tambem está prejudicando a instrução, ao ensinar portuguez erradamente pelas colunas desse conceituado orgão da imprensa pernambucana e intitulado um seu livro da seguinte maneira: COMO VI PORTUGAL. O cacofato é claro e julgo que a patria de Camões e do Dr. Oliveira Salazar, não se COMOVE tão facilmente com palhaçadas eruditas.

Na qualidade de um dos redatores da PRA 8; tendo o texto das LOJAS PAULISTA sido autorisado por mim, á irradiação, tomei a liberdade de escrever-lhes a presente carta, a bem dos alumnos e demais seguidores do autor de COMO VI Portugal. Sei que o Sr. Mario Melo é um homem notavel mas não o creio capaz de comover uma grande nação. — Atenciosamente, (a) — Sebastião Stanislawski.»

---

### O AÇUCAR

**Até sabado, entraram no porto 969.758 sacos, sendo 936.766 do tipo cristal e 32.992 do tipo banguê**

Até sabado ultimo, deram acesso pelo nosso ancoradouro, da safra que se acha a findar, 969.758 sacos de açúcar, trazidas por barcaças procedentes do norte e sul do Estado.

Daquela cifra, 936.766 sacos foram do tipo cristal e 32.992 do tipo banguê.

Ha muito pouco cristal nas usinas, difficilmente atingindo a 1.000.000 de sacos entrados pela via maritima.

---

### O ANGOLA sahirá hoje á tarde

Após seis dias em nosso porto, suspenderá ferros hoje ás 3 horas da tarde, com destino ao Velho Mundo, o transatlantico portuguez Angola, que se acha atracado no caes do armazem n. 1 das Docas.

O navio recebeu aqui 4 mil fardos de algodão, 700 toneladas de milho e algum açúcar para Vigo e Lisboa.

Embarcarão aqui 8 pessoas para Portugal.

(Jornal Pequeno 31.03.1941)

## TEXTO 12.

tir  
 u  
 e  
 de  
 ar  
 a-  
 a-  
 ci-  
 de  
 z.  
 lo  
 u-  
 o,  
 n-  
 on  
 u-  
 o,  
 lo  
 es  
 o.  
 le  
 r,  
 is  
 y  
 ó  
 -  
 o  
 a  
 8  
 o  
 o  
 l  
 a  
 t

## Microfones e bastidores

Vamos ter, graças a Deus, uma nova emissora. Não que a de Cruz Cabugá seja tão ruim, como se diz por aí afóra. E' que outra onda pernambucana, vai provocar mais apuro e melhor gosto dos nossos compositores, dos nossos intérpretes, dos nossos locutores, músicos e de todos aqueles que empregam suas atividades na acanhada radiodifusão pernambucana.

Possivelmente vão surgir valores aproveitáveis e da disputa pela preferência dos ouvintes, as duas estações farão valer a caprichosidade dos seus programas, criando uma nova era de trabalho radiofônico, que, por certo, receberá os aplausos de todos aqueles que sinceramente desejam o progresso sempre crescente da nossa bonita cidade.

A notícia de uma nova faixa de onda para o nosso Estado, está fazendo o pessoal do nosso "broadcasting" passar um Natal mais sorridente, mais agradável. Dizem que a inauguração da estação do dr. Pessoa de Queiroz será a nota elegante do rádio brasileiro na temporada de 1946. Virão grandes astros, estrelas famosas e muita gente de casa vai ser também aproveitada sob a supervisão de Teófilo de Barros Filho, o indicado para a direção artística. O dr. Marroquim está esmiuçando, catando, sondando, trabalhando e mais um bocado de *ando*, para que a nova PR seja mesmo abafante. A começar pela escolha de Teófilo de Barros Filho já divisamos que o trabalho de seleção será o mais correto possível. Esperemos pelo almejado dia e por enquanto vamos combungar da felicidade prematura dos nossos modestos colaboradores do rádio local que passarão a data festiva de hoje na esperança de poderem ser melhor aproveitados e mais bem pagos, quando as duas antenas precisarem do concurso apreciável dos que têm realmente valor. Ergamos nosso copo de cerveja, que nos traz mais espontaneidade ao espírito, em louvor dessa esperança e que ela seja realizada, breve, muito breve mesmo.

(Jornal Pequeno 24.12.1945)

## TEXTO 13

# Escola de Puericultura, sua finalidade

A palestra realizada na P.R.A. 8 pelo dr. Luiz Landen, vice-director da Escola de Puericultura do Recife e professor de dietetica do mesmo estabelecimento



Dr. Luiz Landen fallava na

Iniciou a sua palestra dirigindo a palavra á mãe pernambucana, professoras publicas e aos poderes publicos na pessoa do sr. interventor dr. Agamenon Magalhães. Falou do empreendimento deste grupo de batalhadores: o actual director da Escola, o dr. Meira Lins e do corpo docente profs: João Rodrigues, Selva Junior e Edger Altino. Agradeceu o prof. Octavio de Freitas pela sua solidariedade a uma causa tão nobre, quanto é a protecção da criança pernambucana; como tambem, disse que não poderia a Escola de Puericultura do Recife, esquecer a Sociedade Academica de Medicina, como ao seu presidente doutorando Aranha Moura, pela sua solidariedade á nossa causa, designando há dias o doutorando Ivo Rabelo para falar pela P R A 8 sobre o tema: a Puericultura e sua importancia na mortalidade infantil. Comparou o jovem professor da Escola de Puericultura, os dados estatisticos de outros paizes com

o Brasil e notou quanto a mortalidade infantil. Disse do doutorando em Floresta, dos Leões, nomeado chefe do Departamento de Higiene. Elogiou a attitude do Prefeito dr. Eurico Guerra pela sua solidariedade, na proposta de fundação de uma escola e de uma revista que difundisse em Floresta, dos Leões, as noções de Puericultura e Higiene Infantil. Referindo-se á mulher dizia o dr. Luiz Landen, «que a proporção que o mundo se civilizava, voltava elle aos seus deveres primitivos: procrear, educar e criar» e terminou a sua palestra dizendo que «difundindo noções de Puericultura e Higiene concorrendo desta maneira para diminuição da mortalidade infantil, era a finalidade da Escola de Puericultura do Recife.»



## TEXTO 14

# A radio-telegraphia e seu desenvolvimento

PALESTRA IRRADIADA NO RADIO CLUB PELO NOSSO COLLABORADOR DR. MARIO MELO, FISCAL DO SERVIÇO RADIO-TELEPHONICO DE PERNAMBUCO.

Os radio-cultores, em geral, só se occupam com a pratica. Adquirem um appaarelho, montam antenas, arranjam bateria e prompto. Não teem a curiosidade de saber como se produzem as ondas que recebem e muito menos como evoluíram as experiencias até chegar-se ao resultado de hoje.

Por isso, não haverá mal nenhum em tomar-lhes eu alguns minutos para falar dos primordios da radio-telegraphia.

Tudo tem sua historia; até a propria historia.

O pae da radio-telegraphia foi Guilhaerme Marconi e suas primeiras experiencias datam de 1894.

No anno de 1867, o professor James Clerk Maxwell, da universidade de Edinburgo, descobriu theoreticamente que o ether podia ser posto em forma de ondas, pela acção de um circuito electrico.

Desenove annos depois, Heinrick Hertz, da Alemanha, poz em pratica a theoria de Maxwell, creando as ondas electromagneticas que são por isso chamadas ondas hertzianas.

De 1889 por deante começaram as tentativas para a transmissão dessas ondas. Foi quando Marconi comprehendeu que as ondas hertzianas poderiam produzir os signaes do alphabeto Morse. Construiu dois appaarehos para recepção e transmissão dos signaes Morse, foi á Inglaterra e conseguiu, em 1894, enviar e receber mensagens á distancia de duas milhas.

Estava assim descoberta a radio-telegraphia.

Continuando a melhorar o seu invento, obteve Marconi, em 1897, a communicacão no mar entre dois navios distantes dez milhas e entre duas estações costeiras separadas por vinte e quatro milhas. Para isto, empregou Marconi uma chispa electrica, geradora de ondas no ether.

Reconhecendo a insuficiencia desse processo, o professor Fessenden, da Universidade de Pittzburgo, inventou, em 1906, o alternador de radio-frequencia que produziria uma onda continua de energia, em vez da energia irradiada em grupos curtos, como no caso dos appaarehos de chispas. E, em 1917, o dr. Alexanderson inventou os alternadores de 200 kilowatts com cujo concurso se fizeram possiveis as communicacões mundiaes.

Ha, ainda, outras modificacões apresentadas ao invento de Marconi e entre estas o arco de Poulsen, de Valdemar Poulsen, para gerador de ondas continuas, em 1908; a valvula Fleming para a recepção, por sua vez melhorada pelo dr. De Forest com um electrodio a que deu o nome de «grilla».

As primeiras antenas empregadas por Marconi, no começo de suas experiencias, foram uma especie de pagagaio dos que empinam os meninos. Eram glóbsos cobertos de papel de estanho. Não resistiam, porem, aos vendavaes.

Em 1899 o governo francez pediu a Marconi fizesse experiencias atravez do canal da Mancha. O inventor montou uma estação em Dover e outra em Boulonha. A 27 de março foram trocados signaes atravez de 32 milhas. Um assombro!

A primeira vantagem da radiotelegraphia foi comprovada pelo albirramento do vapor *Mathews*, a 28 de abril de 1899, com o *East Goodwin Sands*. O *Mathews* pediu soccorro pela radiotelegraphia e da costa, a 12 milhas, partiram auxilios antes do afundamento.

Em 1901 foi Marconi aos Estados Unidos, montou uma estação em S. João da Terra Nova, tendo deixado outra em Poldhu, na Inglaterra, com instrucções de irradiar todos os dias, á hora combinada, a letra S. A 12 de dezembro percebia Marconi, pelo seu appaarelho, os trez pontos da letra S, transmittidos da Inglaterra. Estava cruzado o Atlantico pela radiotelegraphia, numa distancia de 2.000 milhas.

Da radiotelegraphia para a radiotelephonia foi um pequeno salto, uma ligeira modificacão. Os ensaios de mais valor foram feitos por De Forest.

A 2 de novembro de 1920 a estação KDKA de Pittsburg iniciava a propalacão publica de notas de musica pelo telephonio sem fios, abrindo um campo inteiramente novo e fazendo do radio um motivo de prazer e de interesse para todos os habitantes da terra, sem exclusão de Pernambuco, onde dia a dia tanto se desenvolve a radio-cultura por uma contaminacão tão irresistivel que já se chama a esse genero de proveitoso desporto radiomania...

(Jornal Pequeno 26.01.1925)

## TEXTO 15.

A leitura de uma obra intitulada "Theatro Radiophônico" forneceu-me o tema para essa lição palestrada, feita por quem, não se confessando radiophilo, deposita, contudo, as melhores esperanças nas possibilidades desse elemento de diffusão artística.

Creio que ainda não tivemos ocasião de ouvir qualquer trabalho escrito especialmente para o rádio. A literatura theatral radiophônica é precária, em nosso meio. Não temos saído da reprodução mais ou menos esteril de peças escriptas para a scena, como ainda agora vem fazendo o "Radio Mayrinek Velga", com a transmissão de operetas completas, lidas e cantadas no proprio estúdio da sociedade.

Mas, não é isso o radio-theatro. Elle reclama uma literatura especial, um archivo de obras escriptas exclusivamente para serem interpretadas deante do microphone. O que é, aliás, bem comprehensível, porque o radio-theatro, não utilizando os recursos visuaes, faz appello sómente aos recursos auditivos, os quaes poderão, por si só, crear um mundo real, constituindo o que chamariamos uma arte plástica auditiva.

Qualquer pessoa conheço as intimas relações existentes entre os nossos cinco sentidos. A ideia de um facto qualquer, relacionado ao mundo exterior, é tanto mais nítida e clara, quanto maior fór o numero de sentidos interessados na sua representação mental. Para a percepção das obras de arte, porém, dois sentidos são primaciaes: a visão e a audição. De uma intimidade familiar, elles se conjugam em nós, numa interendencia capaz de nos relevar tonalidades violaceas nos noturnos de Chopin, harmonias estranhas nas linhas de um marmore esculpido, a severidade da Atropole na Apassionata de Beethoven ou a córd do sangue no som do clarim. Cozas que os artistas facilmente percebem. No theatro, os dois sentidos pontificam. Reparar, porém, nas dificuldades com que luta o rádio, jogando, apenas, com os recursos auditivos, para crear no espirito dos seus ouvintes, a illusão da existencia de um mundo real de formas, de cores, emfim, de plasticidade. Dirão que o cinema mudo também se ressentia dessa precariedade e, entretanto, triumphava. Mas o cinema mudo utilizava a mimica e o gesto. E isto já era muito. Elle desenvolveu de tal maneira os seus elementos de expressão, de tal maneira apurou a sua technica, que attingiu, em pouco tempo, a perfeição, constituindo, legitimamente, a sétima arte. Hoje, em pleno reinado do cinema falado, já podemos serenamente afirmar que a voz, pretendendo completar a illusão que a scena mudo nos dava, não passou de um elemento intruso em uma arte que já por si se crystallizara como expressão do espirito creador do homem.

O theatro radiophônico, porém, não dispõe de elementos de excitação auditiva. É um theatro para cegos. Resta saber se estes elementos são sufficientes para despertar, numa emoção de arte, a illusão do mundo real. Já podemos respon-

der affirmativamente. Em lugar dos scenarios de tela ou de papel do palco, a transmissão radio-theatral joga com os chamados "scenarios de ruidos", que exercem uma immediata acção reflexa sobre o systema nervoso. Muitas vezes, não precisamos ouvir para nos apercebermos da realidade, construído em nossa imaginação quadros que pouco ou nada se distanciam della. Nesse particular, o rádio é vencedor, graças aos multiplos recursos da voz humana, dos instrumentos e dos ruidos. Um incendio, representado na tela ou no palco, não nos daria tão perfeita illusão quanto si, através de uma estação transmissora, sem prévio aviso aos ouvintes, ouvissem elles os pedidos de socorro, o relar dos carros, o crepitar das madeiras, o ruído da agua e os gemidos das victimas. Em taes casos — ficam todos certos — a imitação é superior ao que se quer imitar. Teriam os ouvintes a impressão real de que um microphone fóra posto nas proximidades do predio sinistrado, enquanto o "speaker" iria detalhando o episodio terrível da casa em chamas. Para essa impressão não é preciso ver. Os ruidos transmitidos estimulam a imaginação, muitas vezes arrastada a exceder a propria realidade daquillo que, no final de contas, não é real. Houve mesmo uma estação de rádio que, durante uma das suas emissões — qualquer coisa semelhante ao que acabo de descrever — pediu aos ouvintes que apagassem a luz em volta de si: "desenrolando-se a acção durante a noite, a illusão não podia deixar de ser mais completa".

Em certos centros transmissores, os recursos radiophonicos se desenvolveram de tal maneira que pode ser representada uma peça theatral, especialmente escripta, e na qual appareciam phantasmas. Não faltaram os radiophilos que affirmaram ter sido tão expressiva a irradiação, que elles tinham visto, realmente, os phantasmas, através o ruído das vozes apovoadas e das correntes que se arrastavam sobre o soaço.

Theatro de cegos, é verdade, mas, deante do qual os cegos têm a "imaginação" em pleno exercicio e a attenção controlada", principalmente se a musica intervier para constituir um fundo sonoro, ella que é, no dizer dos mestres, "o primeiro vehiculo de sensações da arte invisivel".

Não quero roubar mais tempo aos meus ouvintes. Alguns delles, certamente, já fatigados, estarão procurando outras estações, realizando essa pequena obra de arte que é a synthonização. Uma obra de arte, sim, porque já se disse que o radiophilo, regulando a qualidade de sua recepção, não experimenta somente o prazer de um espectador passivo, mas, também, o orgulho e a vaidade de um verdadeiro artista. Que esses artistas, apegoados ás suas valvulas, como o pianista ás suas teclas e o violonista ao seu arco, não descreiam do futuro da radiophonia theatral.

Ella tem muito a dar. É capaz de provocar as emoções mais nobres e os seus recursos são illimitados. Imaginem por exemplo, que, apolados nas vozes e

pequeno episodio radio-theatral no fim dessa primeira palestra, justo neste momento que está passando, os snrs. ouvintes perceberiam a queda de um corpo a minha voz estrangulada na garganta, a transmissão que se suspende e se reabre indecissamente, passos que se aproximam precipitadamente, vozes de susto, de medo, de surpresa que se levantam, uma cadeira que cai, uma ordem que se percebe nitidamente, o telephone que se utiliza: "Alô! Alô! 2134! Assistência!" — portas que se abrem e que se fecham, uma crise subita de choro, borborinho de gente, sussurros, confusão e a voz do "speaker" que annuncia em phrases rapidas, entrecortadas: "Alô! Alô! P R A 8! O dr. Waldemar de Oliveira acaba de ser victima de um ataque fulminante! Está sendo socorrido pelo dr. Agenor Bomfim, que se achava presente no momento! O seu estado é gravissimo! Lamentamos profundamente o succedido... Está suspensa a nossa irradiação de hoje. Daremos, em seguida, alguns informes... E a transmissão que se interrompe para voltar um minuto depois: "Alô! Alô! P R A 8. Acabamos de irradiar... ah! um ligeiro fremito de emoção... Ao telephone, alguns amigos — tão poucos, — viriam saber, informar-se... Talvez algum automovel parasse á porta do Radio Clube, apressado... Haveria, também, algum sorriso de indiferença ou de alegria... Tenho também os meus filhos, graças a Deus... Mas, uns e outros — amigos e inimigos — veriam, esclarecido o incidente, que as possibilidades do Radio Theatro são immensas... Não grandes quanto a phonotheatro evangelica flagelou, que ouviram até o fim essa minha estafante palestra."

7

Palestra Radiophonica

Lida ao microphone do Radio Clube de Pernambuco

Waldemar de Oliveira

## TEXTO 16.

## DO THEATRO PARA O RADIO

**“Chico Dunga” e  
Luiz Maranhão --- P.  
R. A. 8 vae lançar o  
theatro policial**

Luiz Maranhão foi um presente do Theatro ao radio.

Presente bom. De primeira. Valendo o que pesa. Quando trocou o palco pelo microphone tinha a certeza de vencer. Os intelligentes são sempre bafejados pela hõa sorte. Depende de persistencia. De forçarem a chance so-nhada.

Hontem fomos ao Radio Club. Luis Maranhão ás voltas com a adaptação radiophonica de uma peça, mesmo assim, recebeu-nos com a sua familiar camaradagem.

— Queremos nôvidade para os nossos leitores.

Maranhão limpou os oculos :

— Você tem muita sorte. Ia mesmo avisar ao JORNAL PEQUENO que breve estreademos o theatro policial, Novellas de successo escriptas especialmente para o radio. Novellas com mysterios a serem desvendados pelo publico ouvinte de P.R.A. 8. Premios em dinheiro aos vencedores. Nôvidade no genero, meu caro.

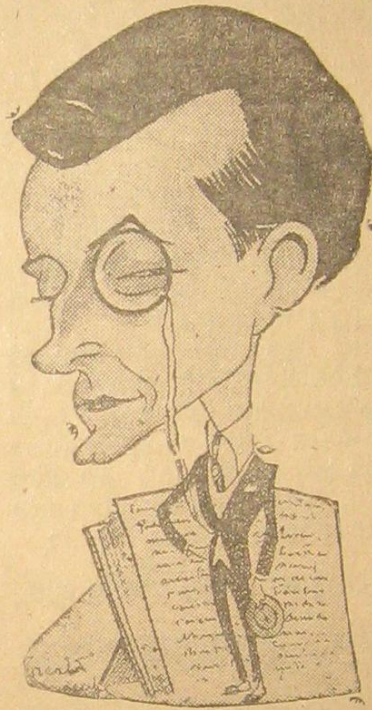
— «Como e quando ingressou no Radio Club ?

— «Em 1932, dizendo versos. No anno de 1934 assumi a direcção do radio theatro. Contando com a collaboração efficiente de Leticia Flora, Mercedes del Prado, Jovelina Soares, Poliana, Jonas de Souza, Vicente Cunha, Pedro Alves, Paulo Moreira (Nelson Ferreira), Carlos Bastos, Creusa de Barros e Zorilda Castelar, já irradiamos cerca de cincoenta e tres peças, afõra sketches em vultoso numero.

Quasi todas as adaptações são feitas poi mim.—»

Luiz Maranhão faz uma ligeira pausa :

— «Sentimos a ausencia dos nossos theatrotologos. Elles hem poderiam en-



**LUIZ MARANHÃO, director  
do Theatro pelo micro-  
phonio**

viar as suas peças para o nosso theatro. Adaptadas ao microphone ou não, seriam recebidas com prazer. E' interessante o contacto do radio ouvinte com os autores da terra. Autores conhecidos, Nomes familiares como Silvino Lopes, Lucilo Varejão, Mario Sette e uma infinidade delles.—»

Maranhão ainda fez considerações sobre o nosso meio artistico. Discuti valores. Apresentou suggestões. Foi longe.

Finalizando a sua ligeira entrevista, pediu tornassemos publico que elle é o famoso Chico Dunga, uma criação sua no programma «Quatro vidas».

Aliás esta declaração envolve a modestia que é uma das suas características. Chico Dunga e Salamão Absalão fazem parte do domingo radiophonico em terras pernambucanas.

# A Fala Do Presidente

## Getulio Vargas

Como s. exc. definiu a sua attitude



GETULIO VARGAS

RIO, 2

Aos primeiros minutos de hontem, o presidente Getulio Vargas falou, pelo radio, á Nação.

Enviemos os principios trechos da proclamação de s. excia. :

«Brasileiros :

Dirijo-me a todos vós, neste momento de jubiloza expansão: falo ao povo brasileiro, amavel e bom, generoso e bravo; venho trazer a todos vós, sem distincção de classes nem de profissões, a minha saudacão fraternal e os meus votos de perfeita felicidade.

Ha precisamente um anno vos concitava, em opportunidade identica, á uniao sagrada em defesa dos principios conformadores da Nacionalidade.

As apprehensões daquella hora contrariada satisficções, hoje, satisficções confortantes, dentro de um ambiente de segurança proprio ao trabalho fecundo e á livre expansão de todas as actividades. Promettera dar-vos tranquillidade, sob a égide da lei, e cumpri, estricteamente, o prometido.

Os imperativos da defesa do regimen e da ordem interna não foram, entretanto, preoccupações exclusivas do governo. Sem delles descurar um só instante, cuidou-se, ainda, de promover, pelos processos indicados, a prosperidade geral.

O Brasil realizou, no anno de 1935, mais algumas etapas decisivas do seu desenvolvimento, apresentando-se notavel, em todos os sectores da publico administração, os progressos alcançados.

Em materia economica-financeira, não nos afastamos por rumos essenciais.

Praticamos na pratica de levar a ac-

ção promissora do poder publico a todos os empreendimentos de interesses collectivos, sem esquecer de absolver a iniciativa privada, antes emparsado-a e favorecendo o surto de novas culturas e industrias.

Num permanente cuidado pela melhoria da situação financeira do pais, procurou-se estimular o crescimento das rendas de acordo com a capacidade dos contribuintes, desenvolvendo, progressivamente, segundo as necessidades reses de cada região.

Sem recorrer a empréstimos, sem sobrecarregar o Thesouro, satisfazendo pontualmente os compromissos internos e externos conseguimos alcançar uma phase ascendente da economia e manter em ordem as finanças publicas.

Não esqueceremos, em occasões de larga demonstração.

Os indices da exportação sobem de modo animador.

O algodão, os productos da pecueria e derivados, o cacau, o fumo, contribuem hoje, ponderavelmente, para os saldos nessa balança de contas.

Embora a nova divisão tributaria estabelecida pela Constituição tenha deslucido o organismo da Republica de fontes de renda certo, facilmente arrecadaveis, os dados relativos ao exercicio

--- De minha parte, farei quanto fôr possível para que o pronunciamento da opinião nacional occorra dentro dos marcos da democracia activa, em atmosphera livre e sadia, circumscripto ao debate pacifico dos comicios --- disse o presidente da Republica

corrente mostram que, nos onze meses d'ocorridos, a receita attingiu a 2 milhões e 351 mil contos, excedendo, portanto, de 298 mil á previsão orçamentaria.

Apesar de destinarmos 21,2% da receita aos pagamentos de compromissos da dívida publico, 2,07% á liquidacão de contas processadas e mais 56,2% a verbas «passivas», mantemos em equilibrio as contas da Uniao, e o governo, com os 13,53% que lhe restam para as applicações materiaes, prossegue as obras de volta encetadas e inicia outras. ■ ■

O Thesouro, com os compromissos em dia, dispõe de 21 toneladas de ouro em deposito.

E, reflectindo a situação de melhoria geral, vemos o cambio reagir, passando o estacão da cotação dos 90, no começo do anno, á actual de 82000.

Depois de ter um resto mizerioso de suas realisções e de sua actividade administrativa, dá o presidente Getulio Vargas.

Em 1935, ao expirar o anno, quando uma nuvem torva de odios ameaçava os lares brasileiros, eu vos prometti a garantia de todos os direitos dentro da ordem legal. Cumpri o prometido. O Estado foi dotado do aparelho defensivo que o momento impunha, e actuamente, funcionando a justiça especial dos delictos politicos, pode fazer frente aos ataques extensivos ou dilacerados dos seus inimigos. Assim fortalecido, acha-se em condições de ser magno, sem perigo de segurança, dando liberdade a numerosos presos colhidos como suspeitos ou indiciados de culpa.

Continua na 2.ª pagina

tora tomou as seguintes deliberações:  
 Juiz sr. Manoel Pinto.  
 Delegado e cronometrista—sr. Almo Rodrigues de Souza.  
 Medico—dr. Argeniro Costa.  
 Preliminar: Sport x Tramways, juvenis.  
 Juiz—sr. Antonio Casado Junior.

viaria, no jogo interestadual com os paulistas; os grande meia-esquerda rubro-negro, Marcello Aguiar. O quinteto electrico com o concurso de Marcello muito laré, e será o seguinte:  
 Alcides—Carvalho—Tará—Marcello—Olívio

Sabão v.  
 São Paulo  
 S.  
 Amanhã  
 clubs aci

# O FALA DO PRESIDENTE ANTE GETULIO VARGAS

(Continuação da 1.a pagina)

abilidade em consequencia do golpe comunista.

O anno que vai entrar, acredita-se, terá parte das energias nacionais desviadas para o debate em torno da campanha presidencial e escolha do brasileiro que a vontade expressa do povo indicou para a suprema direcção do país. Vale o esforço para accentuar que os perigos politico-partidarios, de modo algum, devem alterar o rythmo na administração publica ou retardar a solução dos problemas nacionais, unica que realmente preoccupam ao governo e aos homens conscientes das suas responsabilidades perante a nação.

De minha parte, farei quanto for possível para que o pronunciamento da opinião nacional ouçra dentro dos marcos da democracia activa em atmosfera livre e sadia, circumscripção ao debate pacifico dos comícios. Não regeitarei a minha collaboração serena, a experiencia adquirida no trato quotidiano, com os homens publicos, já pessimista de que o nome escolhido represente effectivamente a vontade da maioria do povo brasileiro.

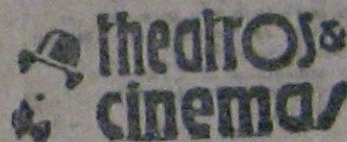
A quem exerceu o governo em condições excepcionaes, confiado a maior somma de poderes conferidos a um governo brasileiro, e jamais se deixou empolgar pelas tentações do mundo, a quem se manteve invariavelmente magnum e comedido nos seus actos, só interessará influir para uma solução elevada e conciliadora; acima dos regionalismos estreitos e das competições de corrilhos, acima de fortalecer o regimen e as instituições e de evitar os perigos que ameaçam a unidade nacional. Dentro de uma linha de conducta inteiramente imparcial, permanecerei vigilante nos sistemas da ordem e ás exigencias da livre exercicio dos direitos politicos, certo de contar, para isso, com a collaboração patriótica e disciplinada das forças armadas.

## BRASILEIROS.

Em momento de confraternização e expansividade como este, quando as esperanças no futuro acordam mais vivas e fortalecem os animos para a lucta diária e a lucta pelos grandes ideais de paz e prosperidade; quando, no seio da vasta familia christa, os espiritos e as corações se reconfortam no influxo das puras alegrias; quando os homens se estendem as mãos fraternamente, encarando de frente as dificuldades e vencendo as obstáculos a transportar, quan-

do tudo vibra em cantos e hymnos, posso falar-vos assim, com absoluta e confiante franqueza.

Nestas palavras, que o milagre da coincidência me permite dirigir simultaneamente a cada um de vós em particular e a todos em geral — brasileiros das longas plagas do Sul, valerosos patriotas dos longinquo rincões do Norte, concidadãos do mundo em marcha que é o Brasil central — nestas palavras, quero traduzir, de coração, a serena confiança que me dá o sentimento do dever cumprido e o desejo ardente de reavivar também no vosso espirito, com a chama dos agradaes enthusiasmos, a força da fé nos destinos da patria, cada vez mais digna do nosso amor, cada vez mais nobre, mais bella e feliz.



### NO MODERNO

#### ESPOSO E AMANTE

Num film deliciosamente romantico, Myrna Loy e Warner Baxter reaparecem ainda hoje e amanhã, no Moderno, em «Esposo e amante».

É uma linda historia de amor, satisfactoriamente interpretada por aquella dupla.

#### A MATINAL INFANTIL DE AMANHÃ

O Moderno, fará exhibir amanhã em matinee infantil um lindo programma composto de bons films, entre os quaes a grandiosa película «Esposo e amante».

### NO PARQUE

#### HISTORIA DE LOUIS PASTEUR

O Parque apresentará toda esta semana, o film que mais tem impressionado a critica e o publico — «A Historia de Louis Pasteur», — que tem como interpretes principaes Paul Muni e Josephine Hutchinson.

### MUITO BARATO

Vende-se um livro em ottimo estado a tratar da rua Padre Muni e o 1.º andar

Da c  
 do l  
 e  
 con  
 vira  
 alg  
 leu  
 de  
 es  
 Per  
 ira  
 sad  
 itag  
 o  
 m  
 mer  
 cado  
 cur  
 v  
 to  
 O  
 ar  
 te  
 post  
 on  
 his  
 phic  
 de  
 off  
 tem  
 1937.  
 A  
 r  
 á  
 A  
 P.  
 D  
 Port  
 vid  
 Chro  
 filia

## TEXTO 18

ção o resultado da... dos dois, do mesmo modo que a água,

**ONTEM, HOJE E AMANHÃ**

**Mário Melo**

Na semana do Estado-Novo, isto é, nos dias que antecederam ao primeiro aniversário da Constituição vigente, fez o Interventor uma espécie de sabinina com seus principais auxiliares. Mandou que cada um fosse ao Rádio-Clube e lhe dissesse em voz alta, isto é, falasse de modo que todos ouvissem, o que fez no primeiro ano de sua gestão.

Felou em primeiro lugar o Prefeito do Recife. O sr. Novaes Filho tem requisitos para locutor de rádio. Em voz clara, de agradável timbre, sem esquecer aquele refrão com que encarece a operosidade dedicada à nossa capital, de homem de engenho acostumado à vida do campo, foi enumerando: fiz isto, fiz aquilo, fiz aquilo outro; vou fazer mais isto, mais aquilo, mais aquilo outro.

Terminada a falação que atentos ouvimos, voltou-se para mim o Interventor.

**Continua na 4.ª pagina**

**Ontem, Hoje e Amanhã**

**Continuação da 1.ª pagina**

tor, meio envergonhado com o acerto da escolha de seu prefeito, e disse-me: — O Novaes estragou-o.

— Tendo feito tanta coisa e tendo anunciado o que pretende fazer não lhe dá mais enxaquecas a reclamações. Tomou todos os caminhos.

Dentro os serviços enumerados pelo Prefeito, estava a conclusão do calçamento da rua da Hora.

Dir-se-ia obra de Santa-Engrácia. Conheci a rua de Hora como bêco fechado. Começou na Estrada de João-de-Barros e findava um pouco adiante do cruzamento da rua de Santo-Elias, interceptada pelo chamado Sítio das Freitas.

Cerca de 1920 foi o sítio adquirido para a construção do Hospital do Carotênório.

Prolongaram a rua da Hora até a estrada dos Afritos.

Vieram logo novas construções no trecho prolongado.

Na governação Sérgio Loreto, foi decidido que a Tramway faria um ramal para o Espinhaço colocando os trilhos pelo novo trecho da rua de Hora.

Na administração Costa Meia, foi resolvido retificar toda a rua da Hora, colocando-se lhe o meio-fio para próximo calçamento.

Não permitia a revolução de 1930 ficasse completado esse serviço municipal.

Seguiram-se-lhe as administrações Lauro Borba e Antônio de Góis, sem que o trabalho iniciado tivesse continuação.

Quase no fim de sua estada na Prefeitura, mandou o prefeito Pereira Borges atocar o serviço.

A nova ordem política o impediu de completá-lo. Deixou, entretanto, mais ou menos um terço pronto.

Finalmente o sr. Antônio Novaes quis acabar com o autengracismo da rua, mandou atocar o trabalho de-com-força e chegou ao fim.

Graças à retificação para alargá-la, passeios de três metros de cada lado, está hoje uma das mais importantes ruas da cidade. Poderia, em relação a algumas avenidas que possuímos, receber sem receio o nome de avenida, que outras há, menos largas e menos importantes.

Note-se que para esse benefício contribui com o meu desconforto. A retificação da rua trouxe como consequência uma espécie de despêjo amigável dum casarão velho em que residia há mais de dez anos e donde nunca mais desajaria sair, o qual vai servir de pasto à picareta.

Compensa-me entretanto, o desconforto, em nome do qual poderia estar mal satisfeito, o ver o progresso da cidade.

(Jornal Pequeno 24.11.1938)

## TEXTO 19

Maria de Lourdes Cavalcanti  
Secretaria

## Mesa redonda sobre o Pronto Socorro despertou interesse em toda cidade

### Sucesso sem precedentes do programa «Cartas na Mesa» — Participaram o secretário da Saúde, diretores do D. A. H., D. O. P. e do H. P. S. — O povo também tomou parte nos debates — Empenhado o governo na construção do novo hospital

Revestiu-se de grande sucesso a apresentação, ontem, através da Rádio Clube de Pernambuco, do programa «Cartas na Mesa», criação do Departamento de Rádio-Jornalismo das Emissoras Associadas.

O assunto debatido girou em torno das instalações e funcionamento do Hospital de Pronto Socorro, tomando parte na mesa redonda, os Drs. Artur Coutinho, secretário de Saúde e Assistência Social; Nestor Cavalcanti, diretor geral do Departamento de Assistência Hospitalar; Bruno Maia, diretor do HPS; Ladislau Porto, médico psiquiatra, e Alde Castro Salgado, diretor do Departamento de Obras Públicas.

No decorrer dos debates, os ouvintes encaminharam perguntas, através do telefone, aos participantes do programa, perguntas essas que foram integralmente respondidas.

O dr. Artur Coutinho esclareceu o interesse que o governador do Estado tem dispensado aos problemas do HPS, inclusive mandando providenciar novos melhoramentos em suas dependências e se interessando na aquisição de ambulâncias modernas para atenderem às necessidades do serviço.

Pelo seu diretor, dr. Bruno Maia, foram devidamente respondidas as perguntas dos ouvintes sobre a questão da higiene e conservação do prédio do Hospital, esclarecendo, também que, cingindo-se à letra do seu regulamento, aquela instituição tudo tem feito no sentido de melhor atender à população recifense.

Foi abordado o assunto relativo ao novo prédio do HPS que, dentro de pouco tempo, será construído nesta capital.

Finalmente, tendo se esgotado o tempo previsto para o programa, novo convite foi dirigido aos seus participantes para uma outra mesa redonda, a fim de prosseguir o debate do assunto, que tanto interesse despertou entre os seus ouvintes.

(Continua na 7ª pag. — Letra S)

## HOJE, A INSTALAÇÃO DA FACULDADE DE ODONTOLOGIA

### Presença de altas autoridades

será realizada hoje, as 20 horas, na rua do Hospício, 949, a solenidade de instalação da Faculdade de Odontologia de Pernambuco, autorizada a funcionar por decreto do presidente da República, assinado no dia 24 de dezembro.



Os Drs. Artur Coutinho, Nestor Cavalcanti, Ladislau Porto, Bruno Maia e Alde Salgado, quando debatiam problemas do «Pronto Socorro», no programa «Cartas na Mesa»

(Diário de Pernambuco 11.01.1958)

## TEXTO 20

## PELA INSTRUÇÃO QUESTÕES DE ENSINO.

A “Rádio Nacion

**o patrocínio da divisão de ensino secundário. Seu fim é transmitir diariamente (exceptuando as quintas e os domingos) aulas de orientação metodológicas para as diversas disciplinas, constituindo um curso cujas inscrições são gratuitas e que dará direito a um certificado de aperfeiçoamento.**

Do seu programa constam:

- A) Meios de apresentar ao alumno a disciplina - discutindo o modo de dirigir e reter sua atenção.
- B) Meios de intensificar o interesse do alumno pela matéria.
- C) Meios de verificar o aproveitamento do alumno e despertar nelle o desejo de aprofundar a matéria.
- D) Bibliografia para o professor.

Do corpo doscente fazem parte: Antenor Nascentes, Português; M.J. Schimidt, Francês; Abguar Renault, Inglês; Júlio Barata, Latim; Jonathas Serrano, História do Brasil; J. B. melo e Sousa, História da Civilização; delgado de Carvalho, Geographia; Venâncio Filho, Sciencias; Mello e Souza, Mathematica; Fernando silveira, Noções de Estatística.

Para as inscrições, já estão os collegios da capital recebendo os informes preciosos. E sem dúvida com o objetivo de sanar a impossibilidade de ouvir aquelles programas (Em Pernambuco, por exemplo, quasi não se consegue apanhar claramente o Rio àquella hora)<sup>57</sup> serão distribuídas cópias das lições para que no término das mesmas, possam os interessados apresentar um trabalho e conseguir, assim, o certificado de aperfeiçoamento a que alludimos.

Ahi está uma iniciativa, cuja apresentação constitue, por si só, um testemunho do próprio valor. A escolha do corpo doscente da divisão do ensino secundário fazem-na, de resto, algo de singular nossas actividades didacticas. Sente-se, pelo menos, que o interesse pelo preparo technico do professor ganha intensidade. E isto, em si, já se pode considerar uma grande coisa.

(Jornal do Commercio. 17 de Maio de 1937. N. 113)

---

<sup>57</sup> Estava-se no ano de 1937, neste período, de fato, a aparelhagem técnica da Rádio Nacional não era tão eficiente quanto a que foi usada nas décadas de quarenta e cinquenta.



## TEXTO 21

Todos os domingos  
às 18,30 horas, a  
**RADIO TAMANDARÉ**  
apresenta o hilariante  
PROGRAMA  
**«ALEGRIA DA RUA»**  
numa especial gentileza  
do  
ÓLEO DE PEROBA

HOJE, ÀS 14.35 HORAS  
pela  
**RADIO TAMANDARÉ**  
MAIS UM CAPÍTULO  
da famosa novela de  
GHIARONI  
**A Graça de Deus**  
INSTITUTO DO AÇÚCAR

(Diário de Pernambuco 30.10.1958)

## TEXTO 22

# FAÇAMOS JUSTIÇA

ESCREVE ALCIDES TEIXEIRA

para Folha da Manhã e Rádio Olinda

Prezadas e amáveis vovózinhas, bom dia. Neste instante, em que iniciamos, mais uma semana de trabalhos, saúdo fraternalmente, a imensa família católica do nosso Estado. Aproveito a oportunidade, para cumprimentar os meus amigos, que seguem a doutrina espírita. Dou os meus humildes votos, de um bom e venturoso dia, aos lares daqueles, que são vinculados, na religião protestante. A todos, que em seitas outras, seguem e cultuam, os sagrados ensinamentos de Cristo, queiram aceitar, o meu cordial bom dia. Vovózinhas, a aparente calma que reinava nestes últimos dias, lá para as bandas da Rede Ferroviária do Nordeste, no que tange, ao movimento, que os heróicos servidores e a admiráveis heróicos servidores e admiração, cujo movimento, vem dando tantas dores de cabeça, aos farsantes e intrigantes, nestas últimas horas, como é do conhecimento, de todos aqueles, quantos ouvem o programa das vovózinhas, voltou a agitar-se. Heja vista, as tais notas oficiais, publicadas através de nossos jornais, procurando dar um colorido, ou um sentido diferente, a finalidade da luta, que a laboriosa classe vem tendo, em face da intransigência dos patrões, que de chibatadas em punho, procuram sustentar uma oligarquia odienta e prejudicial, de há muito desaparecida, em nossa pátria, cujo povo, naturalmente, acompanha, o progresso e a evolução do tempo, tal como outros povos, de outros países. Realmente, nos últimos programas, tenho reafirmado, a inutilidade de alguns elementos, que dirigem o Sindicato, como se aquela casa, fôsse uma boiada, que dentro de um cercado, é manobrada,

pelo chicote de um boia-deiro. Não é admissível, que méros bonecos, que vivem agarrados, a direção de um órgão de uma numerosa classe, sirva a interesses de terceiros, somente porque, as eleições, estão as portas. Como autómatos, e sem vocação para dirigir, servem somente, aqueles que procuram, afastar-me da luta, de méros serviçais, de políticos fracassados. Denunciei em dias passados, que a direção daquele órgão, dada a sua impassividade, ante uma questão, em que está em jogo, o destino de mais de dez mil pessoas, já não merece mais a confiança, desses mesmos associados. Não merece a confiança, porque, enquanto uns, lutam intransigentemente, com o risco de sua própria vida, sem quaisquer interesses políticos, religiosos, ou filosóficos, a direção do Sindicato, cruza os braços, deixando milhares de chefes de famílias, entregues a sua própria sorte. Tudo fazendo crer, a enorme dúvida que paira no ar, sobre a eleição realizada há dias passados, para a renovação da diretoria atual, e deixa-nos boquiabertos, perguntando a nós mesmos, se a tal eleição, em que saiu vitoriosa a atual diretoria, não é o papel Carbono, de uma vitória alcançada, por um cidadão, que em 1955 na cidade do Recife, foi levado para a rua da Guia, sob os efeitos de urnas fantasmas. Cremos, que este mesmo fenómeno, ocorreu, lá para as bandas da famigerada Rede Ferroviária do Nordeste, aonde a totalidade de uma classe, não lhes foi dada a oportunidade, para escolher livremente, um legítimo representante, que não fôsse um manivelado, pelas injunções, caprichos e pelas sabuj-

ces, da alta chefia. Cujas chefias, precisa manter, uns agentes seus naqueles cargos, para servir de cabeça de ponte, a fim de que continuem eles, a oprimirem, e massacrarem, os operários, sem que os dirigentes do órgão da classe, dêem um grito de protesto. Acontece meus amigos, que essa gente saudosista dos velhos tempos da ditadura, ainda não se conformaram, que o mundo, já não é mais aqueles, em que o nazifacismo, andava em ascensão, e que a nossa humanidade, vivia sujeita as bestialidades policiais, de uma meia dúzia de aigózes, que pretendia dominar, a ferro e fogo, as liberdades de perseguições, de uma gente, que segue religiosamente os sagrados ensinamentos de Cristo, em suas sacro-santas palavras, de paz e liberdade. Pois bem amigos. Conforme declarei acima, as fêras, voltam-se a se assanhar, dominadas talvez, por pessoas outras, que ao verem-se derrotadas, apelam para os métodos mais imorais, da calúnia e do suborno, procurando sublevar, a própria paz, reinante no seio de milhares de pessoas, aproveitando-se naturalmente, da situação de angústia e de desespero, diante de uma situação caótica, em que os envolveu, os homens máus e perversos, que os sonegam, aquilo que a classe ferroviária, tem direito. Mesmo assim, reafirmo a todos aqueles, que acreditam em minha humilde pessoa, e em minhas sinceras ações, que estou estudando, uma fórmula capaz, de se isolar, do seio da numerosa classe ferroviária, aqueles que massacraram, e os oprime. Eles, os meus inimigos, nada perdem em esperar. E os meus amigos da Rede Ferroviária, aguardem mais um

pouco, porque tudo farei, para que a vitória, nos sorria de uma vez por todas.

\*\*\*

Atenção vovózinhas. Atenção meus amigos ferroviários. Solicito de todos quantos estão ouvindo este programa, dirigirem-se urgentemente ao Hospital Pedro Segundo, no horário das 8 às 9 horas, a fim de doarem um pouco de sangue, para a senhora Petrolina Ribeiro de Souza, no quarto n.º 11, tia do nosso amigo Newton Costa Ribeiro. Cujas senhora, está passando mal, e espera ser atendida pelos corações bondosos, e todos meus amigos.

\*\*\*

Aniversariou no dia 23 passado, a jovem Lélia Gomes, filha do senhor Egídio Gonçalves, residente a Estrada do Matumbo em Beberibe. Parabéns a aniversariante.

\*\*\*

Está aniversariando hoje, o senhor Egídio Gomes, residente a Trav. Central n.º 57, em Beberibe. O aniversariante, recepcionará os seus parentes e amigos em sua residência. Parabéns dos que fazem o programa das vovózinhas.

\*\*\*

Através deste programa queremos agradecer aos ajuogeiros Vitaliano de Sena Sales, Antonio Teófilo de Oliveira, Pedro Teófilo de Oliveira, José Bartolomeu Amaral, Lúcio Cavalcanti Oliveira, Severino Batista da Silva, Severino Guilherme de Souza, em vista de terem aqueles corações filantropicos, atendido ao apêlo que fizemos em favor de dona Enfrázina, uma pobre senhora mãe de 8 filhos, residente em Agnus Compridas, por uma solicitação de nossa colaboradora d. Corina Pessoa Cavalcanti. Também queremos agradecer ao senhor Cláudio Vieira, em ter prestado a sua colaboração, em favor da referida senhora. Deus, é quem vos pagará.

(102)

A MANHÃ

A's 13.30 — 15.30

QUINTA-FEIRA

(Folha da Manhã 02.09.1958)

TEXTO 23

# Elle tambem foi "Valor Desco- nhecido"

**Não faz sambas  
mas tem diplomas --  
Carlos Brasil en-  
tende de arte culi-  
naria e pratica  
esportes -- Terror  
dos atletas**



O locutor **CARLOS BRASIL**

Quando elle chegou ao Recife ninguem deu por elle. A multidão discutia politica e foot-ball. Elle não fez caso e começou tambem a discutir politica e foot-ball. Foi para o «Radio Club» ser locutor.

Falava, falava e o povo nem nada. Mas o rapaz tinha valor. Tinha «testa de carneiro» como se diz na gíria. E quem é assim vence em qualquer parte do mundo. E Recife não é o mundo . . .

Assestou as baterias para a publicidade e foi longe. Veio o «Valores desconhecidos» e toda a cidade deu por elle.

Hoje é o «tal». O rapaz mais discutido nos cafés, nos cinemas, nos campos de foot-ball e principalmente nas casas onde existem mocinhas com «geitação» para Carmen Miranda, ou rapazes de vozes assucaradas como Orlando Silva. Escreve para o theatro pelo microphone e a critica diz que elle tem jeito para a cousa. Inventa programas diferentes e os programmas são ouvidos com interesse pelos radio-ouvintes.

Esta é a historia do Carlos Brasil. Do locutor que «faz medo» a muito moço de compleição athletica quando elles tentam um lugarzinho no «broadcasting» local.

Carlos Brasil foi o escolhido para iniciar a serie de reportagens sobre a vida íntima dos artistas da terra.

Gosto de musica, esportes e litteratura. Tenho diplomas e nunca fiz sambas. Chefe de familia exemplar, entendo muito bem de arte culinaria. Quero e ainda hei de muito fazer em beneficio do scenario artistico do Recife. Sua terra hoje tambem é minha terra. Gosto de olhar a paisagem praieira dentro de sua simplicidade poetica. O scenario sertanejo com seus caboclos de tempera rija. E, principalmente os luars esplendidos sobre os rios que cortam a veneza-americana . . .

Carlos Brasil teria continuado falando horas a fio se nós não o alertassemos sobre as horas que se desliavam rapidamente.

Apanhou a pasta e lá se foi a percorrer o commercio na sua febril actividade de ganhar rios de dinheiro para realizar lindos sonhos onde a parte romantica tem seu lugar especial . . .

Quando elle chegou ninguem deu por elle. Quando saber (que Deus nos livre!) muita gente importante vai dizer: — Aquella camarada era um «taco»! . . .

(Folha da Manhã 17.08.1939)

TEXTO 24

## O Reporter Esso... Rotariano

**"O primeiro a dar as últimas" faz parte do programa semanal dos rotarianos recifenses**

Dia a dia cresce o prestígio do Reporter Esso. "A criação radiofônica" da Companhia impoz-se, em três anos de irradiação, como um informador verídico, honesto, dos acontecimentos — levando ao público, a qualquer hora, a notícia dos mais sensacionais acontecimentos do momento.

Agora, a tantos louros conquistados — e devidamente registrados por esta Revista — "o primeiro a dar as últimas" acrescenta mais um: o pedido feito pelo sr. Jorge Bitencourt,

presidente do Rotary Club do Recife para que seja irradiado durante as reuniões semanais daquela agremiação.

Deste modo, toda quarta-feira, durante o almoço semanal dos rotarianos recifenses, é lido o boletim informativo do Reporter Esso que fôra irradiado às 12.30.

Publicamos nesta página um flagrante fotográfico de uma das reuniões do Rotary Club do Recife.

*O dr. Luiz Oticles lê o noticiário telegráfico da "porta-voz radiofônica dos Revendedores Esso" perante a atenta assistência.*



(Revista Esso 18.12.1944)

TEXTO 25

# ONTEM, HOJE E AMANHÃ

Mário Melo

Do sr. Edgar Freitas recebi a seguinte carta :

«Queira permitir-me fazer-lhe as seguintes perguntas, para as quais peço a sua autorizada resposta nas colunas do JORNAL PEQUENO.

— Está certo escrever-se «LOJAS PAULISTA» ?

— Está certo escrever-se «serve para todas as IDADE» (idade no singular) ;

Pois bem, a primeira frase é das conhecidas lojas do grande industrial pernambucano proprietário da Fábrica Paulista, de tecidos ; a segunda é de um cabuloso reclame de um produto nacional, mas, de empresa norte americana, da qual o Radio Club de Pernambuco se encarrega de fazer as propagandas no condenável sistema de gravação de discos.

(Continua na 4.ª pagina)

## Ontem, Hoje e amanhã

(Continuação da 1.ª pagina)

Aguardando a sua resposta, que resolverá uma duvida quanto ao primeiro anuncio (o da Paulista) e quanto ao segundo é apenas para uma advertencia á P. R. A. 3 pela facilidade com que aceita certos anuncios que comprometem a nossa capacidade de intelligência».

Creio que o missivista não tem duvida nenhuma quanto a constituirem erros graves — outrora caso de palmatória — as duas concordâncias.

Aliás da primeira tratei já em nota nesta columna :

Temos aqui um ajetivo no singular a concordar com um substantivo no plural.

Substituamos, por exemplo, o substantivo *loja* pelo substantivo *mulher* :

A mulher paulista é encantadora. As mulheres paulistas descendem dos bandeirantes.

Por aí se vê que *lojas paulista* é cassange. Ou *lojas paulistas*, ou *lojas da «Paulista»*.

Quanto a «serve para todas as idade» está no mesmo caso.

É o culto ao cassange.

Ainda não ouvi esse horrivel anuncio. Se realmente existe é caso de policia pelo desserviço que presta á instrucção.

(Jornal Pequeno 27.03.1941)

TEXTO 26

# ONTEM, HOJE E AMANHÃ

MARIO MELO

Nosso Rádio Clube de Pernambuco está precisando de uns conselhos, relativamente a seus anúncios comerciais.

Dir-se-á que o anúncio é o combustível que o movimenta. Mas tudo tem um limite. O Rádio Clube tomou compromissos de outra ordem, entre os quais está o da educação dos ouvintes. E, para que tenha ouvintes, é preciso também que não os irrite

Os anúncios lidos pelo locutor são tolerados. O que nos atormenta é a quantidade. Mas os de disco, nem os surdos os suportam, porque holem com os nervos.

Que missão educativa\* pode exercer o Rádio Clube, com aquele irritante solecismo — **Salve êle** — tantas vezes repetido durante o dia ?

Certa vez procurei corrigir pessoa sobre quem tenho autoridade e fiquei abismado com seu ar de estupefação, querendo sustentar que estava certo, porque ouvira no Rádio e era assim que

o Rádio anunciava.

Aquele outro anúncio dum sabonete, em que o locutor fala tão apressado que não se compreende, é o tipo do mau gosto. Somente por êle, pelo anúncio, fico fazendo mau juízo do fabricante ou quem o representa. Em matéria de espírito, não há de ser apenas pobre, porquanto deve merecer toda piedade tributada aos mendigos.

Há mais. Para afugentar completamente os ouvintes e fazê-los desligar a irradiação, metem uns discos velhos, rachados, ásperos, como um que trata de «Formose» e outro de «Mendaco». Parece que uma dessas tisanas é remédio contra tosse. Pois a agulha arranca tanta e tão continuada tosse do disco, que os anúncios em causa se tornam contraproducentes, como contraproducentes, atestados de ignorância, de mau gosto, são êsses que irritam, e cuja reprodução apenas serve para desmoralizar as irradiadoras que os propagam.

(Jornal Pequeno 02.06.1945)

# ONTEM, HOJE E AMANHÃ

Mario Melo

Os de minha geração, ainda que o queiram, não podem ignorar quanto á propaganda que desenvolvi deve a expansão do rádio.

E mais. Fui o primeiro ou dos primeiros a demonstrar praticamente aos sertanejos a utilidade do rádio receptor para trazê-los em contacto com a civilização.

Tive agora oportunidade de ver o que então pregava. Em cada município sertanejo há aparelhos de rádio,

que constituem centros de atração, ainda que em casas particulares, como observei na do velho Ribeiro, da Serra-Talhada.

Sabem eles quais os melhores programas, o noticiário que interessa, tanto de Pernambuco, como do Rio de Minas-Gerais, de São Paulo, da Inglaterra e dos Estados-Unidos, e estão a postos.

Falta ao sertão a imprensa. Os jornais  
(Continúa na 4.ª pagina)

## Ontem, Hoje e amanhã

(Continuação da 1.ª pagina)

mas ainda chegam com dez ou mais dias de atraso, mas o rádio põe o sertanejo em dia com os fatos mais importantes.

Na quarta ou na quinta-feira da semana passada, havendo estabelecido meu quartel-general na cidade de Belmonte, passei o dia fora, numa excursão a cavalo, para examinar umas itacotiarias na serra limítrofe com a Paraíba.

Ao chegar ao hotel á noite, encontrei ambiente fora do comum, Alegria comunicativa.

Indaguei a causa. O Rádio-Clube de Pernambuco noticiara que o rei da Itália dissolvera o ministério de Mussolini e chamara o general Badoglio para organizar outro.

Acertavam todos o fato como positivo e faziam os comentários. O rei matara o fascio. Era a paz em separado. Começara a derrocada da Alemanha.

Indaguei de pessoas de consideração. Asseguraram-me ter ouvido a noticia.

Falaram em Champanha, mas não havia Champanha em Belmonte. Alguns tiveram noticia de maracujós na casa vizinha. Seguiu um portador a procurá-los.

Outro foi á venda próxima e trouxe um liquido rotulado «mocolina». O terceiro foi procurar um cortico de mandassais, lamentando que na região não houvesse urussú.

Fez-se rapidamente manipulação química e a queda do fascio foi festejada com bate bate.

Havia alguém triste a um canto, com areca de quinta-coluna, porque não participou da festa.

Interpelaram-no. Disse que não via motivo para expansões. Ao contrário, Mussolini, até hoje, só servira para atrasar Hitler e faz-lo dispersar forças para minorar as situações difíceis dos italianos. — Esqueceram-se já do que se passou na Grécia? O aliado de Hitler é péto morto nas costas deste. Se alemães ficarão mais livres para atacarem...

(Jornal Pequeno 06.05.1942)

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)



[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)